

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AMIZADE E MIGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Mariana Sarro Pereira de Oliveira

Vitória

2017

MARIANA SARRO PEREIRA DE OLIVEIRA

AMIZADE E MIGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia.

UFES

Vitória, junho de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

O48a Oliveira, Mariana Sarro Pereira de, 1982-
Amizade e migração latino-americana / Mariana Sarro
Pereira de Oliveira. – 2017.
231 f. : il.

Orientador: Agnaldo Garcia.
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Amizade. 2. Migração. 3. Latino-americanos. 4. Cultura. I.
Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

AMIZADE E MIGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

MARIANA SARRO PEREIRA DE OLIVEIRA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

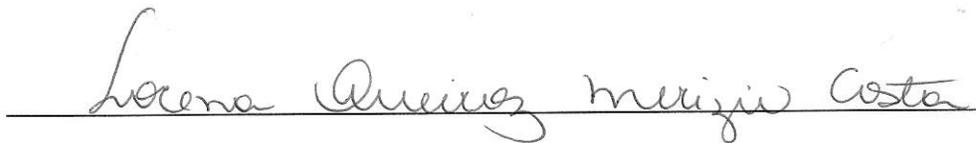
Aprovada em 13 de Junho de 2017, por:



Prof. Dr. Agnaldo Garcia - Orientador, PPGP/UFES.



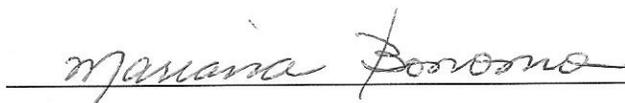
Prof. Dr. Fábio Nogueira Pereira, FAESA.



Dr^a. Lorena Queiroz Merizio Costa, Psicologia Clínica.



Prof^a. Dr^a. Maria Daniela Corrêa de Macedo, TO/UFES.



Prof^a. Dr^a. Mariana Bonomo, PPGP/UFES.

Dedico esse trabalho aos meus queridos familiares e amigos de toda uma vida que deixei na minha cidade natal, São Carlos – SP e aos que migraram para outras cidades, estados e países. Certamente, estarão sempre nas minhas lembranças e no meu coração...

AGRADECIMENTOS

A Deus, Nossa Senhora, Santidades e Entidades Religiosas nos quais fielmente acredito, muito obrigada pela coragem, força, determinação e serenidade na consecução dessa tese. Com certeza foram fundamentais, principalmente ajudando-me no primeiro ano de doutorado (2013), enquanto desempenhava o papel de professora em Governador Valadares-MG e estudante em Vitória-ES, ao mesmo tempo.

Agradeço aos participantes desse estudo, que se disponibilizaram a responder ao instrumento com prontidão e riqueza de detalhes, apesar do cotidiano repleto de demandas de cada um. Vocês são a alma, a essência desse trabalho.

Ao meu amigo de infância André Bolpet, pela ajuda com a pesquisa e a mediação dos contatos na Espanha, meus sinceros agradecimentos.

Muito obrigada aos caros professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFES, pelo compartilhamento de informações, sabedoria e pelas aulas motivadoras e extremamente agradáveis. Muito bom voltar a ser aluna...

Agradeço aos professores das bancas de qualificação, Lorena e Suemi, bem como de defesa, Fábio, Lorena, Maria Daniela e Mariana, pela leitura atenciosa do trabalho e principalmente pelas ricas e construtivas contribuições à melhoria do mesmo.

À secretaria do PPGP, principalmente aos secretários Carmen, Antônio e Arin, agradeço pela presteza e competência de sempre.

Agradeço ao meu querido orientador, Professor Agnaldo, por nortear minha caminhada nesse curso, e principalmente pelo modelo de paciência, empatia e respeito.

Ao Instituto Federal Minas Gerais (IFMG), agradeço pela concessão da licença capacitação nos últimos dois anos de meu doutorado. Obrigada pelo investimento.

Muito obrigada aos amigos do PPGP, principalmente à Dominique Goes Piazzarollo pelas conversas e ao meu querido amigo Marlon Caliman, sempre carinhoso, presente e pronto para me ajudar. Saudade dos nossos almoços no Restaurante Universitário...

Agradeço à minha família de origem: queridas irmãs, amigas com que a vida me presenteou. Mãe, amor incondicional, constante e eterno. Pai, exemplo de ser humano, de profissional e maior incentivador para os meus estudos, sempre... muito, muito obrigada por formarem a pessoa que sou e por não me permitirem desanimar nunca.

À minha nova família: esposo Rodrigo, amor e companheiro sempre presente em todos os momentos. Obrigada pelo suporte técnico na escrita da tese, pelas buscas na rodoviária de madrugada ao chegar de Vitória, pela paciência em me ouvir falando de um tema muito pouco familiar para um professor de Física e pelo compartilhamento das noites sem dormir com a chegada de nosso querido filho João Pedro...

E filho João Pedro, ensinamento do que é o mais forte e incondicional amor. Experiência mais cansativa (até que o próprio doutorado), porém mais doce que uma pessoa pode ter. Obrigada por aceitar minha ausência, mesmo sendo tão

pequenino. E muito, muito obrigada por ter chegado à minha vida, enchendo-a de felicidade, encantamento e luz... por você, hoje sou um ser humano melhor.

*Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração
Assim falava a canção que na América ouvi
Mas quem cantava chorou ao ver o seu amigo partir
Mas quem ficou, no pensamento voou
Com seu canto que o outro lembrou
E quem voou no pensamento ficou
Com a lembrança que o outro cantou
Amigo é coisa pra se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância, digam não
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir a voz quem vem do coração
Pois seja o que vier
Venha o que vier
Qualquer dia amigo eu volto a te encontrar
Qualquer dia amigo a gente vai se encontrar*

Canção da América

Milton Nascimento e Fernando Brant

SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	12
Resumo.....	13
<i>Abstract</i>	14
I. Introdução.....	15
1. Apresentação.....	15
2. Migração e América Latina	17
3. Relações de Amizade	20
4. Amizades Interculturais.....	25
5. Amizades de Imigrantes no Brasil.....	31
6. Amizades Internacionais de Brasileiros	36
7. Amizades de Imigrantes na Espanha.....	41
8. Amizades de Imigrantes em Portugal	44
9. Problema de Pesquisa e Relevância do Estudo	47
10. Objetivos	48
II. Método	50
1. Participantes	50
2. Instrumento	51
3. Procedimentos	54
4. Delineamento.....	55
5. Análise e Tratamento dos Dados.....	56
6. Aspectos Éticos do Estudo	57
III. Resultados.....	58

1.	Caracterização dos Participantes.....	59
2.	Histórico no Novo País.....	63
3.	Retorno ao País de Origem.....	72
4.	Contato com Parentes	77
5.	Amigos mais Próximos.....	80
6.	Amizades no País de Origem	86
7.	Encontros com Amigos do País de Origem	93
8.	Novas Amizades.....	98
9.	Início das Novas Amizades	102
10.	Visão Acerca dos Nativos.....	109
11.	Influência das Diferenças Culturais nas Amizades	117
12.	Influência Cultural nos Interesses em Comum com Amigos	124
13.	Papel dos Amigos para Adaptação.....	133
14.	Percepção de Preconceito ou Dificuldades para Fazer Amigos	138
15.	Semelhanças e Diferenças nas Amizades.....	145
16.	Semelhanças e Diferenças na Concepção de Amizade	153
17.	Significado das Amizades para a Percepção do Novo País	162
18.	Significado das Amizades para Alguém que Passou a Viver em Outro País.....	166
19.	Substituição dos Familiares pelos Amigos.....	171
20.	Necessidades Sociais Diante da Nova Cultura.....	175
21.	Caminhos para Adaptação a Novas Culturas	182
IV.	Discussões	190
V.	Considerações Finais.....	205

VI. Referências Bibliográficas.....	212
Apêndice A.....	228

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nacionalidade e residência da maioria dos amigos mais próximos dos participantes do grupo A	81
Tabela 2 - Nacionalidade e residência dos amigos mais próximos das participantes do grupo B	83
Tabela 3 - Nacionalidade e residência da maioria dos amigos mais próximos dos participantes do grupo C	84
Tabela 4 - Nacionalidade e residência dos amigos mais próximos das participantes do grupo D	85

RESUMO

A amizade desperta interesse pelos vários efeitos benéficos que suscita. Entretanto, poucos estudos enfatizam a temática das relações de amizade entre diferentes culturas, principalmente envolvendo as latino-americanas. Por isso, essa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de investigar as amizades de imigrantes latino-americanos, residindo no novo país há pelo menos seis meses, com pessoas de qualquer nacionalidade. Participaram do estudo 40 imigrantes (sendo 70% mulheres e 50% entre 30 e 39 anos) divididos entre quatro grupos: 20 latino-americanos que residiam no Brasil; três brasileiros que residiam em outro país da América Latina; 12 brasileiros que residiam na Espanha; e cinco brasileiros que residiam em Portugal. O instrumento utilizado foi um questionário contendo 21 perguntas abertas, enviado e recebido por *e-mail*, sendo conduzida análise qualitativa de conteúdo. Os principais resultados apontaram que a maioria dos amigos é do mesmo gênero, de mesma nacionalidade e reside no país de origem do participante. Os vínculos dos imigrantes em seu país de origem são amizades próximas, de muitos anos, cujos principais meios para contato são *Facebook*, *Skype* e *WhatsApp*. A grande maioria dos imigrantes possuem amigos no novo país, sendo mais frequentes as amizades com nativos. Todavia, a maior parte dos aspectos apontados com relação às diferenças culturais dificulta as amizades. Nesse sentido, a amizade é sempre mais íntima com compatriotas. Enfim, as melhores formas de adaptação e ajustamento do imigrante são através das amizades, consideradas fundamentais, e abertura à nova cultura, ainda que essa cultura receptora não se abra suficientemente às culturas dos imigrantes.

Palavras chave: amizade; migração; latino-americanos; cultura; adaptação.

ABSTRACT

Friendship arouses interest by several beneficial effects. However, the thematic of friendship relations among different cultures has been emphasizing by few studies, mainly the Latin Americans. The objective of this research was to investigate the friendship of Latin Americans immigrants, living in the new country for at least six months, with any nationality people. In this study, 40 immigrants (70% women and 50% between 30 and 39 years old) have been select and classified into four groups: 20 Latin Americans living in Brazil; three Brazilians living in Latin America but Brazil; 12 Brazilians living in Spain; and five Brazilians living in Portugal. The used tool was a questionnaire of 21 open questions applied through the computer network (e-mail). A qualitative analysis of the content was conducted. The main results point out that major part of the friends presents same gender and nationality, and lives in the participant's origin country. The immigrants' linkages in their own countries are close and long-term friendship. Their main communication way is Facebook, Skype and WhatsApp. The majority of immigrants have friends in the new country, with more frequent friendships with natives. However issues related to cultural differences are pointed out to difficult these friendships. In these sense, friendship in always more intimate with compatriots. Anyway, the best ways to immigrant adapt and adjustment are through friendships, which are considered fundamental, and openness to the new culture, even if this receiving culture is not open enough to the immigrants' cultures.

Keywords: friendship; migration; Latin Americans; culture; adaptation.

I. INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

A amizade é tema de interesse da pesquisadora e de seu grupo de estudos, dentre outras razões, por ser um elemento de estudo da Psicologia que possui muitos efeitos positivos para os seres humanos. Ela é definida como “sentimento de afeição, estima, ternura, etc. que une uma pessoa a outra, sem implicar, necessariamente, a existência de laços de família ou de atração sexual” (MICHAELIS, 2017). A amizade pode ser considerada uma categoria que designa a capacidade de os indivíduos estabelecerem laços de circulação de informações entre si, que exprimem seus interesses, gostos, opiniões e informações confidenciais, formando uma rede de sociabilidade, com formação espontânea ou por convivência (SILVA, 2005). Esse tipo de relação depende de uma variedade de características estruturais e culturais do contexto em que as partes da mesma convivem, como poder, prestígio, responsabilidades e regras sociais, bem como de características psicológicas individuais, incluindo personalidade, expectativas e motivações (ADAMS; BLIEZSNER, 1994).

Paralelo ao primeiro interesse, outro seria no processo de migração internacional, que vem crescendo rapidamente nos últimos 15 anos (UNITED NATIONS, 2016). Para Michaelis (2017), migração é a

“Movimentação de um povo, ou de um grande número de pessoas, para um país diferente, ou a uma região diferente dentro desse mesmo país, geralmente motivada por razões políticas ou econômicas; inclui a imigração (movimento de entrada) e a emigração (movimento de saída)” (MICHAELIS, 2017).

Entretanto, segundo a ONU-BR (2017), a migração é compreendida como um processo voluntário, diferentemente do caso de refugiados, que são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”.

Segundo a Organização das Nações Unidas havia mais de 244 milhões de pessoas vivendo fora de seu país em 2015 (UNITED NATIONS, 2016). Em referência à América Latina, estima-se que cerca de 37 milhões de latino-americanos e caribenhos (representando 15% dos migrantes internacionais) viviam fora de seu país no mesmo ano (UNITED NATIONS, 2016), com o aumento expressivo da migração intra-regional, ou seja, de latino-americanos passando a viver em outro país da América Latina, cuja cifra já ultrapassou quatro milhões de migrantes (UNITED NATIONS, 2013). Um dos efeitos imediatos da migração é a exposição a novas condições de vida, com transformações na vida social e, por conseguinte, nas amizades daqueles que migram. Amizades relacionadas ao processo de migração internacional, assim como amizades entre pessoas de diferentes etnias, nacionalidades ou culturas ainda são pouco investigadas, especialmente na América Latina.

Em uma revisão das amizades inter-étnicas, inter-raciais, interculturais e internacionais, Garcia e Miranda (2012) discutem a diversidade de pesquisas sobre o tema, destacando a importância social e cultural destas amizades. Segundo os autores, estas amizades ainda são pouco conhecidas.

Diante do crescimento da migração internacional, inclusive na América Latina, a presente investigação procura contribuir para o conhecimento das amizades de

imigrantes latino-americanos que estão vivendo em contato com outros povos no Brasil (brasileiros ou outros imigrantes) e de emigrantes brasileiros (os quais também são latino-americanos) que estão vivendo em contato com outros povos em outros países da América Latina, Espanha e Portugal (nativos ou outros imigrantes). Os três contextos – América-Latina, Espanha e Portugal – foram escolhidos por receberem elevado número de imigrantes atualmente (BÄCKSTRÖM; CASTRO-PEREIRA, 2012; CEPAL, 2013; CEPAL, 2016; GOIS et al. 2009; HIERRO, 2013; PEIXOTO; EGREJA, 2012; UNITED NATIONS, 2016), além de possíveis aspectos culturais em comum devidos à questão da colonização da Espanha e Portugal na América Latina, em que a hierarquia de poder existente entre colonizadores e colonizados (MACHADO, 2006) geralmente tem como consequência a imposição da cultura dominante. Para esse estudo, considerar-se-á cultura como o “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social” (MICHAELIS, 2017).

2. MIGRAÇÃO E AMÉRICA LATINA

Segundo o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, 244 milhões de migrantes internacionais viviam fora de seu país em todo o mundo em 2015. Estes dados indicam um crescimento em relação a dados anteriores, já que em 2010 havia 222 milhões de migrantes internacionais, em 2000 foram registrados 173 milhões (UNITED NATIONS, 2016) e em 1990 existiam apenas 154 milhões de migrantes no mundo todo (UNITED NATIONS, 2013).

Segundo dados da Divisão de População da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2013; 2016), nos últimos anos houve um aumento importante no número de migrantes latino-americanos e caribenhos, de um total estimado de 21 milhões em 2000 para um valor estimado em torno de 30 milhões em 2010. Ainda, como supracitado, estima-se que em 2015 já havia 37 milhões de migrantes latino-americanos e caribenhos pelo mundo (UNITED NATIONS, 2016). Esta tendência, contudo, apresentou um pequeno declínio devido à diminuição da migração para países desenvolvidos, principalmente Estados Unidos e Espanha, o que contrasta com o aumento da migração dentro da região da América Latina (CEPAL, 2013).

Segundo Garcia (2016), em 2010, os principais países de origem de emigrantes na América Latina foram México, com aproximadamente 12 milhões, Colômbia, com dois milhões e El Salvador, com 1,3 milhão de imigrantes. No mesmo ano, havia um total de 37,2% de imigrantes estrangeiros na região da América Latina e 62,8% de imigrantes da própria região (imigrantes intra-regionais).

Informações do censo de 2010 de dez países revela que o número de imigrantes da própria região superou quatro milhões, sendo Argentina (1,5 milhão), Venezuela (850 mil), Costa Rica (350 mil) e República Dominicana (330 mil) os países de destino que registram os valores mais altos. Estes dados indicam um aumento que também foi observado nos demais países sugerindo uma persistência destas trocas migratórias (CEPAL, 2013).

Segundo a CEPAL (2013, 2016), a emigração continua sendo um tema de preocupação generalizada na América Latina, combinando processos de retorno e especialmente migração intra-regional, resultando em um panorama complexo da

migração no continente. Atualmente, o principal destino continua sendo os Estados Unidos, onde se estima que residam mais de 20 milhões de latino-americanos e caribenhos (mais de 70% dos emigrantes da região) e a Espanha, como destino principal dos sul-americanos, além do Canadá, Japão, Austrália e Israel. Quanto à migração dentro da região, os destinos tradicionais têm sido a Argentina, Venezuela e Costa Rica, ainda que dados recentes tenham indicado que alguns destes países se transformaram simultaneamente em países de emissão, recepção, trânsito e retorno, como é o caso de vários Estados insulares do Caribe, Brasil, El Salvador, Chile, Equador, República Dominicana e Uruguai.

Em se tratando da Espanha, nas duas últimas décadas, o país evoluiu rapidamente de um exportador para um importador de mão-de-obra. Até a década de 1930, a história de migração na Espanha foi predominantemente de emigração para as Américas, e a partir do final da Segunda Guerra Mundial até o início dos anos de 1970 de emigração para alguns países industrializados da Europa Ocidental. Atualmente, a Espanha é o segundo país no mundo com a imigração em grande escala. Sua localização estratégica, uma política de imigração relativamente permissiva e oportunidades econômicas derivadas da entrada da Espanha na Comunidade Europeia posicionaram o país como um importante destino para imigrantes. Além disso, desde meados da década de 1990 a imigração internacional na Espanha mudou drasticamente com relação à origem. Apesar da percepção comum da África como a mais importante fonte de imigração, alguns países latino-americanos, em um curto espaço de tempo, tornaram-se algumas das principais fontes de imigração para a Espanha (HIERRO, 2013).

Considerando as antigas relações estabelecidas durante a colonização portuguesa no Brasil e especialmente durante o período da moderna emigração transatlântica portuguesa, que vai de meados do século XIX até final dos anos 50 do século XX, a imigração do Brasil para Portugal começou como um movimento limitado que incluía alguns profissionais qualificados, (como dentistas, profissionais de *marketing*, de informática, dentre outros), em meados dos anos 80, para se tornar um fluxo significativo de imigrantes laborais no final dos anos 90 e princípio do século XXI. Com isso, os brasileiros se tornaram o maior grupo formal e contabilizado de estrangeiros em Portugal, aproximando-se de 1% da população residente (MALHEIROS, 2007). Corroborando esses dados, segundo Nunan e Peixoto (2012), há cerca de 150 mil brasileiros residentes em Portugal, o que faz com que este seja considerado realmente o país mais procurado pelos brasileiros dentre os pertencentes à União Europeia.

3. RELAÇÕES DE AMIZADE

Indubitavelmente, o homem se distingue dos demais seres vivos do planeta pelo seu modo de vida cultural altamente especializado, caracterizado pela transmissão de informações de geração a geração, via experiência e pelo uso da linguagem e de outras representações simbólicas (BUSSAB; RIBEIRO, 1998), além de sua especificidade de se relacionar socialmente como nenhuma outra espécie. Aliás, os seres humanos são essencialmente uma espécie social (MARTINS-JUNIOR et al., 2011).

A interação social é pré-programada pelas estruturas neurocognitivas inatas que resultam da seleção natural, e por normas culturais que representam soluções coletivas anteriores para os problemas de interação, possuindo destaque nesse processo de aculturação a linguagem (ARGYLE, 1976; CARVALHO, 1998; FIORIN, 2007; GALDOS et. al., 2011). As tendências inatas para a associação não só criam laços sociais positivos, como também prescrevem a forma de vida em grupo para cada espécie. Nos seres humanos, o comportamento associativo toma formas de atividades conjuntas no trabalho, jogos, brincadeiras, conversas, e consiste em elementos como proximidade física, contato visual, e estilos amigáveis de comportamento verbal e não verbal (ARGYLE, 1976), desde a mais tenra idade (BUSSAB, 2005).

Segundo Hinde (1997), interações, relacionamentos e grupos se afetam mutuamente, afetam e são afetados pela estrutura social e pelo ambiente em que estão inseridos. Destarte, existem vários níveis de complexidade desde processos intra-individuais, interações, relacionamentos, grupos e sociedade, além do contexto da cultura e do ambiente físico.

Um relacionamento implica, primeiramente, em uma série de interações entre, no mínimo, duas pessoas, envolvendo trocas ao longo de período extenso de tempo. Essas trocas usualmente incluem um componente verbal importante, que são as conversas, e envolvem mutualismo. As experiências ficam armazenadas e mantêm a relação, mesmo que as duas pessoas passem longos períodos de tempo sem se ver (HINDE, 1997).

Portanto, poder-se-ia definir relação interpessoal como aquela entre dois ou mais indivíduos com um determinado arranjo ou padronização de interações

recíprocas ao longo de um tempo determinado, que se modifica conforme as etapas da vida, influenciada por normas sociais e aspectos culturais, envolvendo relacionamentos em geral, românticos, familiares e de amizade (CARVALHO, 1998; GARCIA, 2005b; SOUZA; HUTZ, 2008). Para um relacionamento interpessoal ser considerado saudável, são necessárias quatro condições básicas: 1) afinidades em comum; 2) respeito mútuo; 3) confiança mútua; e 4) repertório comportamental adequado para conduzir a relação (KOYBAEVA; RATLIFF, 2006).

Ao lado do relacionamento afetivo e das relações familiares, a amizade representa atualmente, uma das formas de relacionamento estudadas, passando a ser tema de investigação sistemática a partir dos anos 1980. Ainda assim, a amizade permanece a menos investigada em comparação das três áreas, carecendo de um maior número de pesquisas teóricas e empíricas (GARCIA, 2005a; 2005b).

Na sociedade contemporânea, as relações de amizade, sejam em díades ou em grupos, têm se tornado cada vez mais importantes devido a fatores como o crescimento da população humana, em termos de mobilidade e comunicabilidade, tornando os encontros e relações humanas mais frequentes e intensos (GARCIA; MIRANDA, 2008). A globalização econômica e cultural tem permitido maior contato entre pessoas de diferentes nacionalidades e culturas, e a maneira como essas pessoas estabelecem e mantêm amizades é um tema de pesquisa importante para se compreender a convivência social pacífica e cooperativa entre indivíduos, e, mais ainda, entre grupos sociais, culturais e científicos desses países (GARCIA, 2012a).

Algumas transformações históricas, culturais e tecnológicas podem estar na origem de novos padrões de amizade. Entre as mudanças históricas e sociais mais significativas está a redução histórica no tamanho da família, a urbanização, os avanços tecnológicos, com a crescente utilização da rede mundial de computadores (a *internet*), avanços nos serviços de telefonia móvel, acesso cada vez mais cedo da criança à escola, o tempo cada vez mais longo no sistema escolar, o crescimento dos grupos de convivência de idosos, dentre outros (GARCIA, 2005b).

Em comparação com os outros tipos de relacionamentos, a amizade pode ser voluntária, seletiva, e/ou possuir maior grau de liberdade, ao contrário das relações de parentesco e vizinhança, por exemplo (ADAMS; BLIEZNER, 1994; GARCIA, 2005b). Numa relação próxima como a amizade, a pessoa geralmente sente identificação ou atração pelo amigo em potencial, mantém encontros objetivando conhecimento mútuo gradual, faz avaliações constantes sobre a funcionalidade da manutenção daquela relação e, quando não há equilíbrio pode até mesmo haver uma dissolução (ADAMS; BLIEZNER, 1994). Além disso, a pessoa deve sentir-se confortável com a outra, e isso envolve suas experiências passadas e também suas expectativas futuras. É uma relação paradoxal, pois a pessoa deseja estar próxima da outra, mas quer continuar tendo controle sobre suas decisões; quer dividir seus pensamentos e sentimentos, mas não quer se tornar vulnerável em demasia; a familiaridade lhe dá segurança, mas a monotonia pode tornar a amizade cansativa (HINDE, 1997; RAWLINS, 2008). Portanto, a amizade envolve algumas regras e um padrão de troca, em que o equilíbrio se torna imprescindível.

Segundo Adams e Bliezsner (1994), os padrões de amizade consistem da interação de três elementos que operam tanto no nível diádico de amizade quanto no grupal: a) a estrutura (forma como os laços unem os amigos, como hierarquia e solidariedade entre eles, a similaridade de suas posições sociais, o número de amigos de cada um, a proporção em que um conhece o outro, e o padrão de conexões entre eles); b) as fases (a formação, manutenção e dissolução das díades ou grupos de amizade); e c) o processo interativo (os pensamentos, sentimentos e comportamentos envolvidos na atuação dos amigos).

A amizade desperta interesse pelos vários efeitos benéficos que suscita, como, por exemplo, promoção da saúde (GARCIA et al., 2016), maior autoconfiança (ANTONIO, 2004) e autoestima (ANDRADE; VAITSMAN, 2002), melhoria no processo de aprendizagem (CROSSMAN; BORDIA, 2011), bem-estar social e psicológico (ALBERTASSI et al., 2005; GARCIA et al., 2016; QUIÑONES; CHAVARRIAGA, 2010), convivência harmoniosa e respeitosa com outras etnias (ANTONIO, 2004; JACOBSON; JOHNSON, 2006), favorecimento da inclusão social (MILEM; CHAN; ANTONIO, 2005) e de atividades econômicas e de trabalho (GARCIA et al., 2016), acolhimento (GOMES; SILVA-JUNIOR, 2007), adaptação a situações novas (GARCIA, 2012a; GARCIA; BITENCOURT-NETO et al. 2010; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; DETTOGNI et al., 2010; GARCIA; GOES, 2010), e enfrentamento de doenças (COSTA; SÁ; CALHEIROS, 2012; GOMES-VILLAS BOAS et al., 2012; SANTOS et. al., 2011) e de situações-problema (ALBERTASSI et al., 2005; OLIVEIRA et. al., 2005), dentre outros. Todavia, poucos estudos enfatizam a temática das relações de amizade entre

diferentes culturas, principalmente envolvendo as culturas latino-americanas, tanto em termos teóricos quanto prático-metodológicos.

4. AMIZADES INTERCULTURAIS

Garcia e Miranda (2012) realizaram uma ampla revisão bibliográfica sobre amizades interculturais, inter-étnicas, inter-raciais e internacionais. Segundo os autores, a pesquisa sobre as relações entre amizade e cultura ainda apresentam um desenvolvimento limitado, tanto em relação a pesquisas empíricas, quanto do ponto de vista teórico. Os autores apontam para a diversidade de termos e expressões empregados e a complexidade conceitual envolvida nas diferentes abordagens sobre amizades interculturais, internacionais, inter-étnicas e inter-raciais. Estas amizades permitem o relacionamento entre representantes de diferentes culturas, nações, etnias e raças; contudo, segundo os autores, estes aspectos são independentes e podem ocorrer individual ou conjuntamente. Assim, amizades interculturais partiriam do pressuposto de que ocorrem entre pessoas pertencendo a culturas diferentes (independente de raça, etnia e nação), incluindo componentes como normas sociais, estrutura familiar, aspectos morais, religião, artes, tecnologia, culinária, dentre outros. Amizades internacionais seriam entre pessoas que vivem em seus países de origem, ou estão fora deles temporariamente. Amizades inter-étnicas seriam desenvolvidas entre pessoas de diferentes etnias (como latinos, hispânicos, asiáticos, euro-americanos, africanos, alemães, turcos, dentre outros); e por fim amizades inter-raciais ocorreriam entre pessoas de diferentes raças (negros, brancos, pardos, dentre outros). Todavia, os

autores apontam a necessidade de aprofundamento das pesquisas na área, indicando haver um número pequeno de estudos sobre amizades entre culturas ou nações diferentes.

A literatura sobre amizades interculturais e internacionais ainda é restrita. Entre alguns tópicos investigados nas amizades inter-étnicas e inter-raciais está o papel da identificação racial e étnica nas escolhas de amigos (KAO; VAQUERA, 2006) e nas atividades compartilhadas (HUNTER; ELIAS, 1999). Amizades entre raças ou etnias diferentes também provocam a diminuição do preconceito racial e integração social, gerando atitudes mais favoráveis em relação à outra raça, como no caso da aceitação de casamentos inter-raciais (JACOBSON; JOHNSON, 2006). Amizades internacionais ou interculturais são marcadas pelas diferenças entre as culturas dos indivíduos (SIAS et al., 2007) e podem resultar da diversidade cultural do próprio país, como no caso da África do Sul (COLLIER; BORNMAN, 1999) ou de imigração recente (DEBRUIN-PARECKI; KLEIN, 2003).

Kao e Joyner (2004) examinaram diferenças de atividades nas amizades inter-raciais e inter-étnicas de jovens brancos, negros, hispânicos e asiáticos. Segundo os autores, é mais provável que os melhores amigos sejam do mesmo grupo étnico. Os melhores amigos também relataram mais atividades compartilhadas durante a semana anterior do que os amigos de ordem superior. Argumentam que atividades compartilhadas são um indicador útil de intimidade na amizade. Em geral, amigos inter-raciais relataram menos atividades compartilhadas que intra-raciais. Jovens brancos, asiáticos e hispânicos relataram menos atividades com amigos negros. Sugerem que, mesmo quando os jovens

quebram fronteiras raciais na seleção de amigos, estas amizades enfrentam desafios maiores que aquelas entre indivíduos da mesma raça.

A relação entre amizade e preconceito tem sido abordada por vários autores. Aberson, Shoemaker e Tomolillo (2004) examinaram o papel de amizades inter-étnicas de euro-americanos com afro-americanos ou latinos e sua relação com vieses implícitos e explícitos contra estes grupos. Euro-americanos com amigos próximos desses grupos exibiam menos preconceito implícito que participantes sem amigos próximos no grupo alvo. Os resultados destacam a importância de contato, particularmente amizade inter-étnica, para melhorar atitudes intergrupais. Ainda relacionado a preconceito racial, Jacobson e Johnson (2006) relatam que 85% dos afro-americanos que participaram de uma pesquisa aprovaram casamentos inter-raciais. Os autores concluíram que a quantidade de contato ou amizade que afro-americanos tinham com euro-americanos parece ter sido uma variável crítica afetando atitudes sobre casamentos intergrupos.

Ainda relacionados à integração social, alguns estudos têm se voltado para o papel das majorias e minorias étnicas ou raciais e sua influência sobre as relações entre membros desses grupos. Vários estudos relacionam majorias e minorias étnicas e raciais e amizades. Fong e Isajiw (2000), por exemplo, examinaram os determinantes de padrões de amizades inter-étnicas entre um grupo minoritário e o grupo majoritário e amizades co-étnicas. A análise indicou que 1) a participação em atividades voltadas para o grupo étnico minoritário diminuía as chances de desenvolver amizades com o grupo majoritário; 2) características socioeconômicas individuais afetaram fortemente as amizades co-étnicas; 3) experiências prévias de

amizade com o grupo majoritário estão relacionadas ao nível de laços de amizade com esse grupo.

Britton (2011) investigou os efeitos da integração residencial sobre amizades inter-étnicas em Houston, EUA. O autor coloca a questão de por que e sob que condições a integração residencial está positivamente associada com amizades inter-étnicas em áreas metropolitanas. Segundo o autor, algumas pesquisas anteriores haviam sugerido uma associação positiva entre integração residencial e amizade inter-étnica. Os resultados obtidos indicam integração e amizade inter-étnica variando entre anglos, brancos e latinos. Formas mais intensas de contato intergrupar somente estão positivamente associadas com amizades inter-étnicas quando a integração permite exposição a grupos que ocupam posições privilegiadas na sociedade mais ampla.

Kouvo e Lockmer (2013) analisaram o impacto da composição étnica do local de residência sobre contatos e atitudes inter-étnicas através da comparação de quatro países nórdicos. Comparados com bairros etnicamente homogêneos, relações inter-étnicas são mais comuns em bairros etnicamente misturados com minorias étnicas. Contudo, viver em uma área com muitas minorias étnicas não aumenta necessariamente a probabilidade de ter amigos de outra etnia nos quatro países. Como previsto pela Teoria do Contato (KOUVO; LOCKMER, 2013), ter amigos de outras etnias em combinação com viver em um bairro etnicamente misturado está associado com a probabilidade de ter atitudes mais tolerantes com imigrantes nos quatro países.

Rydgren, Sofi e Hällsten (2013) investigaram amizades inter-étnicas, confiança e tolerância em duas cidades do Iraque, em contexto de violência. Os

autores investigaram o quanto amizades inter-étnicas estão associadas com espaços de interação específicos (bairros, organizações) e com confiança e tolerância. Observaram que pessoas que passam mais tempo em espaços de interações etnicamente heterogêneas apresentam maior probabilidade de ter amizades inter-étnicas e também expressam mais confiança social e inter-étnica e tolerância com grupos diversos.

Fozdar (2011), em estudo qualitativo realizado na Nova Zelândia, procurou investigar o nível micro dos processos sociais que dão origem ao efeito de contato, redução nos níveis de preconceito e estereótipos resultantes de contato interpessoal entre membros de diferentes raças ou grupos étnicos. O estudo sugere que as amizades inter-raciais apresentam aspectos ambivalentes, não somente gerando empatia e redução de estereótipos, confiança e proximidade, mas também defesa e auto regulação, indicando a complexidade dessas relações. Os achados sugerem que o contexto social normativo e a estrutura das relações intergrupais fornecem um meio no qual as amizades inter-raciais ocorrem e são administradas, moderando os efeitos do contato.

Perry (2013) examinou o efeito da composição racial de bairros, locais de trabalho e congregações em atitudes referentes a casamento inter-racial de brancos e o efeito mediador de amizade inter-racial. Uma maior presença de negros, latinos, ou asiáticos em bairros e congregações de brancos prediz atitudes favoráveis entre brancos quanto a casamento inter-racial com o grupo racial em questão. Uma maior proporção de latinos no local de trabalho também apoia exogamia racial com latinos.

Schwartz, Galliher e Domenech-Rodríguez (2011) investigaram a auto revelação nas amizades inter e intraculturais de latinos e as ligações com coletivismo, identidade étnica e aculturação. Participaram 59 latinos internacionais (que viviam fora dos EUA) e 73 latino-americanos vivendo nos EUA. Os resultados revelaram que o tipo de relacionamento (amigo x conhecido) e a etnia do parceiro (latino x branco) estavam significativamente associados com auto revelação. Participantes revelavam mais informações para amigos que conhecidos e mais para latinos que para americanos brancos.

Uma pesquisa quantitativa sobre fatores preditores das amizades inter-étnicas foi conduzida por Hashim, Mohd-Zaharim e Khodarahimi (2012). O objetivo do estudo foi explorar como fatores demográficos, identidade étnica e estresse no trabalho podem influenciar o número de amigos inter-étnicos e a satisfação que as pessoas sentem com esses amigos. Foram utilizados três questionários: um sobre identidade étnica, um sobre amizade inter-étnica no ambiente de trabalho, e um sobre estresse no ambiente de trabalho. Participaram do estudo 200 trabalhadores adultos (a maioria era de professores – 51,2%), sendo 66 homens e 134 mulheres. Os resultados gerais do estudo indicaram que os fatores demográficos, como etnia, gênero, escolaridade e renda não tiveram relações significativas com o número de amizades inter-étnicas e a satisfação que as pessoas tinham com esses amigos. A identidade étnica e o estresse no trabalho também não tiveram relações significativas com o número de amizades inter-étnicas. Todavia, as pessoas com maior identidade étnica se demonstraram mais satisfeitas com as amizades inter-étnicas, enquanto que as pessoas com maior nível de estresse no trabalho reportaram menos satisfação com essas amizades.

Nota-se, assim, uma literatura relativamente diversificada sobre as amizades inter-étnicas ou inter-raciais. De modo geral, esses estudos estão relacionados ao fenômeno histórico da aproximação e convivência de diferentes raças ou etnias em um mesmo espaço territorial, o que, em muitas situações é causa de problemas diversos. As amizades inter-étnicas e inter-raciais surgem então como um fator que contribui para a integração social, possibilitando a redução do preconceito.

5. AMIZADES DE IMIGRANTES NO BRASIL

A literatura sobre imigração latino-americana para o Brasil está mais relacionada a temas jurídicos, demográficos e econômicos tratando, por exemplo, de imigrantes ilegais da Colômbia e da Bolívia no Brasil, de um ponto de vista da segurança internacional (OLIVEIRA; MOREIRA, 2013). Outros estudos sobre migração latino-americana podem ser citados como o caso dos bolivianos no Brasil e na Argentina (HIRSCH, 2008), a mobilidade humana entre Peru, Brasil e Colômbia (OLIVEIRA, 2006), bolivianos em São Paulo (SILVA, 2006), e hispano-americanos no Amazonas (SILVA, 2011).

A literatura sobre amizades de imigrantes no Brasil, de forma geral, é bastante restrita, sendo praticamente inexistente quando se refere a imigrantes latino-americanos. Assim, serão apresentados alguns estudos realizados no Brasil sobre amizades de estrangeiros vivendo no país.

Uma pesquisa exploratória e descritiva, de natureza quantitativa, conduzida por Garcia (2012a), objetivou descrever alguns aspectos das amizades de estudantes universitários estrangeiros que residiam e estudavam no Brasil, bem

como identificar o papel dessas amizades na integração social e cultural dos intercambistas, de acordo com eles próprios. Participaram da pesquisa 100 universitários estrangeiros, sendo 50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino. Foi aplicado um questionário, cujos principais resultados foram: 1) a maioria dos amigos residia na mesma cidade ou região metropolitana; 2) a importância do contato pessoal/ proximidade para o estabelecimento da relação de amizade; 3) os principais interesses comuns e atividades compartilhadas estavam associados a lazer, estudos, atividades científicas ou culturais, esportes, trabalho e religião; 4) a comunicação tornou-se menos intensa com os amigos do exterior, ao passo que se intensificou com os amigos brasileiros, aumentando a importância destes devido a sua disponibilidade e proximidade física; 5) as principais dificuldades nas amizades foram a distância dos amigos, as diferenças pessoais ou de personalidade, as dificuldades de comunicação e as diferenças culturais; e finalmente que 6) os amigos foram reconhecidos como exercendo um papel relevante tanto na adaptação quanto na visão que tinham do Brasil.

Souza e Sedyama (2012) realizaram uma pesquisa qualitativa que tivera como um de seus objetivos apresentar um estudo descritivo sobre a percepção da amizade em adultos de nacionalidade estrangeira residentes no Brasil e compará-la com brasileiros. Participaram da coleta de dados 14 estudantes brasileiros e 14 estudantes de diferentes nacionalidades. Para a coleta de dados, foram aplicados seis questionários, sendo os principais: Questionário Sócio Demográfico (QSD), Questionário Introdutório de Amizade (QIA) e o Questionário Complementar de Amizade (QCA). Os principais resultados do estudo apontaram que 1) as amizades do mesmo sexo prevaleceram; 2) observou-se uma média maior de amizades

residentes na mesma cidade para os participantes brasileiros; 3) os estrangeiros provavelmente possuíam amizades próximas nos países de origem; e 4) nenhum participante estrangeiro indicou relacionamento prévio advindo da escola, do trabalho ou da vizinhança.

Garcia e Goes (2010) desenvolveram uma pesquisa qualitativa com o objetivo de descrever alguns aspectos das amizades de universitários estrangeiros de Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe que residiam no Brasil. Participaram da pesquisa dez estudantes de Guiné-Bissau e dois de São Tomé e Príncipe, com idades entre 20 e 33 anos. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, contendo perguntas fechadas e abertas. Os resultados referiram-se a interesses comuns (como estudo, lazer, cultura e relacionamentos) e atividades compartilhadas (como conversar, lazer, esportes, estudar, dentre outros), dificuldades da amizade (como características pessoais, comunicação, diferenças culturais, brigas, dentre outros) e episódios marcantes (relacionados ao lazer, à ajuda recebida, ao acolhimento, à ajuda dada e a eventos cotidianos). A maioria das amizades foi relevante para adaptação ao Brasil, mas apenas parte influenciou a forma de ver o país. Concluiu-se que os amigos são fundamentais para a adaptação social e cultural desses estudantes e servem de base para a cooperação cultural e científica.

Garcia e Rangel (2011) investigaram amizades de universitários cabo-verdianos residindo e estudando no Brasil, por meio de entrevista com 12 alunos de graduação. Os participantes citaram 109 amigos, sendo 81 de Cabo Verde, 18 brasileiros e seis angolanos, além de outros quatro amigos, cada um de nacionalidade diferente, sendo os idiomas mais utilizados o crioulo e o português. A maioria dos amigos (72) residia na Grande Vitória, e entre os 35 amigos mais

próximos, 24 eram conhecidos de Cabo Verde. Dentre os resultados, destacou-se que os principais interesses em comum e atividades compartilhadas estavam relacionados a estudo e lazer. Os participantes destacaram o valor da amizade e a ajuda recebida. As dificuldades percebidas na amizade estavam relacionadas à distância dos amigos, características pessoais e dificuldade de comunicação. Os episódios marcantes estavam ligados a lazer e ajuda do amigo. A maioria das amizades foi considerada como relevante para a adaptação ao Brasil, mas apenas parte delas influenciou a forma como os estudantes percebiam o Brasil.

Os estudos relatados até o momento incluíram estudantes universitários como participantes, a qual não seria a única e exclusiva população estudada neste trabalho. Todavia, estudos sobre amizade de profissionais estrangeiros residindo no Brasil são mais escassos na literatura. Merizio, Garcia e Pontes (2008) investigaram as lembranças de imigrantes libaneses residindo no Brasil sobre suas amizades e brincadeiras na infância, vivida no Líbano, e as amizades e brincadeiras da infância de seus filhos, no Brasil. Quatro imigrantes libaneses, casados e com filhos, vivendo na Grande Vitória, Espírito Santo, foram entrevistados sobre cinco tópicos principais: 1) amigos de infância no Líbano; 2) amigos da infância dos filhos no Brasil; 3) brincadeiras da infância no Líbano; 4) brincadeiras da infância dos filhos no Brasil; e 5) percepções de diferenças culturais entre o brincar e a amizade nos dois países em momentos históricos distintos. Os autores concluíram que, a despeito das semelhanças em alguns aspectos das amizades e brincadeiras, diferenças culturais estão presentes na estrutura da rede de amigos e no conteúdo dos relacionamentos. Além disso, concluíram que o brincar e a amizade foram afetados diretamente pelo contexto ambiental e sociocultural, incluindo fatores

religiosos e práticas culturais ligadas ao comportamento de brincar e às relações de amizade.

Costa (2012) desenvolveu um estudo qualitativo, cujo objetivo foi descrever as amizades na história de vida de imigrantes gregos vivendo no Espírito Santo, com outros gregos, brasileiros ou estrangeiros, com vistas a compreender as relações entre amizade e cultura, incluindo também amizades interculturais e o papel das amizades no processo de adaptação ou ajustamento à vida no Brasil. Participaram da pesquisa dez imigrantes gregos que vieram para o Brasil com dez anos de idade ou mais, e fora utilizado um roteiro para a entrevista. Os resultados indicaram que as amizades fazem parte da história desses imigrantes em um novo país. O significado da amizade incluiu amplitude, liberdade, espontaneidade, desinteresse, honestidade, sinceridade, fidelidade, confiança e longevidade. As principais dimensões da amizade foram similaridades e diferenças, proximidade e distância, apoio, reciprocidade e conflito. As relações entre amizade e contexto sociocultural incluíram receptividade e rejeição, adoção e adaptação, conexão e desconexão, amizade e comunidade no exterior, democracia, família, trabalho e escola. Concluiu-se, portanto, que a amizade atua como mediadora da adaptação do estrangeiro ao novo país, apesar de suas variações culturais, representando não somente uma condição atuante nas diversas tradições, mas permitindo a comunicação entre esses costumes, contribuindo para que imigrantes se sintam acolhidos no seio cultural da nação que escolheram para viver. Entretanto, não foram encontrados estudos tratando de amizades de imigrantes especificamente latino-americanos no Brasil, um dos enfoques da presente pesquisa.

Há algumas conclusões convergentes nos estudos que envolvem amizade. O contato pessoal parece ser um elemento central da amizade, a despeito da crescente utilização da rede mundial de computadores ou *internet*. Além disso, outros elementos que favorecem o estabelecimento e a manutenção da amizade são semelhanças, principalmente de gênero e idade, e atividades compartilhadas, como lazer, estudos, atividades científicas ou culturais, esportes, trabalho e religião. Como em qualquer tipo de relação, as amizades também possuem elementos considerados desfavoráveis, como conflito, competição, arrogância, agressividade e aborrecimento.

Com relação às amizades internacionais, apesar das diferenças culturais, estas são vistas como positivas na relação, pois são fornecedoras de troca cultural. Por fim, os amigos são muito importantes na adaptação social e cultural ao novo país do imigrante, em termos individuais, e servem de base para a cooperação cultural e científica, em termos comunitários/sociais.

6. AMIZADES INTERNACIONAIS DE BRASILEIROS

Define-se identidade cultural como um processo historicamente construído com base nos sistemas de símbolos, significados e normas compartilhados por um grupo de pessoas num contexto específico (COLLIER; BORNMAN, 1999). A vivência em outras culturas é um processo instigante e, frequentemente, desestabilizador dos significados que articulam a constituição identitária dos sujeitos envolvidos. As situações desconhecidas, estranhas ou, até mesmo, inusitadas, com as quais se deparam frente à cultura do “outro”, exigem

realinhamento de comportamentos, negociações de valores e sentidos ou afirmação de outros que, na sua cultura de origem, talvez, passassem despercebidos (REIS, 2004). Por não se encontrarem estudos específicos sobre adaptação e relações de amizade de brasileiros residindo em outros países da América Latina, Espanha e Portugal, far-se-á uma breve revisão de estudos sobre amizades internacionais de brasileiros, entendendo que há um processo de adaptação e troca cultural nesse tipo de relação também, só que na visão do nativo, e não do estrangeiro.

Um estudo com metodologia mista, desenvolvido por Garcia (2012b) teve como objetivo investigar a rede de amigos estrangeiros de estudantes universitários brasileiros e aspectos que seriam relevantes nessas amizades. Utilizou-se um questionário contendo questões fechadas e abertas, e contou-se com a participação de 120 universitários brasileiros, sendo 74 do sexo feminino e 46 do sexo masculino. Os principais resultados da pesquisa foram: 1) os 120 participantes indicaram de um a cinco amigos estrangeiros; 2) os principais meios de comunicação citados foram a *internet* (em 227 amizades), o contato pessoal (em 91 amizades), o telefone (em 61) e as cartas (em 12); 3) o principal idioma utilizado foi o inglês, em 199 amizades, seguido pelo português, com 113, e pelo espanhol, com 34 amizades; 4) a maioria das amizades foi iniciada por contato pessoal (286 de 313), no exterior (147 casos) ou no Brasil (139); 5) as principais dificuldades encontradas nas amizades internacionais foram ausência física ou distância (67 participantes), e diferenças culturais, incluindo a diferença de idioma (23 participantes); e 6) dos 120 participantes, apenas sete não demonstraram interesse pelo país do amigo. O estudo concluiu que as amizades dependem fortemente do

convívio social, e que o contato por computadores não substitui o contato pessoal. As diferenças culturais pareceram dificultar a manutenção das amizades, e não seu estabelecimento.

Garcia, Bitencourt-Neto et al. (2010) conduziram um estudo qualitativo com o objetivo de investigar a natureza das amizades internacionais de estudantes universitários brasileiros, com base nos episódios marcantes dessas amizades, à luz das propostas de Robert Hinde (1997). Participaram da pesquisa 120 estudantes universitários brasileiros, sendo 74 do sexo feminino e 46 do sexo masculino, de 18 a 40 anos. As respostas foram organizadas por análise de conteúdo e geraram oito categorias temáticas: 1) reuniões sociais e festas; 2) viagens e passeios turísticos; 3) religião e esportes; 4) humor; 5) situações de perda e despedida; 6) companheirismo; 7) apoio, acolhimento, confiança e auto-revelação; e 8) diferenças culturais. Três fatores se destacaram nas respostas dadas: relacionamentos, grupos sociais e cultura. Os episódios vividos em geral foram positivos. As diferenças culturais também foram vistas como predominantemente positivas, ligadas à curiosidade pelo diferente. O estudo mostrou que as amizades podem permanecer mesmo após a separação. As diferenças culturais não foram mencionadas como empecilhos intransponíveis para a comunicação e a amizade, geralmente sendo contornadas e deixando recordações positivas.

Garcia, Brandão et al. (2010) realizaram uma pesquisa descritiva qualitativa cujo objetivo foi analisar alguns aspectos das relações de amizade de universitários brasileiros, residindo e estudando no Brasil, com cidadãos da América do Sul e do Norte. Participaram da pesquisa 20 estudantes universitários com idade entre 20 e

25 anos, sendo oito do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Os procedimentos para coleta de dados foram constituídos por entrevistas semiestruturadas, sua transcrição e posterior análise do conteúdo. Os resultados demonstraram resumidamente que, apesar dos avanços dos meios de comunicação, o contato pessoal continua como elemento central da amizade. As amizades internacionais se diferenciaram das locais, podendo apresentar desvantagens, como a distância física, mas também vantagens, como possibilidades de troca cultural. As características do melhor amigo foram predominantemente positivas. As maiores dificuldades nessas amizades foram a distância física, a diferença de idioma e diferenças culturais. Os dados sugeriram que a existência de amizades internacionais pode estar associada a uma maior aproximação entre diferentes nações, tomando-se como perspectiva a relação indivíduo-grupo ou nação.

Dentro da mesma temática, Garcia, Dettogni et al. (2010) conduziram um estudo exploratório qualitativo com o objetivo de analisar alguns aspectos das relações de amizade intercontinentais de universitários brasileiros, residindo e estudando no Brasil, com cidadãos de países da Europa, África, Ásia e Oceania. Participaram da pesquisa 20 estudantes universitários com idade entre 18 e 25 anos. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, sua transcrição e posterior análise de conteúdo. Dentre os principais resultados, verificou-se que o contato ocorria principalmente com o próprio amigo, sendo pouco o contato com as famílias. O início da amizade se deu por contato pessoal no exterior (43%), contato pessoal no Brasil (49%) ou contato *online* (8%). Os interesses comuns estavam ligados principalmente a lazer, música, turismo, cinema, esportes, literatura, família, artes, religião, trabalho, ciências, festas, gastronomia e relacionamentos. Os principais

meios utilizados para comunicação com amigos estrangeiros foram o contato pessoal (22%), telefone fixo ou celular (17%), *internet* (55%) e cartas (6%), em um ou mais idiomas. A minoria identificou diferenças entre as amizades internacionais, sendo a explicação mais frequente para isso os diferentes graus de intimidade. Dos 20 participantes, 19 destacaram características não físicas dos amigos, como engraçado, divertido, alegre, inteligente, extrovertido, legal, simpático, prestativo, brincalhão, curioso, amigo, culto e comunicativo, destacando aspectos positivos dos amigos. Todos os participantes trataram a amizade como algo muito importante e positivo. As principais dificuldades foram a ausência física, o idioma e as diferenças culturais. O nível do conhecimento acerca do país do melhor amigo estrangeiro variou do básico a um conhecimento amplo. A maioria citou características positivas do país em termos físicos ou humanos. Sete dos 20 entrevistados não perceberam mudanças na imagem que tinham do país após a amizade; para os outros, a imagem melhorou. Os participantes indicaram interesses em relação ao país do melhor amigo, incluindo visitar, estudar, trabalhar, residir ou nenhum. Finalmente, para a maioria (12 dos 20), a amizade entre habitantes de países diferentes poderia aumentar por meio de intercâmbios estudantis e profissionais.

Não obstante, como já foi considerado, o enfoque desses estudos foi a relação de amizade internacional, segundo a visão do brasileiro residindo em seu próprio país. O avanço científico sugerido por este trabalho seria investigar e descrever as relações de amizade de emigrantes brasileiros que residem em outros países da América Latina, Espanha e Portugal, sendo eles pertencentes a uma minoria étnica, e não à cultura dominante. Espera-se que haja características

diferentes nessas relações de amizade, que podem ser permeadas por necessidades como acolhimento, ajustamento e adaptação do emigrante à nova cultura.

7. AMIZADES DE IMIGRANTES NA ESPANHA

Segundo Hierro (2013), nas últimas duas décadas, a Espanha evoluiu rapidamente de um país exportador para um país importador de mão de obra. A Espanha é, atualmente, o segundo país do mundo em termos de imigrantes recebidos, devido possivelmente à sua posição estratégica, uma política imigratória relativamente permissiva e oportunidades econômicas devido à entrada do país da Comunidade Europeia. O perfil da imigração para a Espanha também sofreu mudanças drásticas em termos de origem nacional a partir da década de 1990, especialmente devido ao crescimento da imigração a partir de países da América Latina. Estes países, em muito pouco tempo se tornaram uma das principais fontes de imigração para a Espanha.

Várias investigações, publicadas nos últimos dez anos, principalmente desenvolvidas na Espanha, procuraram abordar a imigração latino-americana para o país, incluindo o estudo de redes sociais. De acordo com Ávila-Molero (2008), a nacionalidade de origem dos membros da rede social de imigrantes latino-americanos (argentinos, espanhóis e de outras nacionalidades), mostra uma rede multiétnica, especialmente em seu âmbito desenvolvido na Espanha. O imigrante tem a possibilidade de reconstruir suas redes com pessoas de diversas procedências nacionais, do mesmo país de origem na sociedade de destino ou na

de origem, com originários da sociedade de acolhimento e imigrantes de outras nacionalidades. Miguel-Luken e Tranmer (2010) apontam a necessidade de mais investigações sobre redes sociais de imigrantes latino-americanos na Espanha envolvendo, por exemplo, as diferenças entre imigrantes de diferentes países e suas relações de amizade.

Enquanto alguns trabalhos tratam de imigrantes latino-americanos em geral, outros tratam de nacionalidades específicas, como Maya-Jariego, Martínez e García (1999), em relação a redes de apoio social de mulheres peruanas em Sevilha, ou Martínez, García-Ramírez e Maya (2002) quanto ao apoio social e bem-estar psicológico de mulheres peruanas imigrantes na Espanha. Segundo Pellegrino (2004) os imigrantes latino-americanos são classificados como migração para trabalho, sendo considerados imigrantes muito recentes, com poucos se identificando como segunda geração na Europa. Outro aspecto identificado é a feminização da imigração latino-americana para a Europa, com relevante preocupação direcionada ao tráfico de seres humanos.

Herrero, Fuente e Garcia (2011) investigaram o bem-estar subjetivo entre imigrantes latino-americanos na Espanha e o papel da integração social na comunidade. Os latino-americanos na Espanha são vistos como um grupo em risco de exclusão social. Os autores concluem que há relação estatisticamente significativa entre integração social e bem-estar social e apontam para a necessidade de promover a integração social desses imigrantes na comunidade.

A existência de laços com espanhóis nas redes de apoio social de imigrantes e seu papel podem ser considerados indicadores do grau de acomodação no novo ambiente (MARTÍNEZ; GARCÍA-RAMÍREZ; MAYA, 2002). Alguns trabalhos

abordam a amizade, contudo, com foco na infância e adolescência, como as redes de amizade de espanhóis e filhos de imigrantes na escola (MIGUEL-LUKEN; CARVAJAL-GUTIÉRREZ, 2007).

Embora haja muita discussão sobre proximidade cultural, devido à religião e idioma comuns entre Espanha e América Latina (exceto Brasil), a distância entre espanhóis e imigrantes latino-americanos persiste. Equatorianos, por exemplo, têm redes pessoais densas, herméticas e muito dependentes de laços fortes, enquanto a composição e estrutura são menos compactas e homogêneas para outros grupos de imigrantes latino-americanos. Argentinos, por exemplo, têm o maior número de espanhóis em suas redes (APARICIO; TORNOS, 2005; DOMÍNGUEZ; MAYA-JARIEGO, 2008; SANS; MIGUEL-LUKEN; SOLANA-SOLANA, 2007).

Em relação à participação de espanhóis na rede social de imigrantes, Miguel-Luken e Tranmer (2010) observaram que viver em algumas províncias parece favorecer a aproximação entre espanhóis e imigrantes latino-americanos. Os mesmos autores relataram que o tempo de residência no país também tem efeito positivo quanto à participação de espanhóis na rede social desses imigrantes. Vários estudos têm mostrado que vários tipos de redes sociais das quais os indivíduos participam estão relacionadas com identidades étnicas ou (trans) nacionais. De Federico de La Rúa (2003) mostrou que estudantes do projeto Erasmus que têm o maior número de amizades transnacionais mais frequentemente se identificam como europeus.

Apesar de diversas investigações sobre a imigração latino-americana para a Espanha, são poucas as informações sobre as amizades desses migrantes, seja em relação ao que ocorre com amizades anteriores ou seja em relação à formação

de novas amizades, com espanhóis, pessoas originárias do mesmo país ou outros imigrantes, latino-americanos ou não.

8. AMIZADES DE IMIGRANTES EM PORTUGAL

A imigração brasileira para Portugal é um fenômeno antigo, ocorrido desde o século XIX, porém o interesse por seu estudo científico é bem mais recente, concentrando-se na primeira década do século XXI. Apesar desse interesse, a literatura recente sobre a imigração brasileira em Portugal tem se debruçado principalmente sobre a inserção no mercado laboral (GOIS et al., 2009; MACHADO, 2006). Nesse sentido, a imigração de brasileiros para Portugal decorreu em parte devido a maior dificuldade de entrar nos EUA. Entrar em Portugal ou em outros países europeus, como a própria Espanha, tornou-se mais barato e seguro para os latino-americanos que entrar ilegalmente nos EUA (GOIS et al., 2009).

Embora a imigração brasileira aconteça em diversos países de destino, existem semelhanças e diferenças quanto à sua inserção, adaptação e formas de vida nesses diferentes contextos. Quando se fala de apoio ao imigrante, alguns autores utilizam o termo “redes sociais”, e comentam sobre as associações de brasileiros em Portugal, como a Casa do Brasil de Lisboa, por exemplo (GOIS et al., 2009). Nessa perspectiva, estão inseridas as relações de amizade, como estratégia de apoio e colaboração ao imigrante. Como muitos brasileiros buscam Portugal pela possibilidade de emprego, infelizmente algumas relações de amizade são consideradas laços efêmeros, nascidos em função das relações de trabalho ou da proximidade de residência, sem que se consolidem laços duradouros de

sociabilidade e/ou solidariedade (BÓGUS, 2007). Inclusive, nas redes sociais pouco densas, mas com diversos contatos, compostas por amigos não íntimos e conhecidos, Peixoto e Egreja (2012) defendem que as informações sobre o mercado de trabalho circulam melhor. Ainda, há a dificuldade da mulher brasileira em fazer amizades em Portugal devido ao estereótipo da prostituição existente (PADILLA, 2007).

Todavia, laços sociais de imigrantes envolvendo familiares, amigos e conterrâneos ajudam a difundir a informação, atuam como suporte econômico e social e podem desenvolver uma cultura de mobilidade que afeta as decisões individuais (PEIXOTO; EGREJA, 2012). No estudo de Padilla (2007) sobre imigração de brasileiros a Portugal, que entrevistou 40 imigrantes brasileiros (17 mulheres e 23 homens), as redes sociais dos brasileiros incluíram amigos, conhecidos e familiares que prestaram ajuda na saída do país (empréstimos, apoio moral, dentre outros), na chegada ao novo país (alojamento, recursos de diferentes tipos) e inserção no mercado de trabalho (ajuda para encontrar emprego, referências, dentre outros). Entretanto, houve uma diferença entre os imigrantes brasileiros em relação ao sexo: as famílias se constituíram o apoio mais importante nos processos migratórios para as mulheres, enquanto os amigos foram o apoio social mais importante para os homens.

Segundo Padilla (2007), o sentimento de aceitação por parte da sociedade portuguesa com relação aos imigrantes brasileiros e as proximidades culturais existentes entre portugueses e brasileiros, como valores, usos e costumes, facilitam as relações de amizade. Todavia, segundo Bógus (2007), essas relações se

mostram mais frequentes entre pessoas de mesmo nível socioeconômico, que trabalham juntas ou com proximidade de residência.

Num estudo de Silva e Schiltz (2007), com 376 brasileiros imigrantes em Portugal, quando interrogados especificamente sobre as relações de amizade com os portugueses, 87% dos brasileiros imigrantes disseram ter algum amigo português e 78% disseram já ter convidado um português para ir à sua casa. Ainda, 74,7% dos brasileiros já foram convidados para ir à casa de um português. Segundo as autoras, esses dados podem indicar a abertura e confiança dos membros das duas comunidades para interagirem e se relacionarem sem grandes tensões ou conflitos.

No mesmo estudo, em respeito às relações de vizinhança, os imigrantes brasileiros disseram aceitar vizinhos imigrantes africanos (92,3%), imigrantes do leste europeu (90,0%), outros imigrantes brasileiros como vizinhos (96,4%), e vizinhos ciganos (62,9%), o que, segundo as autoras, denota uma boa aceitação de outros imigrantes, mas um comportamento discriminatório dos imigrantes brasileiros com relação aos ciganos, também observado entre os próprios portugueses. Por fim, com relação aos hábitos culturais e valores sociais na percepção dos brasileiros imigrantes, a maioria dos participantes (62,9%) discorda de que é importante os imigrantes tornarem-se parecidos com os portugueses na maneira de se comportar, de se vestir e de falar e 88,8% concordam que a valorização da cultura de origem é importante para a integração dos imigrantes. Porém, 76,9% acham que os filhos de imigrantes devem interiorizar os valores da sociedade portuguesa (SILVA; SCHILTZ, 2007).

Todavia, não foram encontrados estudos que enfocassem e se aprofundassem na temática das relações de amizade de imigrantes brasileiros em Portugal. Essa tese se propõe a analisar aspectos específicos dessas relações, como o histórico das novas amizades, o conteúdo das mesmas e sua importância para a adaptação ao novo país, por exemplo.

9. PROBLEMA DE PESQUISA E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O problema de pesquisa da presente tese foi: como são as relações de amizade de imigrantes latino-americanos no Brasil e de emigrantes brasileiros em outros países da América Latina, Espanha e Portugal? Mais especificamente pretendeu-se investigar como a migração recente afeta as amizades já existentes e a formação de novas amizades, com pessoas de qualquer nacionalidade e cultura.

Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (1999), o problema de pesquisa é definido como uma indagação referente à relação entre duas ou mais variáveis. Neste caso, de maneira geral, a migração seria a variável independente do estudo, e as relações de amizade estabelecidas seriam a variável dependente.

A relevância científica do trabalho está na ampliação do conhecimento sobre a temática das amizades interculturais ou na originalidade de se produzir estudos na área de relacionamentos amistosos focalizando os imigrantes latino-americanos no Brasil, bem como os emigrantes brasileiros em outros países latino-americanos, na Espanha e em Portugal. Entende-se que amizades entre pessoas de diferentes culturas podem promover maior integração entre as mesmas.

Segundo Adams e Bliezsner (1994), os estudos sobre amizades tratam majoritariamente de estudantes universitários caucasianos, de classe média, adultos e que residem nos EUA. Os estudos brasileiros sobre relações de amizade também acabam por privilegiar a população de estudantes (GARCIA, 2012a; 2012b; GARCIA; BITENCOURT-NETO et al., 2010; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; DETTOGNI et al., 2010; GARCIA; GOES, 2010; GARCIA; RANGEL, 2011; SOUZA; SEDIYAMA, 2012). Este trabalho contribuiria, portanto, para o avanço da literatura latino-americana sobre relações de amizade.

Já existem algumas garantias ao migrante na legislação brasileira, por exemplo, de acolhida humanitária ao imigrante no Brasil bem como de proteção ao brasileiro no exterior (BRASIL, 2017). Porém, a relevância social do trabalho estaria na descoberta de possíveis caminhos para se estreitar relações, incluindo as amistosas, não apenas entre pessoas, como também entre as próprias nações latino-americanas, entre Brasil e Espanha, bem como entre Brasil e Portugal, promovendo maior cooperação social e cultural (além da científica) entre esses e outros países. Podem ser direcionados, inclusive, caminhos para uma melhor adaptação e ajustamento do imigrante a novas culturas, promovendo sua melhor qualidade de vida.

10. OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar as amizades de migrantes, residindo no novo país há pelo menos seis meses, com pessoas de qualquer nacionalidade. Os objetivos específicos do estudo foram: 1) analisar o

histórico das antigas e novas amizades ao longo da vida no novo país; 2) analisar o conteúdo das novas amizades, (por exemplo, as diferenças culturais na amizade, preconceito ou dificuldades para fazer amigos, semelhanças e diferenças nas amizades entre as culturas, dentre outros); e 3) analisar o papel das novas amizades para a adaptação dos migrantes ao novo país.

II. MÉTODO

1. PARTICIPANTES

A ideia por trás da pesquisa qualitativa é selecionar propositalmente participantes (ou locais, ou documentos ou materiais gráficos) mais indicados para ajudar o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa (CRESWELL, 2007). Deste modo, a pesquisadora escolheu os participantes em função das questões de interesse de estudo e também das condições de acesso e disponibilidade dos mesmos (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

A ideia inicial do projeto dessa pesquisa seria que participassem 10 imigrantes de países latino-americanos que vieram para o Brasil, 10 emigrantes brasileiros que foram para outro país da América-Latina e 10 imigrantes brasileiros que viviam na Espanha. Todos os 30 participantes deveriam ter saído de seu país de origem com mais de 18 anos, bem como deveriam residir no novo país (ou país atual, ou país de destino) há pelo menos seis meses. Entretanto, os grupos de participantes precisaram ser ampliados, devido à extrema dificuldade de se encontrar participantes para o segundo grupo, de emigrantes brasileiros que residiam em outro país da América Latina (apenas três responderam ao questionário). Segundo Alves-Mazzoti e Gewandszajder (1999), nem sempre é possível precisar no projeto quantos e quais serão os sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como a forma pela qual se pretende selecionar os demais.

A partir dessa dificuldade metodológica, continuou-se buscando participantes que foram para o novo país com 18 anos de idade ou mais e que residiam nesse país há pelo menos seis meses, mas compondo quatro grupos:

- A. Imigrantes latino-americanos no Brasil;
- B. Emigrantes brasileiros em outros países da América Latina;
- C. Emigrantes brasileiros da Espanha;
- D. Emigrantes brasileiros em Portugal.

Esse estudo de doutorado contou com 40 participantes divididos entre os quatro grupos, da seguinte maneira: A) 20 latino-americanos que residiam no Brasil; B) três brasileiros que residiam em outro país da América Latina; C) 12 brasileiros que residiam na Espanha; e D) cinco brasileiros que residiam em Portugal. Cada participante foi identificado pela letra do grupo ao qual pertencia (A, B, C ou D) e por um número.

2. INSTRUMENTO

Considerando a dificuldade de acessar os participantes desta pesquisa pessoalmente, devido à distância física, optou-se por fazer a coleta de dados *online*. O instrumento inicial dessa tese seria a entrevista, que seria conduzida com base em um roteiro estruturado, através do *software Skype*. Porém, quando a pesquisadora iniciou os contatos para coleta de dados, os participantes apresentaram dificuldades ou obstáculos para responder à entrevista por *Skype*, alegando principalmente falta de tempo. Solicitaram maciçamente que o roteiro de entrevista fosse enviado por *e-mail*, para os mesmos o responderem por escrito, ou

seja, em forma de questionário. A pesquisa qualitativa não escapa dos efeitos da revolução digital do início do século XXI, e o número de pessoas que usa o *e-mail* como uma forma de comunicação está crescendo constantemente (FLICK, 2009).

Apesar da observação, a entrevista e a análise de documentos serem os instrumentos mais utilizados em pesquisas qualitativas, esse tipo de pesquisa é caracteristicamente multimetodológica (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 1999). Além disso, a pesquisa qualitativa é emergente, em vez de estritamente pré-configurada, pois diversos aspectos surgem durante o desenvolvimento do estudo qualitativo (CRESWELL, 2007). Ainda, segundo Flick (2004), análises da prática da pesquisa demonstram que grande parte dos ideais de objetividade formulados com antecedência não podem ser consumados. Apesar de todos os controles metodológicos, a pesquisa e suas descobertas são inevitavelmente influenciadas pelos interesses e pelas formações social e cultural dos envolvidos, incluindo os participantes. Nas pesquisas qualitativas, “o objeto em estudo é o fator determinante para a escolha de um método, e não o contrário” (FLICK, 2004, p. 21). Segundo o mesmo autor, o assunto, o problema de pesquisa, os participantes e os enunciados buscados são os pontos de ancoragem para avaliar a apropriabilidade de métodos concretos na pesquisa qualitativa.

Em uma entrevista *online*, pode-se enviar um conjunto de perguntas aos participantes, solicitando o envio posterior das respostas. “Porém, isso se aproxima mais da situação de se distribuir um questionário em uma pesquisa do que à situação de uma entrevista semiestruturada” (FLICK, 2009, p. 241). Ainda, segundo Fischer (2006), questões de descrições de situações atuais ou de recordações podem fornecer dados para análises qualitativas, desde que as perguntas sejam

abertas. Portanto, considerando todos os aspectos supracitados, o instrumento utilizado nessa tese foi um questionário com 21 perguntas abertas (APÊNDICE A), enviado e recebido por *e-mail*. Esse questionário conteve as mesmas perguntas do roteiro estruturado que seria utilizado na entrevista inicial, e foi adaptado de Costa (2012).

O questionário é um documento contendo uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas pelos participantes por escrito, geralmente sem a presença do pesquisador. As questões abertas foram escolhidas, pois, apesar de demandarem mais tempo e recursos para uma etapa de codificação, uma de categorização das respostas e uma análise mais complexa, propiciam maior qualidade/riqueza das respostas, quando bem formuladas (APPOLINÁRIO, 2012), já que produzem relatos escritos.

De maneira ampla, as questões do instrumento buscaram investigar o histórico das amizades dos participantes, as mudanças nas amizades e a formação de novas amizades, o conteúdo das amizades, a visão dos nativos antes e depois das amizades, as diferenças culturais nas amizades, o papel dos amigos para a adaptação ao novo país, a percepção de preconceitos ou dificuldades oriundos da diferença de nacionalidade nas amizades, o significado das amizades para o imigrante num país diferente e as necessidades sociais diante da nova cultura. Quando o participante apresentava dificuldades em responder alguma questão, a pesquisadora retornava o e-mail perguntando o mesmo conteúdo em outras palavras.

3. PROCEDIMENTOS

A fim de testar se as perguntas do questionário possuíam a clareza desejada, bem como atendiam aos objetivos da pesquisa, foi feito um procedimento piloto com um voluntário brasileiro e que morou na Espanha por aproximadamente seis anos. Como ele já havia voltado a morar no Brasil, ele não poderia ser participante do estudo.

Para recrutamento dos possíveis participantes da pesquisa, foram feitos contatos com as seguintes universidades e instituições de ensino nacionais e internacionais: Instituto Federal do Espírito Santo – IFES (docentes), Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG (docentes e discentes), Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC (docentes), Instituto Federal de São Paulo – IFSP (docentes), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC–SP (docentes), Universidade Estadual Paulista – UNESP (docentes e discentes), Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (docentes e discentes), Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (docentes), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (discentes), Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (discentes), Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (docentes), Universidade de São Paulo – USP (docentes), Universidade Autónoma de Yucatan (México) – UADY (docentes), Universidade Católica de Oriente (Colômbia) – UCO (docentes), Universidade Nacional Autónoma de México – UNAM (docentes).

Também foram contatados todos os participantes da Rede Internacional de Psicologia Científica (ISPN - *International Scientific Psychology Network*), associações, consulados, clubes e grupos de estagiários que envolvessem

emigrantes brasileiros em todos os países da América Latina, Espanha e Portugal, bem como que envolvessem imigrantes latino-americanos no Brasil, através do site de buscas *Google*. Além disso, foram feitos contatos com grupos de redes sociais como o *Facebook* e o *LinkedIn*, utilizando como palavras-chave todos os países e nacionalidades envolvidos na pesquisa. No total, foram feitos contatos diretos por *e-mail* e mensagens em redes sociais com aproximadamente 1.000 pessoas, entre agosto de 2014 e janeiro de 2016. Em todos os contatos diretos feitos, foi utilizada a técnica de “bola de neve”, ou seja, era pedido que cada potencial participante indicasse outros, os quais, por sua vez, indicariam outros, e assim sucessivamente (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

4. DELINEAMENTO

O presente estudo de doutorado pode ser considerado uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, com características descritivas. A meta da pesquisa qualitativa concentra-se menos em testar o que já é bem conhecido, e mais em descobrir o novo e desenvolver teorias empiricamente embasadas (FLICK, 2004).

Há dois tipos de questões de pesquisa: aquelas voltadas para a descrição de estados e aquelas voltadas para a descrição de processos (FLICK, 2004). No caso deste estudo, foram formuladas e utilizadas questões do segundo tipo, ou seja, aquelas que buscaram descrever como as amizades se desenvolveram ou se modificaram após a migração, englobando características como causas, processos, consequências e estratégias. As perguntas do questionário foram

formuladas, partindo do pressuposto de que os participantes estariam dispostos e seriam capazes de dizer a verdade e de dar respostas acuradas (COZBY, 2003).

Portanto, essa pesquisa tratou de relatos ou descrições dos participantes sobre concepções e percepções de suas amizades intra e interculturais, e não propriamente de seus comportamentos em situações reais. Todavia, Hinde (1997), considera que os componentes afetivos e cognitivos são tão importantes quanto os comportamentais nos relacionamentos.

5. ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Depois de realizar uma leitura prévia, organizar e preparar os dados, bem como lê-los minuciosamente várias vezes, procedeu-se à sua análise detalhada com um processo de codificação (interpretação das falas), e posterior organização do material em categorias, com base em análise qualitativa de conteúdo (FLICK, 2004; FLICK, 2009). A análise de dados envolve fazer uma interpretação ou extrair significado dos dados (CRESWELL, 2007), o que exige sensibilidade do pesquisador (FLICK, 2009).

Por fim, foi feita uma análise integradora e crítica dos resultados obtidos, à luz do referencial teórico da área temática das relações de amizade, com base em diversos estudos utilizados na introdução desta tese, como Costa (2012), Garcia (2012a; 2012b), Garcia, Bitencourt-Neto et al. (2010), Garcia, Brandão et al. (2010), Garcia, Dettogni et al. (2010), Garcia e Goes (2010), Garcia e Rangel (2011), dentre outros, e principalmente no autor teórico Hinde (1997), com base em quem se

buscou analisar o conteúdo das relações de amizade e sua diversidade, bem como fazer sua descrição, a fim de atingir os objetivos do estudo supracitados.

6. ASPECTOS ÉTICOS DO ESTUDO

Este estudo foi elaborado sob as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS número 466/2012, sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e pela Plataforma Brasil, sob o número CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) 34551714.5.0000.5542, em 18 de dezembro de 2014.

Alguns cuidados éticos tomados nessa pesquisa foram: a) os participantes foram informados sobre todos os aspectos e etapas da pesquisa, bem como foram passados os dados da pesquisadora e do Comitê de Ética da UFES; b) foi firmada a garantia de sigilo absoluto das informações que pudessem identificar os participantes; c) foi informado que os dados poderiam ser publicados em meios científicos, desde que absolutamente resguardado o anonimato dos participantes; d) foi explicado que a participação de todos os envolvidos era voluntária, podendo haver desligamento de qualquer parte, a qualquer momento; e) a pesquisadora se comprometeu a esclarecer quaisquer dúvidas e oferecer todas as informações pertinentes à pesquisa em qualquer momento aos participantes. Em havendo concordância com esses cuidados, todos os participantes preencheram um termo de consentimento livre e esclarecido para a participação no estudo, enviado à pesquisadora por *e-mail* junto com o questionário (APÊNDICE A).

III. RESULTADOS

Como mencionado na metodologia, os dados foram organizados e lidos várias vezes, e passaram pelos processos de codificação e categorização, com base em análise qualitativa de conteúdo (FLICK, 2004; FLICK, 2009). As categorias formadas com base no conteúdo das falas dos participantes do estudo foram:

1. Amigos/ familiares/ vínculos;
2. Nacionalidade;
3. Distância/ proximidade física;
4. Contato/ convívio;
5. Atividades compartilhadas/ interesses em comum;
6. Preconceito;
7. Visão/ percepção/ concepção/ significado de amizade;
8. Diferenças/ influências culturais;
9. Semelhanças/ diferenças nas amizades;
10. Adaptação/ acolhimento/ ajustamento/ aproximação/ abertura à nova cultura.

Cada pergunta do questionário utilizado como instrumento dessa pesquisa gerou um capítulo de resultados, sendo os 21 capítulos, portanto, apresentados a seguir.

1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A pergunta número um do questionário utilizado nessa tese pedia uma pequena biografia dos participantes. Essas informações serão apresentadas a seguir por grupos de participantes. A apresentação dos participantes dentro de cada grupo seguiu a ordem alfabética dos nomes.

1.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

A1, sexo masculino, 40 anos, Colômbia (país de origem), sete irmãos, negro, esposa colombiana e filho brasileiro, católico.

A2, sexo masculino, 30 anos, Peru, um irmão, católico não praticante.

A3, sexo masculino, 75 anos, Argentina, casado, um filho de casamento anterior, sem religião.

A4, sexo feminino, 52 anos, Bolívia, dois irmãos, filho de seis meses.

A5, sexo feminino, 40 anos, Argentina, filha única.

A6, sexo feminino, 30 anos, Peru, católica não praticante.

A7, sexo masculino, 33 anos, Colômbia, dois irmãos, mora com namorada, católico.

A8, sexo feminino, 37 anos, Colômbia, um irmão, católica não praticante.

A9, sexo masculino, 32 anos, Colômbia, divorciado, uma filha.

A10, sexo feminino, 32 anos, Colômbia, quatro irmãos, sem filhos, cristã.

A11, sexo feminino, 25 anos, México, três irmãos, solteira, evangélica.

A12, sexo masculino, 27 anos, Chile, quatro irmãos, um filho, crenças próprias.

A13, sexo feminino, 26 anos, Colômbia, duas irmãs, católica.

A14, sexo feminino, 32 anos, Colômbia, um irmão, casada, filha de seis meses nascida no Brasil, católica não praticante.

A15, sexo feminino, 55 anos, Argentina, uma filha argentina, católica.

A16, sexo feminino, 36 anos, México, quatro irmãos, casada, um filho mexicano, ateia.

A17, sexo feminino, 29 anos, Cuba, um irmão, católica.

A18, sexo masculino, 30 anos, Peru, dois irmãos, adventista do sétimo dia.

A19, sexo feminino, 65 anos, Panamá, cinco irmãos, casada, dois filhos (um brasileiro e um estadunidense) e três netos.

A20, sexo feminino, 40 anos, Peru, casada, um filho brasileiro, católica.

1.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

B1, sexo feminino, 33 anos, reside no Chile, mora com companheiro, sem filhos, não tem religião.

B2, sexo feminino, 28 anos, reside no México, casada com um mexicano, um filho mexicano, católica não praticante.

B3, sexo feminino, 33 anos, reside no México, uma irmã, casada pela segunda vez, não tem filhos, agnóstica.

1.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

C1, sexo feminino, 35 anos, sete irmãos, divorciada, duas filhas, católica praticante.

C2, sexo feminino, 28 anos, filha única, não tem filhos, não tem religião.

C3, sexo feminino, 33 anos, uma irmã, casada, sem filhos.

C4, sexo feminino, 30 anos, casada, católica.

C5, sexo feminino, 37 anos, três irmãos, solteira, sem filhos, não pratica a religião católica.

C6, sexo feminino, 27 anos, filha única, pais evangélicos, doutrina da qual discorda.

C7, sexo masculino, 28 anos, católico não praticante.

C8, sexo masculino, 33 anos, filho único, cristão protestante.

C9, sexo masculino, 28 anos, mora com um amigo, sem filhos, não tem religião.

C10, sexo masculino, 36 anos, um irmão, casado, um filho espanhol, sem religião.

C11, sexo feminino, 41 anos, duas irmãs, católica, mas se identifica mais com doutrina espírita, sem filhos.

C12, sexo masculino, 54 anos, filhos brasileiros, agnóstico.

1.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

D1, sexo feminino, 36 anos, sem religião.

D2, sexo feminino, 41 anos, sem filhos, católica não praticante.

D3, sexo feminino, 34 anos, um irmão, divorciada, sem filhos, católica praticante.

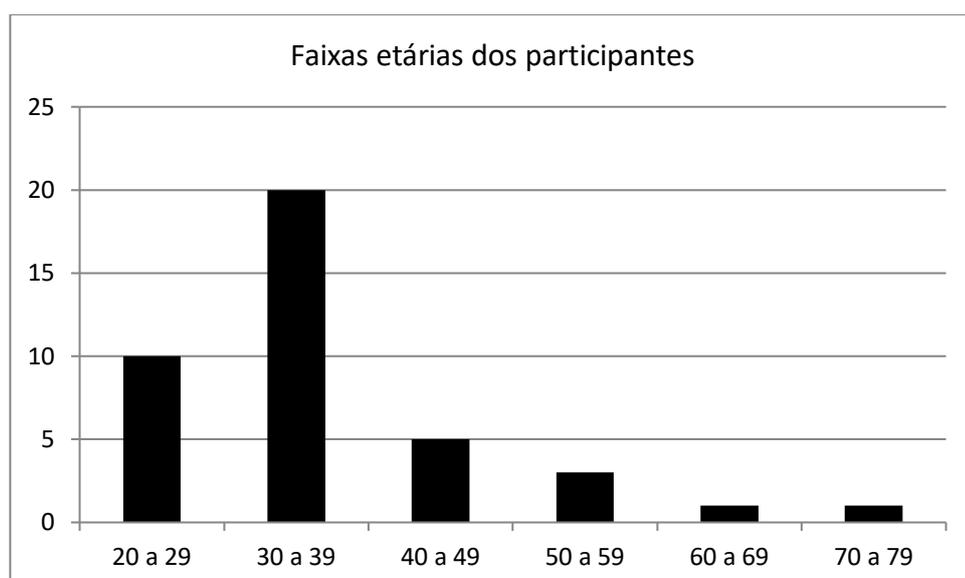
D4, sexo feminino, 29 anos, casada, sem filhos, sem religião, mas não se considera ateia.

D5, sexo feminino, 32 anos, uma irmã, solteira, sem religião.

1.5 Análise Integrada dos Dados

Do total de 40 participantes, 28 são mulheres (70%) e 12 homens (30%). Com relação à idade, a maioria dos participantes se concentra na faixa etária de 30 a 39 anos (20 participantes) e de 20 a 29 anos (10 participantes), como pode ser visualizado na figura um abaixo:

FIGURA 01 - Faixas Etárias dos Participantes



Com relação à nacionalidade dos participantes do grupo A, de latino-americanos no Brasil, sete são da Colômbia, quatro do Peru, três da Argentina, dois do México, e um participante de cada um dos seguintes países: Bolívia, Chile, Cuba e Panamá. No grupo B, de brasileiros que vivem em outros países da América Latina, duas participantes residem no México e uma no Chile.

Com relação à religião, oito participantes se declararam católicos, oito católicos não praticantes, oito disseram não ter religião, sete não informaram a religião, três se declararam ateus ou agnósticos, dois cristãos e um participante se declarou pertencente a cada uma das seguintes religiões: evangélica, espírita, adventista do sétimo dia e crenças próprias.

2. HISTÓRICO NO NOVO PAÍS

2.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 15 vivem no Brasil há menos de 10 anos e 15 vieram ao Brasil para estudar, principalmente fazer pós-graduação *stricto sensu*, sendo os outros motivos trabalho (para quatro deles, sendo que um também veio pelos estudos) e razões familiares (para dois).

Apenas um participante não mencionou sua opinião sobre o Brasil, mas a grande maioria (19) gosta do país, apresentando aspectos positivos como os brasileiros sendo pessoas amáveis (inclusive com os imigrantes), alegres, amigáveis, acolhedoras, simpáticas, nobres e salientando características positivas do Brasil como tendo ensino superior de qualidade, a beleza, a natureza, o clima,

a tranquilidade e a diversidade cultural, intelectual, religiosa, gastronômica, linguística e racial. Seguem alguns trechos que elucidam essas características positivas:

“A minha opinião é um país que é muito amável com as pessoas que chegam de fora” (A8).

“Brasil é um país maravilhoso, muito lindo que abre as portas aos estrangeiros para que estes possam se superar, não há preconceito nenhum com os estrangeiros” (A17).

“Acho o Brasil um país bastante acolhedor e com muitas oportunidades nas diferentes áreas de pesquisa. Os brasileiros são muito amáveis, alegres e simpáticos” (A14).

“Adoro a natureza, as frutas, a diversidade que o Brasil tem” (A6).

“Admiro muito a sua beleza natural e cultural, tem pessoas de todo tipo de raça e cultura. A música é muito variada e há para todos os gostos” (A10).

Com relação à opinião dos participantes sobre os aspectos negativos existentes no Brasil, foram mencionados por 11 participantes problemas, falhas e desorganização no geral (por cinco participantes), violência, burocracia (inclusive nos trâmites migratórios), serviços públicos de má qualidade, problemas políticos e corrupção, pouca interação com os outros países da América Latina, brasileiros como pessoas distantes, não assertivas e alienadas. O preconceito foi apontado como presente por um participante, mas ausente por outra (como mencionado num trecho acima).

Algumas falas de participantes que elucidam esses aspectos negativos são:

“Ainda agora cada vez que quero tramitar algo, a maior parte das vezes os funcionários dão informações erradas ou não completas, o que é uma perda de tempo e de esforço para mim” (A6).

“... acho que ainda falta o país interagir mais com os outros países da América Latina, que ele sinta-se parte da América, já que pela língua o Brasil se afasta dos países que falam espanhol em América. Acho que devem trabalhar mais em conjunto para se conhecer, mesmo assim aqui são muito preconceituosos, mais no Espírito Santo (são fechados em relação a outros estados do Brasil)” (A11).

“O problema é que ao ser tão amigáveis, às vezes é difícil saber se algo os incomoda ou se têm uma opinião contrária” (A16).

“Desde que cheguei fiquei impressionada com as paisagens, mas também preocupada por quão demoradas são as coisas aqui. Parece que o povo vive tranquilo com o que têm, reclamam, mas é melhor falar de futebol ou novelas. Também fiquei surpresa com a assimetria cultural das pessoas. A gente na universidade até sabe que o Brasil tem fronteira com Peru e alguns até ouviram de Machu Pichu, mas nas ruas encontrei com muitas pessoas, gente jovem que acha que o Peru está na China rsrsrsrs” (A20).

2.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B, de brasileiros que vivem em outro país da América Latina, vivem no atual país há no máximo três anos, sendo que duas vivem no México e uma no Chile. Uma delas foi para o novo país devido a estudos e pelo companheiro (Chile), uma por causa do marido e a outra não mencionou o motivo da ida.

Apenas uma participante do México mencionou gostar do novo país. As duas participantes que vivem no México acham o país parecido com o Brasil. Nas palavras de uma delas:

“Assim como no Brasil, uma pessoa poderia passar a vida viajando pelo país conhecendo novas culturas e costumes. O povo mexicano é um pouco mais amargurado que o nosso, a corrupção é mais institucionalizada aqui; porém, sinto que o povo mexicano é menos agressivo que o brasileiro, e eles tentam ser legais com você o tempo todo” (B3).

A participante que vive no Chile apontou dois aspectos negativos: “... Os chilenos parecem ser bastante hierárquicos e respeitam essa ordem. Aqui em Temuco, os homens são bastante machistas” (B1).

2.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Todos os 12 participantes do grupo C vivem na Espanha há no máximo 10 anos, sendo o principal motivo de ida ao país fazer pós-graduação *stricto sensu* (em nove casos). Os outros motivos apresentados foram questões familiares (por dois participantes) e trabalho (por um participante).

A grande maioria dos participantes do grupo de brasileiros na Espanha (11) gosta muito ou adora a Espanha, sendo que apenas uma participante não mencionou se gosta ou não do país. As opiniões favoráveis são com relação a ser um país organizado, com uma boa infraestrutura, que oferece boa qualidade de vida e de serviços (transporte, por exemplo), possuir boas oportunidades de lazer e uma vida cultural dinâmica, comida excelente, clima agradável, limpeza, beleza, segurança, em que a corrupção, a violência e a desigualdade social são mais controladas que no Brasil. Enfim, a Espanha foi apontada como um país acolhedor, onde as pessoas são mais abertas e as relações profissionais e pessoais muito boas, sem a rigidez da cultura dos países ricos do Norte da Europa:

“Sempre tem eventos culturais, festivais de cinema, museus importantes, a vida cultural é muito ativa...” (C3).

“As relações pessoais talvez sejam em menos quantidade, mas bastante verdadeiras” (C6).

Em uma visão um pouco mais crítica de uma participante:

“Minhas experiências neste país têm sido muito positivas e, no geral, agradáveis. No entanto, eu percebo que isso não coincide com a opinião de muitos estrangeiros brasileiros que vivem ou viveram aqui. Eu, particularmente, acredito que isso tem a ver com o círculo ou perfil de pessoas com quem cada um se relaciona. Sempre ouço muitas histórias de hostilidade em relação a estrangeiros (brasileiros ou não) que vivem dificuldades financeiras” (C1).

As opiniões desfavoráveis focalizam aspectos como diferenças culturais muito marcadas com relação ao Brasil (como o preconceito contra a mulher brasileira, por exemplo), a hostilidade com estrangeiros dependendo do círculo de relacionamentos, e a grosseria no trato diário com as pessoas (que depois melhora):

“... Além disso, acredito que a mídia brasileira contribui com algumas dificuldades em virtude da visão preconceituosa e deturpada da mulher brasileira” (C4).

“... Os espanhóis são grosseiros no trato diário com pessoas que não conhecem, mas depois que fazem amizade são muito simpáticos” (C3).

2.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

No grupo D, duas participantes vivem em Portugal há dois anos, duas vivem há cinco anos e uma há 22 anos. Os motivos de suas idas foram cursar doutorado

(para três participantes), trabalho do pai (para uma) e trabalho do namorado da época (para outra participante).

Todas as participantes disseram gostar do país, mas para três há o lado negativo também. Os fatores positivos são a segurança, os meios de transporte eficientes, o clima, os serviços públicos, como o sistema de saúde, a limpeza, beleza, organização; as pessoas sabem exigir seus direitos, não há tanta disparidade entre as classes econômicas e o custo de vida é relativamente baixo (há qualidade de vida). As questões culturais, como as ligações culturais fortes com o Brasil, a música, a literatura e a gastronomia foram apontadas por três participantes. Além disso, foram mencionadas as muitas políticas que favorecem os imigrantes:

“Em Portugal come-se muito bem, vive-se muito bem e não há qualquer sensação de insegurança” (D4).

“Portugal é um belo país, seguro, relativamente organizado, com ligações culturais fortes com o Brasil. Gosto, sobretudo da cultura – especialmente, música e literatura, e da gastronomia” (D3).

“Gosto do clima, da segurança, dos meios de transporte, do sistema de saúde pública, do modo de vida em geral...” (D2).

“... Portugal é um país com muitas políticas para imigrantes, ainda que este grupo no país esteja, em grande medida, dentre aqueles com maior vulnerabilidade socioeconômica...” (D4).

As opiniões desfavoráveis apontadas por três participantes foram: o clima frio e chuvoso e alguns comportamentos da população portuguesa, como o jeito

diferente (rude), o preconceito (contra negros e mulheres), o egoísmo e a negatividade (salientando o que está ruim):

“... Gostava muito mesmo nos primeiros anos, mas atualmente o frio incomoda-me imensamente e restringe minha vida. Isso quando não chove meses seguidos, e não vimos nem sinal do sol, deprimi-me muito” (D1).

“... Já me acostumei com o jeito diferente (mais rude) e com a cultura do povo português” (D2).

“... acho que é um país preconceituoso (ex. Não vejo negros aqui na universidade; em outro exemplo, estou cansada de ouvir coisas desagradáveis sobre mulheres e sobre mulheres brasileiras em particular). Também me parece ser uma sociedade egoísta em que o ‘eu?’ vem antes do ‘e nós?’. Por fim, Portugal é muito negativista, em que parece que a primeira coisa que se enxerga é sempre o que está ruim – e gasta-se muito tempo falando do que está ruim e fazendo queixas” (D5).

2.5 Análise Integrada dos Dados

Com relação ao tempo de estadia no novo país, a grande maioria dos participantes está há menos de 10 anos no país atual. O principal motivo de ida ao novo país apresentado pelos grupos A (de latino-americanos no Brasil), C (de brasileiros na Espanha) e D (de brasileiros em Portugal) foi realizar pós-graduação *stricto sensu*. Apenas para o grupo B (de brasileiros em outros países da América Latina) o motivo mais citado foram parentes.

Em se tratando da opinião sobre o país atual, a maioria dos participantes dos grupos A, C e D gostam, respectivamente do Brasil, da Espanha e de Portugal. A maioria das participantes do grupo B não mencionou sua opinião.

Comparando as características positivas apontadas por participantes dos quatro grupos, verificou-se que os imigrantes dos grupos A, B e C gostam das pessoas do país de destino. Um aspecto em comum apontado pelos grupos A, C e D, foi o de natureza e beleza do local, ou seja, do Brasil, da Espanha e de Portugal. A diversidade cultural foi mencionada por participantes dos grupos A e C (no Brasil e na Espanha).

Os grupos C e D destacaram que os países de destino, Espanha e Portugal, possuem boas organização e infraestrutura, serviços públicos de qualidade, limpeza, segurança e qualidade de vida. Como aspectos que apareceram isoladamente nos grupos, têm-se: ensino superior de qualidade no Brasil; comida excelente e clima agradável na Espanha; pouca disparidade econômica e baixo custo de vida em Portugal. Ainda no grupo de brasileiros em Portugal foi colocada a questão do comportamento assertivo dos portugueses, em que as pessoas sabem exigir seus direitos. Essa característica é oposta a uma apontada pelo grupo A, de que os brasileiros não conseguem ser assertivos no momento de dar sua opinião.

Em se tratando de aspectos desfavoráveis encontrados no país de destino, outra oposição foi encontrada entre três grupos: o A, em que imigrantes latino-americanos percebem a violência no Brasil, e os grupos C e D, em que os imigrantes brasileiros percebem a segurança na Espanha e em Portugal.

A questão da desorganização encontrada pelo grupo A no Brasil também vai contra a organização relatada pelos participantes brasileiros que vivem na Espanha e em Portugal. O mesmo ocorre com a infraestrutura e o oferecimento de serviços públicos, elogiados na Espanha e em Portugal e criticados no Brasil. Esses

problemas governamentais do Brasil, como a corrupção, também foram apontados pelo grupo B, especificamente no México.

O grupo A mencionou pouca interação do Brasil com outros países da América Latina. Já o grupo D apontou fortes ligações culturais de Portugal com o Brasil. Ainda, o grupo A apontou a burocracia para os trâmites legais dos imigrantes e o grupo C relatou que na Espanha existe certa hostilidade a estrangeiros; ao contrário, em Portugal existem políticas para imigrantes, como apontadas pelo grupo D.

O preconceito, principalmente contra a mulher, foi ponto em comum mencionado pelos grupos C e D, de brasileiros que vivem na Espanha e Portugal. Segundo Padilla (2007), é real a dificuldade da mulher brasileira em fazer amizades em Portugal devido ao estereótipo da prostituição existente. Também na Espanha, as mulheres imigrantes no geral ainda possuem o estereótipo que inclui prostituição, pobreza, passividade, vitimização e vulnerabilidade (LIROLA, 2015).

Essa visão machista existente na Espanha e em Portugal provavelmente tem relação com as culturas, tanto de origem (brasileira) quanto receptoras, sexistas e conservadoras, em que as mulheres que migram sozinhas são criticadas por hipoteticamente distanciarem-se dos maridos e deixarem os filhos aos cuidados de outra pessoa (PADILLA, 2007). Já as mulheres que migram em função do trabalho do cônjuge raramente conseguem nova inserção no mercado de trabalho (BEZERRA; VIERIA, 2013).

Por fim, como aspectos negativos isolados dos grupos têm-se: brasileiros serem distantes e alienados; povo mexicano ser mais amargurado que o brasileiro,

espanhóis serem grosseiros no trato diário, clima em Portugal ser frio e chuvoso, e comportamentos de portugueses de serem rudes, egoístas e negativistas.

3. RETORNO AO PAÍS DE ORIGEM

3.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, de latino-americanos no Brasil, 18 disseram já ter retornado ao país de origem, e dois não. Desses 18, 15 apresentaram aspectos positivos dos retornos, como alegria ou felicidade em rever familiares e amigos, matar a saudade da família, dos amigos, da cultura (como comida), dos lugares, além de outros fatores como descanso e “recarregar as baterias” (A11).

Alguns trechos que elucidam esses aspectos são:

“Tinha muita saudade da comida peruana, do amor de meus pais, amigos e irmãos. Além disso, foi um descanso de ter que pensar o que comer, quanto gastar, cozinhar, limpar. Todas essas coisas que em Brasília tenho que me preocupar” (A6).

“É algo que fica curto para se descrever em palavras. É a família!! Muito grato” (A7).

“... foi muito bacana voltar porque tinha sentido muita saudade de minha família, das pessoas, do idioma, de minha cidade e dos meus amigos” (A10).

Ainda dentro desse grupo de 15 pessoas, duas participantes apresentaram aspectos desfavoráveis: de sentir saudade do Brasil depois de certo tempo longe e de a atenção dada pelos familiares se perder depois de certo tempo, pois cada um volta às suas atividades. Os outros três participantes não mencionaram como foi o retorno.

“... e desde então é assim sempre com saudades de Colômbia quando estou no Brasil e saudades do Brasil quando estou na Colômbia. Fico dividida entre os dois países, com saudade seja pela família que está na Colômbia, seja pelo nosso espaço no Brasil” (A14).

“A família demonstra muita atenção nos primeiros dias, mas à medida que o tempo passa, a ilusão por nos vermos acaba e tudo mundo volta às suas atividades, a ilusão se perde” (A20).

3.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B, de brasileiros em outros países da América Latina, já retornaram ao Brasil. Duas apresentaram aspectos positivos, como rever família e amigos, e de reestabelecer os ânimos para continuar no país, apesar de uma delas ter vindo por motivos de saúde familiar:

“Na verdade foi bastante corrido, mas consegui rever alguns amigos que sentia bastante falta e foi como tomar um fôlego para continuar” (B1).

A outra participante mencionou apenas um aspecto negativo, de choque com o preço das coisas no Brasil: “Me choca um pouco como as coisas estão caras” (B3).

3.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, de brasileiros que residem na Espanha, nove já retornaram ao Brasil e três não. Dos que retornaram, sete relataram aspectos positivos sobre a visita ao país de origem, sete apontaram aspectos negativos e cinco participantes apontaram uma visão dúbia (tanto aspectos

positivos quanto negativos). Os fatores positivos foram rever ou matar a saudade dos familiares, amigos e cultura (costumes, comidas, paisagens, música) e cuidar de bens deixados no Brasil. Os fatores negativos mencionados pelos participantes foram surpresa, estranhamento, desconforto ou choque no sentido cultural com a violência, os preços abusivos, a má qualidade dos produtos e serviços oferecidos (sendo considerada uma injustiça), a precariedade nas condições de transporte e segurança, a falta de liberdade, a diversidade racial, a pobreza, o sentimento de não pertencimento à cultura brasileira mais, saudade da Espanha, tensão de ter que ficar hospedada na casa de familiares ou amigos, dificuldade de voltar à Espanha, deixando família e amigos e tendo que enfrentar o inverno rigoroso da Europa.

Portanto, segundo uma participante:

“Sempre viagens, por um lado, afetivamente muito gratificantes, por poder estar perto da família, por poder rever os amigos, por poder cuidar de bens e de coisas que possuo lá e que necessitam uma manutenção, mas também sempre um choque no sentido cultural... por exemplo, a questão da violência” (C5).

Para outra:

“Por um lado, foi excelente para rever meus familiares e amigos e matar a saudade dos nossos costumes, das nossas comidas, das nossas paisagens, enfim, retomar o contato com a nossa cultura. Contudo, fiquei muito desanimada com a capacidade do brasileiro de ser injusto em relação aos preços e qualidade do que se vende e do que se proporciona para a sociedade de uma maneira geral. Por fim, achei o país extremamente caro e, sobretudo, injusto” (C4).

Ainda, para outro participante:

“... senti um misto de estranhamento com surpresa. Surpreendi-me pelas mudanças que haviam ocorrido durante o ano e meio em que estive fora e estranhei estar vivendo de novo uma condição completamente diferente àquela em que estava habituado aqui na Espanha (melhores condições de transporte, segurança e liberdade, por exemplo)” (C7).

3.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, de brasileiros em Portugal, todas já voltaram ao Brasil e todas apontaram aspectos negativos sobre a vinda, como pobreza, condições piores que em Portugal, (como clima, segurança, meios de transporte, sistema de saúde pública, modo de vida em geral), educação pouco valorizada e cidades malcuidadas.

Quatro participantes relataram também fatores positivos sobre a vinda, quais sejam rever familiares e amigos, sentir-se em casa depois de alguns dias de visita, motivo de alegria, matar saudade do clima, da música, da simpatia das pessoas:

“É sempre bom, mas cada vez que volto ao Brasil me certifico de que quero continuar vivendo em Portugal, sobretudo pelas qualidades que mencionei na questão anterior, muitas das quais não têm no Brasil (clima, segurança, meios de transporte, sistema de saúde pública, modo de vida em geral em Portugal). Vou ao Brasil única e exclusivamente para ver a minha família toda que está lá” (D2).

“... A pobreza do país causa impacto, mas em poucos dias, dois ou três, já me sinto muito em casa” (D3).

“É bom matar as saudades do clima, da música e do jeito simpático com que as pessoas se tratam. Mas tenho sentimentos dúbios por que me custa ver como muitas coisas são feitas de maneira amadora, como a educação é pouco valorizada no dia-a-dia (eu sei que o discurso é de valorizar, mas as atitudes não são consistentes com isso), como as cidades estão malcuidadas, e, principalmente, ver a pobreza persistente” (D5).

3.5 Análise Integrada dos Dados

A maioria dos participantes de todos os grupos já retornou ao país de origem para visita-lo. Nos grupos A e B, de latino-americanos no Brasil e brasileiros em

outros países da América Latina, foram apontados mais aspectos positivos do que negativos sobre o retorno. No grupo C, de brasileiros na Espanha, houve o mesmo número de pontuações positivas e negativas sobre o retorno e no grupo D, de brasileiros em Portugal, as participantes apontaram mais fatores negativos que positivos em retornar ao Brasil. Isso pode apontar para uma similaridade entre as culturas latino-americanas e divergência dessas com relação às culturas europeias, em que as condições de vida provavelmente são melhores.

Um ponto positivo colocado pelos quatro grupos com relação ao retorno ao país de origem foi rever familiares e amigos; além disso, os grupos A, C e D também mencionaram matar a saudade da cultura do país de origem. Ainda, participantes do grupo A apontaram matar a saudade dos lugares também. Os grupos A e B mencionaram que o retorno possibilita descansar e recarregar as energias. Como fatores positivos isolados, o grupo C mencionou cuidar de bens no Brasil e o grupo D relatou sentir-se em casa, bem como o retorno ser motivo de alegria.

Dentre os aspectos negativos, os grupos B e C sentiram-se chocados com os preços abusivos dos produtos no Brasil; já os grupos C e D perceberam a pobreza no Brasil e a má qualidade no oferecimento de produtos e serviços em relação à Espanha e a Portugal. Ainda, como pontos negativos isolados dos grupos, foram mencionados: saudade do Brasil e diminuição da atenção dada pelos familiares com o passar do tempo pelo grupo A; surpresa, estranhamento, desconforto ou choque no sentido cultural também com a violência, a precariedade nas condições de transporte e segurança, a falta de liberdade, a miscigenação, sentimento de não pertencimento à cultura brasileira mais, saudade da Espanha, tensão de ter que ficar hospedada na casa de familiares ou amigos, dificuldade de

voltar à Espanha, deixando família e amigos e tendo que enfrentar o inverno rigoroso da Europa pelo grupo C; e educação pouco valorizada e cidades malcuidadas pelo grupo D.

O dado de as participantes brasileiras em Portugal apontarem mais fatores negativos que positivos em retornar ao Brasil diverge da literatura, que aponta uma propensão significativa ao retorno dos imigrantes brasileiros que vivem em Portugal, devido à situação econômica portuguesa desfavorável (NUNAN; PEIXOTO, 2012). Uma possível explicação para esse fato pode ser o motivo de ida da maioria das participantes, de fazer pós-graduação. Essa condição de estudante universitário é bem menos vulnerável que a situação de um imigrante que vai a Portugal em busca de emprego, por exemplo.

4. CONTATO COM PARENTES

4.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Todos os 20 participantes do grupo A mantêm contato com parentes no país de origem, sendo os mais citados em ordem decrescente: mãe (por oito participantes), irmãos (por sete), tios (por cinco), primos (por quatro), amigos e sobrinhos (citados por três participantes cada), pai (por dois) e namorado (por uma participante). Segundo um participante: “Para mim a família é o mais importante que eu tenho” (A7).

Os meios mencionados para o contato foram *WhatsApp* (por dois participantes), *Skype*, *Viber*, *Facebook* e ligações (por um participante cada). A

internet facilita o contato entre pessoas fisicamente distantes. Como apontou um participante: “... hoje todo este sistema de globalização permite-nos manter contato frequentemente” (A12).

4.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B também mantêm contato com familiares no Brasil, sendo que uma apontou também contato com amigos e de trabalho: “Também realizo um trabalho a distância para meu antigo emprego no Brasil e mantenho contato com a pessoa que me envia as atividades” (B1).

Duas participantes mencionaram familiares no geral e a outra citou pai, irmã (contato quase diário pelo *WhatsApp*) e primos (contato menos frequente pelo *Facebook*).

4.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Todos os 12 participantes do grupo C mantêm contato com familiares no Brasil. Foram citados, em ordem decrescente de frequência: mãe e pai (por oito participantes cada), irmãos e tios (por seis participantes cada), primos (por quatro), avós e amigos (por três cada), filhos, cunhados e pai e tia das filhas (por um participante cada). Os meios de contato mais mencionados foram *Facebook* (por três participantes), *Skype* (por dois), telefone, *WhatsApp* e redes sociais (por um participante cada).

“... conversamos por *Skype* e *WhatsApp* o dia todo e nos enviamos fotos, piadas, discutimos temas como política, relações interpessoais, etc.” (C1).

4.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Todas as cinco participantes do grupo D mantêm contato com familiares no Brasil. Os contatos mais citados foram mãe, pai e tios (por três participantes cada), irmãos e avós (por duas participantes cada) e marido (por uma participante). Apenas uma participante mencionou os meios de contato utilizados, que foram *Skype*, e-mail e redes sociais.

Nas palavras de uma participante:

“Praticamente mantenho contato com todos os parentes com os quais já tinha contato quando estava lá. Contudo, é evidente que com o núcleo familiar mais próximo – mãe, irmão, pai, marido, tias e avó – esse contato é ainda mais intenso” (D4).

4.5 Análise Integrada dos Dados

Todos os participantes do estudo mantêm contato com parentes no país de origem, sendo os mais citados mãe, pai, irmãos e tios. Os meios de contatos mais utilizados são via *internet*, em que os mais citados foram *Facebook*, *Skype*, *WhatsApp*, redes sociais no geral e telefone.

Segundo Tajra (2015), a partir de 1994, a *internet* ultrapassou as fronteiras acadêmicas no Brasil e nasceu como uma nova forma de comunicação, que ligaria, através de computadores, milhões de pessoas em escala planetária. O número de

usuários, provedores e de serviços prestados através da rede cresceu de uma forma surpreendente no país e, em 1997, o Brasil passou de 1,8 milhão de usuários.

De fato, as amizades e os outros relacionamentos até o final do século XX não utilizavam tanto a tecnologia como nos dias de hoje. Dentre as tecnologias mais utilizadas atualmente está a rede mundial de computadores, ou *internet*, que oferece uma gama de redes de contato social e pode estar interferindo nos padrões das amizades (CROSSMAN; BORDIA, 2011).

5. AMIGOS MAIS PRÓXIMOS

5.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 15 indicaram cinco amigos mais próximos, (como solicitado na questão cinco do questionário), um participante indicou dois amigos, uma participante indicou três amizades (sem mencionar o sexo) e três participantes indicaram seis amigos cada. No total, foram apontadas 98 amizades pelos 20 participantes do grupo, sendo 75 amigos do mesmo sexo (o que representa 76,5% das amizades) e 20 amigos do sexo oposto (20,4%).

Foram mencionadas 60 amizades de mesma nacionalidade por todos os participantes do grupo, sendo que 35 residem no país de origem (apontados por 15 participantes), 20 residem no Brasil (apontados por 11 participantes) e cinco residem em outro país: Estados Unidos, Camboja, Itália, Arábia Saudita e Espanha (cada amizade apontada por um participante diferente).

Dezessete participantes mencionaram 53 amizades que residem no Brasil, sendo 20 amizades com compatriotas (como mencionado acima), 22 amizades com brasileiros e 11 amizades com outros latino-americanos: peruano com argentino; colombiano com argentina e cubana; colombiana com equatoriano; mexicana com colombianos e peruana; colombiana com peruanos; e peruana com colombianos e cubanos. Para melhor visualização, os resultados dos dois últimos parágrafos foram transformados em tabela:

Tabela 1 - Nacionalidade e residência da maioria dos amigos mais próximos dos participantes do grupo A

Nacionalidade dos amigos	Local de residência dos amigos
60 de mesma nacionalidade que os participantes	35 no país de origem do participante
	20 no Brasil*
	5 em outro país
20 de mesma nacionalidade que os participantes*	53 no Brasil
22 brasileiros	
11 latino-americanos	

Dois participantes apontaram amizades latino-americanas que residem em outro país que não o de origem e nem o Brasil: um colombiano apontou um amigo mexicano que vive no México e uma mexicana mencionou uma amiga argentina que reside na Austrália. Ainda, dois participantes mencionaram três amigos de outras nacionalidades com outros locais de residência: uma peruana possui um

amigo belga que mora na Bélgica, e outro participante peruano possui um amigo estadunidense que mora nos Estados Unidos e um amigo hindu que mora na França.

5.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Como cada uma das três participantes do grupo B apontou cinco amigos mais próximos, foram mencionadas 15 amizades no total, em que 11 são do mesmo sexo (representando 73,3% do total) e quatro são amigos do sexo oposto (26,6%).

Foram apontadas oito amizades brasileiras (ou seja, de mesma nacionalidade que as participantes), por duas participantes (uma que vive no Chile e outra que vive no México): quatro amigos brasileiros residem no Brasil e apenas uma amiga brasileira vive no país atual da participante (México). As outras três amigas brasileiras residem na Argentina (uma amiga da participante que vive no Chile e uma amiga da participante que vive no México) e na Tailândia (uma amiga da participante que vive no Chile).

As outras sete amizades mencionadas vivem no país atual das participantes (no caso todas no México, pois a participante que reside no Chile só possui amigos brasileiros, sendo que nenhum vive no Chile). Desses sete amigos, quatro são mexicanas, uma uruguaia, uma sueca e um estadunidense. Os dados dos dois últimos parágrafos estão ilustrados na tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Nacionalidade e residência dos amigos mais próximos das participantes do grupo B

Nacionalidade dos amigos	Local de residência dos amigos
8 brasileiros	4 no Brasil
	1 no país atual
	3 em outros países
4 mexicanas	7 no país atual
1 uruguaia	
1 sueca	
1 estadunidense	

5.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Foram apontadas pelo grupo C 60 amizades mais próximas, em que 47 amizades são entre pessoas do mesmo sexo, representando 78,3% do total. Os amigos de sexo oposto compuseram 21,6% da totalidade de amizades no grupo.

Foram mencionadas 37 amizades com brasileiros por 10 dos 12 participantes do grupo C, sendo que 16 desses amigos residem no Brasil, 14 na Espanha, dois na Inglaterra e de cinco amigos só foi mencionada a nacionalidade (no caso, brasileira), e não o local de residência. Uma participante citou apenas a residência dos amigos (duas amigas do Brasil, duas da Espanha e uma da Dinamarca), e o outro possui apenas amigos espanhóis. Com os espanhóis, foram citadas 10 amizades por cinco participantes, sendo que nove desses amigos residem na Espanha e uma amiga vive nos Estados Unidos.

Com relação às amizades com outros latino-americanos, foram mencionadas cinco por quatro participantes, sendo estabelecidas com uruguaio (residente na Espanha), peruana (Peru), paraguaia (Espanha), boliviano (Espanha) e colombiano (Colômbia). Em se tratando de amigos de outras nacionalidades ainda, três participantes citaram três amizades: uma amiga alemã e uma polonesa (ambas residentes na Espanha) e um amigo inglês (Inglaterra). A fim de elucidar os principais resultados dos últimos dois parágrafos, será apresentada a tabela 3:

Tabela 3 - Nacionalidade e residência da maioria dos amigos mais próximos dos participantes do grupo C

Nacionalidade dos amigos	Local de residência dos amigos
37 brasileiros	16 no Brasil
	14 na Espanha
	2 na Inglaterra
	5 (não foi mencionado o local)
9 espanhóis	14 na Espanha
3 latino-americanos	
1 alemã	
1 polonesa	

5.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Apesar de a questão cinco do questionário solicitar o nome dos cinco amigos mais próximos, duas participantes do grupo D mencionaram quatro amigos cada,

totalizando 23 amizades. A maioria das amizades é do mesmo sexo, contemplando 56,5% dos casos, sendo 43,5% dos amigos do sexo oposto.

Em se tratando da nacionalidade, todas as cinco participantes do grupo possuem amizades brasileiras, totalizando 17 amigos mencionados. Desses, 14 residem no Brasil e três em Portugal. Três participantes possuem cinco amigos portugueses, todos vivendo em Portugal. Com relação a outras nacionalidades, apenas uma participante apontou uma amiga polonesa que reside em Portugal. Novamente, os dados desse parágrafo constam na tabela a seguir:

Tabela 4 - Nacionalidade e residência dos amigos mais próximos das participantes do grupo D

Nacionalidade dos amigos	Local de residência dos amigos
17 brasileiros	14 no Brasil
	3 em Portugal
5 portugueses	6 em Portugal
1 polonesa	

5.5 Análise Integrada dos Dados

Nos quatro grupos, a maioria dos amigos mais próximos é do mesmo sexo, dado que converge com a literatura (SOUZA; SEDIYAMA, 2012). Além disso, os quatro grupos apresentaram maior número de amigos mais próximos de mesma nacionalidade, sendo que a maioria destes reside no país de origem do participante, e não no país atual, como no estudo de Garcia e Rangel (2011). Esse dado sugere

que apesar da distância física, a amizade perdura ao longo do tempo. Além disso, como já apontado na introdução (KAO; JOYNER, 2004; KAO; VAQUERA, 2006), é mais provável que melhores amigos sejam do mesmo grupo étnico e racial, devido à maior identificação entre os mesmos, e talvez por uma questão de preservação da alteridade grupal.

Todos os grupos também mencionaram amizades mais próximas com nativos do novo país e os grupos A, B e C apontaram amizades próximas com outros latino-americanos, a maioria residindo no país atual. Nesse caso, a proximidade física e o convívio parecem favorecer o estabelecimento e a manutenção das amizades.

Um estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira (2016), que analisou as amizades de cinco imigrantes portugueses e espanhóis vivendo no Brasil, traz dados os quais revelam que a rede de amigos dos participantes incluiu compatriotas que vivem no Brasil, no país de origem e em um terceiro país. Eles também mencionaram amigos brasileiros e de outros países, residindo no país de origem ou no Brasil.

6. AMIZADES NO PAÍS DE ORIGEM

6.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Todos os 20 participantes do grupo A mantêm vínculos de amizade em seu país de origem. Entretanto, apenas nove participantes relatam como são ou eram essas amizades: relacionamentos muito bons, amizades próximas, melhores

amigos, irmãos que escolheu, amizades fortes e grandes amigas. Dez participantes não mencionam como são essas amizades e uma participante menciona apenas ter poucos vínculos de amizade (está há oito anos no Brasil).

A maioria (15 participantes) relata manter contato com amigos de muitos anos (três anos, mais de 10 anos, 15 anos, desde os 12 anos, 30 anos, mais de 50 anos, por exemplo), de vários períodos da vida, como infância, época de escola, colégio e faculdade ou universidade. Os outros cinco participantes não mencionaram a duração dos relacionamentos de amizade.

Com relação ao meio de contato com os amigos, os mais mencionados em ordem decrescente foram: *Facebook* (por seis participantes), *e-mail* (por cinco participantes), telefone, redes sociais no geral, *Skype* e *WhatsApp* (por quatro participantes cada), pessoalmente (por três participantes), pela *internet* no geral (por dois participantes), Correios antigamente, aplicativos para celular no geral, *Facetime* e *Google Chat* (cada um citado por um participante). Dois participantes não mencionaram as formas de contato com as amizades no país de origem.

Com relação à frequência com que é feito o contato, 11 participantes relataram uma frequência que variou de diária a mensal; sete participantes apontaram frequência baixa (a cada dois anos, uma ou duas vezes por ano, ocasional, dentre outros) e dois não mencionaram a frequência do contato. Uma participante mencionou contato mensal com os irmãos também. Dos sete participantes que relataram frequência baixa no contato com os amigos, cinco apresentaram motivos: dois só têm contato com os amigos quando vão ao país de origem (uma ou duas vezes por ano e a cada dois anos); ocupações do dia a dia; dificuldade em ter *internet* nas residências de seu país (Cuba); e distância.

6.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes possuem vínculos no Brasil, seu país de origem. Para duas participantes, as amizades mudaram um pouco depois do distanciamento físico, mas duas participantes ainda possuem seus melhores amigos no Brasil. A duração dessas amizades varia entre cinco e 15 anos, sendo citada a época de faculdade para início de amizade.

Os meios para contato mais citados foram *Facebook*, *Skype*, *WhatsApp* (por duas participantes cada), *internet*, telefone e *Google Talk* (por uma participante cada). Por fim, as três participantes relataram frequência alta de contato com os amigos no Brasil, variando de diariamente até quase toda semana.

6.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Todos os 12 participantes do grupo C mantêm vínculos de amizade no Brasil. Desses, nove mencionaram como são ou eram essas amizades: amigos de festa, porém próximos, pessoas íntimas, vínculo forte (um acompanha a vida do outro), amigos importantes, amizades próximas, estas últimas sendo mencionadas por quatro participantes. Inclusive para uma participante, é mais próxima agora de alguns amigos do Brasil do que antes. Uma participante mencionou que manda presentes aos amigos do Brasil sempre que possível e quando os encontra, fazem amigos secretos. Uma participante possui uma grande amiga que foi sua professora na universidade, de quem ela se sente muito próxima apesar da distância física. E

para um participante, a duração de muitos anos de amizade faz com que o tempo não interfira na mesma.

Com relação à duração dos relacionamentos de amizade, 11 participantes relataram muitos anos de amizade, desde cinco a 30 anos, citando amigos da infância, adolescência, colégio, ensino médio, graduação, especialização e do trabalho. Apenas uma participante não mencionou a duração de suas amizades.

Os principais meios de contato com os amigos citados pelos participantes do grupo C foram: *Skype* (citado por 10 participantes), *WhatsApp* (por oito), *Facebook* (seis), por *e-mail* e pessoalmente (citados por quatro participantes cada), por telefone, *Facetime* e *Viber* (citados por um participante cada).

Em se tratando da frequência com que é feito o contato com os amigos do Brasil, nove dos 12 participantes apontaram uma frequência que variou de diária a mensal. Dois participantes mencionaram frequência baixa nos contatos e uma não mencionou a frequência.

6.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Todas as participantes do grupo D mantêm vínculos de amizade no Brasil, sendo que quatro delas comentaram como são essas amizades. Para uma, é natural que a distância enfraqueça as amizades, mas é possível manter contato via redes sociais. A outra acompanha a vida dos amigos mais próximos, e eles acompanham a dela. Para a terceira, são amizades fortes e não sentem nenhuma diferença pelo fato de neste momento ela estar longe. Compartilham novidades, angústias quanto ao trabalho, maternidade, estudos, casamento, dentre outros. E

para a quarta essas relações são muito boas e sempre que vem ao Brasil reencontra as amigas para ir ao cinema, almoçar/jantar, ir a bares, fazer cursos e conversar sobre suas impressões.

Apenas uma participante relatou a duração de suas amizades no Brasil, sendo de algumas com décadas ou anos de amizade. Os meios de comunicação mais utilizados são *Facebook*, *Skype* e *WhatsApp* (sendo citados por duas participantes cada), *internet* de maneira geral, *e-mail*, redes sociais no geral, tecnologias da informação no geral, telefone e pessoalmente (sendo todos citados por uma participante cada), apontados pelas cinco participantes.

Com relação à frequência dos contatos, duas participantes relataram falar semanalmente com os amigos, uma relatou de uma ou duas vezes por mês e a outra disse que o contato é feito "... de vez em quando" (D2). Ainda, uma participante não mencionou a frequência.

6.5 Análise Integrada dos Dados

Todos os participantes mantêm vínculos de amizade em seu país de origem. Em se tratando de como são essas amizades, a maioria apontou aspectos positivos, como amizades próximas/ fortes e melhores amigos.

Os quatro grupos também apontaram a duração de muitos anos dessas amizades, sendo que os grupos A, B e C citaram amigos de várias fases da vida, como infância, adolescência, época de colégio, faculdade e pós-graduação, dentre outros. Os meios para contato com os amigos no país de origem mais citados foram *Facebook*, *Skype*, *WhatsApp*, telefone, *e-mail*, *internet* e pessoalmente, como já

mencionado no capítulo quatro sobre contato com parentes no país de origem. Com relação à frequência dos contatos, a maioria dos grupos (A, B e C) relatou contato diário a mensal com os amigos no país de origem.

O meio de contato entre amigos mais citado nos estudos de Garcia (2012b) e Garcia, Dettogni et al. (2010) também foi a *internet*, porém ambos concluem que o contato por computadores não substitui o contato pessoal. No estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira (2016), com cinco imigrantes portugueses e espanhóis no Brasil, o contato com amigos que residiam no país de origem também ocorreu através de redes sociais virtuais e fontes de comunicação da *internet*, (como *Skype*, *WhatsApp*, *Facebook*, *Messenger*, *e-mails*) e pessoalmente quando viajavam.

Considerando as redes sociais virtuais mais atuais, é notória a utilização do *Facebook*, que tem sido foco de alguns estudos sobre interações sociais. Segundo Cáceres (2011) essa rede promove novas relações e reforça as já existentes, porém as relações mais íntimas não passam de 30 ou 40 pessoas. Em outro estudo (PARK; LEE; KIM, 2012) as variáveis densidade da rede de amigos e heterogeneidade de raça foram positivamente correlacionadas ao tempo gasto com o *Facebook*. Ainda, segundo Grieve et al. (2013) a interação social pelo *Facebook* está correlacionada a maior bem-estar subjetivo e menor nível de depressão e de ansiedade.

A despeito da crescente utilização da *internet*, a questão da distância física entre amigos ainda aparece como contraditória, apesar de a maioria dos dados apontarem que ela dificulta o relacionamento de amizade. Foi sugerido pelos dados do capítulo anterior, sobre amigos mais próximos, que a proximidade física e o convívio parecem favorecer o estabelecimento e a manutenção das amizades.

Corroborando esses dados, as informações trazidas por uma participante do grupo A e uma do grupo D nesse capítulo indicam que a distância física compromete ou prejudica os vínculos de amizade:

“Na verdade com todos os amigos que algum dia quis muito ter contato e agora a distância nos separa só consegui contato pelo *Facebook*” (A20).

“É natural que as amizades com a distância fiquem menos sólidas, enfraqueçam. Mas ainda é possível manter um certo relacionamento via *Facebook*, principalmente” (D2).

Ou seja, as amizades acabam se reconfigurando com a distância física. Em contrapartida, para uma participante do grupo C e uma do próprio grupo D:

“... Na verdade, sou mais próxima agora de alguns amigos que antes” (C6).

“... São amizades fortes e que não sentimos nenhuma diferença pelo fato de neste momento eu estar longe” (D4).

Existem outros determinantes na amizade, além da proximidade física e do convívio social, que podem explicar essa divergência de opiniões, como por exemplo características de personalidade, histórias de vida, motivações para manter a amizade, dentre outros, entendendo que a amizade é uma relação social construída, alimentada e dinâmica.

7. ENCONTROS COM AMIGOS DO PAÍS DE ORIGEM

7.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Sobre como é quando encontram amigos de seu país de origem (no país de origem), 10 dos 20 participantes do grupo A se manifestaram. Dois deles disseram que é muito bom e dois mencionaram que os encontros são na cidade de origem. Cada um dos outros seis participantes falou dos seguintes aspectos: o contato se dá por telefone primeiro; o encontro é apenas com as melhores amigas; geralmente vê os amigos apenas uma vez por visita ao país; os amigos dão muita atenção; encontra os amigos apenas quando visita o país de origem; e que às vezes encontra os amigos em outro país que não o de origem, pois combinam de viajar juntos.

Com relação às atividades compartilhadas, as mais comuns são comer e conversar, indicadas por 10 participantes cada. Em seguida vieram beber (mencionadas por cinco participantes), sair (quatro), ficar em casa (três), dançar, ir a festas, dar risada, visitar os amigos (sendo que um participante disse que acha que visitará quando voltar ao país de origem), cozinhar e viajar (indicados por dois participantes cada), lembrar-se do passado, passear, assistir a filmes, ir ao cinema, ir a algum evento, como aniversário, batizado ou casamento e escutar música (sendo indicados por um participante cada). Uma participante disse que costuma fazer as mesmas coisas de antes de se mudar para o Brasil, mas não mencionou as atividades e um participante disse que não importa a atividade compartilhada,

mas sim estarem juntos: “A gente se encontra e não importa o que há para fazer, o importante é que a gente está junto... Qualquer coisa pode acontecer!!!”. (A7).

Para outra participante:

“Encontrar com amigos é sempre muito bom! Geralmente comemos comidas típicas, bebemos vinho, damos muitas risadas, lembramo-nos de anedotas do passado, comentamos sobre nossas respectivas vidas e sobre as novidades de pessoas conhecidas” (A5).

Ainda para outra: “Geralmente a gente se reúne por algum evento (aniversário, batizado, matrimônio) e então preparamos comidas de nosso país e escutamos a música de lá e até bailamos” (A20).

7.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Duas das três participantes do grupo B fizeram comentários positivos sobre como foram os encontros com os amigos brasileiros no Brasil: uma mencionou que foi bom reencontrá-los, mas o tempo foi insuficiente: “Foi bom ter encontrado com eles, porém fiquei com a sensação de que não foi suficiente para matar a saudade” (B1).

Para a outra participante: rever os amigos é uma das maiores alegrias que tem ao vir ao Brasil. As três participantes apontaram as atividades compartilhadas: comer ou beber em bares e restaurantes (apontados pelas três), ficar em casa (por duas), viajar ou ir a festas (apontados por uma participante cada).

7.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dois participantes não mencionaram como foi o encontro com os amigos no Brasil, pois ainda não retornaram. Dos 10 restantes, seis participantes comentaram como foi o encontro: para dois, é como se o tempo não tivesse passado e não houvesse distância física; para dois é sempre muito bom, sendo que para uma participante os encontros são sempre muito leves e felizes; para uma participante a amizade não se transforma muito depois da mudança, talvez fique mais intensa devido ao pouco tempo no Brasil; e para o último participante foi desconfortável encontrar um amigo e não teve vontade de ver mais ninguém (único comentário negativo).

Dos 10 participantes que retornaram ao Brasil, nove mencionaram atividades compartilhadas. O participante que não mencionou foi o que achou desconfortável rever o amigo. As atividades mencionadas foram: ir a restaurantes (por cinco participantes); ir a bares, à praia e ficar em casa (por quatro participantes cada); ir ao cinema (três); conversar, viajar, comer e tomar café (por dois cada); celebrar aniversários, sair para dançar, ir à igreja, fazer cursos, participar de eventos científicos, praticar esportes, tomar chimarrão, ir ao parque, fazer amigo secreto, tomar sol, ir a *shows*, ir ao *shopping*, ir a festas e ao samba (cada atividade mencionada por um participante diferente).

Segundo uma participante:

“Quando fui ao Brasil e encontrei meus amigos fizemos o que fazíamos antes, saímos aos mesmos lugares que costumávamos sair para comer ou tomar café, principalmente porque por sentir falta queria fazer o que fazia antes de vir morar em Madrid. Também porque a maioria segue fazendo o que fazia antes” (C3).

Para outro:

“É como se houvésemos nos encontrado no dia anterior, sem qualquer receio ou vergonha por conta da distância. E costumamos fazer as mesmas coisas que fazíamos, tais como ir a um barzinho, sair para festa, ir ao cinema ou ficar em casa jogando conversa fora” (C7).

7.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Uma participante do grupo D disse que não encontra os amigos do Brasil. Das outras quatro, duas apontaram positivamente como são esses encontros: para uma é como se tivesse visto os amigos no dia anterior e para a outra é uma sensação muito boa, pois é um encontro consigo mesma, com suas lembranças e com as histórias deles (amigos).

Quatro participantes relataram o que costumam fazer juntas dos amigos do Brasil: vão à casa uns dos outros e a restaurantes (indicados por três participantes cada), saem, vão a bares e tomam um café (indicados por uma participante cada).

“É como se eu os tivesse visto ontem. Normalmente, vamos a um restaurante ou tomamos café” (D3).

“É uma sensação muito boa. Acho que é o encontro comigo mesma, com as minhas lembranças, com as nossas histórias... Normalmente, costumamos fazer visitas à casa um dos outros... Também marcamos e jantamos fora” (D4).

7.5 Análise Integrada dos Dados

Sobre como é quando o participante encontra seus amigos de seu país de origem no próprio país de origem, participantes dos quatro grupos mencionaram que é muito bom revê-los. Para participantes dos grupos C e D, a amizade não

muda, é como se o tempo não tivesse passado e não houvesse distância física. Novamente o aspecto da distância aparece, mas sem prejudicar a amizade.

Outros fatores mencionados isoladamente pelo grupo A foram: que o primeiro contato é por telefone; que os encontros acontecem nas cidades de origem ou apenas quando o participante visita o país; já para outro participante os encontros acontecem às vezes em outros países, pois combinam de viajar; encontros são com melhores amigos e que os amigos costumam dar atenção. Como pontos negativos, foram apresentados: o tempo ser insuficiente (grupo B) e o encontro ser desconfortável (grupo C).

Com relação às atividades compartilhadas, os quatro grupos mencionaram que quando estão junto dos amigos do país de origem, costumam comer ou ir a restaurantes, beber ou ir a bares e ficar em casa. Duas atividades relatadas pelos grupos A, B e C foram ir a festas ou *shows* e viajar. Apenas as brasileiras que vivem em Portugal não mencionaram essas atividades, talvez por serem em número pequeno (cinco).

Os grupos A e C tiveram várias atividades em comum, sugerindo uma possível aproximação cultural entre outros países da América Latina e Brasil: conversar, dançar, assistir a filmes ou ir ao cinema, ir a algum evento, como aniversário, casamento, entre outros. Os grupos A e D mencionaram sair; e os grupos C e D citaram tomar café.

Atividades mencionadas apenas pelo grupo A foram: dar risada, visitar amigos, cozinhar, lembrar-se do passado, passear e escutar música, caracterizando bem as culturas latino-americanas. Já atividades citadas só pelo grupo C foram: ir à praia, à igreja, fazer cursos, participar de eventos científicos,

praticar esportes, tomar chimarrão, ir ao parque, ao *shopping* e ao samba, fazer amigo secreto e tomar sol, atividades caracteristicamente brasileiras.

A literatura sobre atividades compartilhadas entre amigos de diferentes nacionalidades aponta as atividades relacionadas a lazer, estudos, atividades científicas ou culturais, esportes, trabalho e religião (GARCIA, 2012a; GARCIA; GOES, 2010; GARCIA; RANGEL, 2011). Comparando essas atividades com as descritas nesse capítulo, que envolve amigos de mesma nacionalidade, só não foram citadas pelos participantes as ligadas ao trabalho, sendo que as atividades compartilhadas de lazer tiveram destaque.

8. NOVAS AMIZADES

8.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 18 fizeram amizades no Brasil (no novo país), sendo a maioria com brasileiros (15 citações), seguidas de amizades com pessoas do país de origem (oito citações) ou com outros estrangeiros no geral (oito) e com outros latino-americanos (sete). Dos amigos de outra nacionalidade latino-americana, foram citados peruanos, cubanos, mexicanos, colombianos e argentinos. Dos amigos estrangeiros foram citados apenas africanos.

A resposta de um participante em particular foi mais extensa e elucidativa para a questão oito:

“Viajar para morar em um novo país é coisa louca. A mudança de casa, de idioma, não conhecer ninguém, se sentir vulnerável e na expectativa de que qualquer coisa pode acontecer é uma carga e descarga de energia com variações descontroladas que fazem qualquer

pessoa repensar o que foi que o levou a fazer isso. Mas mesmo que toda experiência não seja grata é incrivelmente gratificante e necessária. Acho, de maneira muito pessoal, que todo mundo deveria por lei, morar por algum tempo em outro país... Quando saí de casa para outro país, na minha cabeça estavam duas motivações, a primeira, continuar com minha formação acadêmica e a segunda, não desaproveitar a oportunidade de conhecer outras culturas” (A7).

De maneira mais específica, para outra participante mexicana: “... é muito difícil achar mexicanos no Espírito Santo...” (A11). Por isso ela acha mais fácil interagir com estrangeiros de qualquer lugar do mundo do que com mexicanos no Brasil, mencionando risos ao final de sua fala.

Três participantes disseram ter feito primeiramente amizades com estrangeiros, e duas relataram que inicialmente as fizeram com pessoas de seu idioma, no caso o espanhol. Esse último dado sugere que a língua em comum traz uma questão de identificação cultural, o que provavelmente aproxima as pessoas, além de facilitar a interação. Como alegou uma das três primeiras participantes mencionadas neste parágrafo, houve uma questão cultural a se considerar: “...a copa do mundo fez a gente se encontrar mais facilmente” (A8).

Ainda, um participante disse que seus amigos são amigos de sua mulher, ou seja, houve esse intermédio, e outra relatou que as amizades são temporárias já que a cidade onde reside é de universitários.

8.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

A participante do grupo B que vive no Chile considera que ainda não tem amigos no novo país. Já as duas participantes que residem no México possuem: amigos mexicanos (as duas); amigos de outras nacionalidades, como sueca e

estadunidense (as duas); e brasileiros (apenas uma). Dado interessante é o de que nenhuma participante possui amizades com pessoas de outros países da América Latina que não o Brasil e o México: “Tenho uma amiga brasileira aqui, mas já a conhecia antes, além dela só mexicanos e de outras nacionalidades” (B2).

8.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Todos os 12 participantes do grupo C, de brasileiros na Espanha, fizeram amigos nesse país. Um número maior de participantes (nove) citou amizades com espanhóis, seguidos de amizades brasileiras e com outros estrangeiros (seis participantes cada), sendo em menor número as menções a amizades com outros latino-americanos (por cinco participantes). Os países da América Latina mencionados foram Peru, México, Chile, Venezuela, Colômbia, Argentina, Nicarágua, Uruguai e Paraguai. Os outros países citados foram Rússia, Andorra, Itália, Austrália, Paquistão, Palestina, Canadá, Grécia e Luxemburgo.

Uma participante que não citou amigos brasileiros na Espanha comentou como fez as amizades espanholas: “Conheci muitas pessoas aqui na Espanha pelo fato de ter cursado muitas disciplinas do máster e estar acompanhada por minhas filhas, o que me leva a conviver com os pais de outros alunos e os professores da escola” (C1).

E um participante que possui amigos brasileiros, espanhóis e estrangeiros alegou possuir mais amigos estrangeiros, pois: “A comunidade de estrangeiros se identifica mais entre eles mesmos...” (C8), sugerindo um certo distanciamento de grupos culturalmente distantes.

8.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

As cinco participantes do grupo D disseram ter feito novas amizades em Portugal; todavia uma não mencionou a nacionalidade dos mesmos, dizendo apenas que todos foram da época da universidade, mas que todos sumiram, não restando nenhum. As outras quatro participantes apontaram a nacionalidade das amizades tecidas no país atual: todas possuem amigos portugueses e brasileiros, mas apenas três apontaram amizades com estrangeiros (sem especificar o país). Nenhuma citou amigos de outros países da América Latina.

Segundo uma participante:

“... posso dizer com sinceridade que fiz amizades nas três escalas mencionadas: com pessoas do meu país, de Portugal e de fora. E não falo de apenas conhecer, aqui refiro-me a pessoas com quem sinto que tenho uma amizade profunda e que permanecerá mesmo quando do meu regresso ao Brasil. Com essas pessoas falo semanalmente, marcamos programas fora de casa e frequentamos a casa um do outro” (D4).

8.5 Análise Integrada dos Dados

A grande maioria dos participantes dos quatro grupos (ou todos os participantes dos grupos C e D) fizeram amizades no novo país, sendo mais frequentes as amizades com pessoas nativas. Em seguida, vieram os amigos do seu país de origem para os grupos A e C, ou seja, amigos latino-americanos e brasileiros respectivamente. O grupo B citou apenas um amigo brasileiro, e o grupo D não mencionou o número de amigos brasileiros.

Ainda em ordem decrescente de frequência, foram citados os amigos estrangeiros pelos quatro grupos, e por último os amigos de outra nacionalidade

latino-americana, mencionados apenas pelos grupos A e C. Portanto, os brasileiros que residem em outro país da América Latina e os brasileiros que residem em Portugal não citaram, nesse capítulo, amigos de outra nacionalidade latino-americana. Há que se observar que o grupo D não apresentou nenhum número de amigos, mencionando apenas a nacionalidade dos mesmos.

Mesmo se identificando mais com pessoas culturalmente parecidas, como aponta a literatura (KAO; JOYNER, 2004; KAO; VAQUERA, 2006), é interessante notar que em todos os grupos de participantes foram estabelecidas novas amizades com pessoas de grupos culturalmente diferentes, incluindo nativos do novo país, estrangeiros ou outros latino-americanos, o que sugere uma aproximação e um respeito à diversidade cultural.

9. INÍCIO DAS NOVAS AMIZADES

9.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 16 disseram que possuem amigos nativos do Brasil. A maioria dos participantes (dez) apontou que essas amizades começaram no meio acadêmico, e os outros disseram que as mesmas começaram com vizinhos (quatro), com outros amigos (quatro), com colegas de trabalho (dois), dando aulas de espanhol (uma), tentando se aproximar de pessoas que falassem o português (um), pela copa do mundo (uma) e com parentes (uma com cunhada). Dois participantes disseram que não possuem amigos de nenhuma nacionalidade no Brasil, um não possui amigos brasileiros e um não deixou claro se os possui.

Treze participantes do grupo A disseram ter amigos de sua nacionalidade no Brasil. Três participantes não mencionaram como conheceram esses amigos; três disseram que foi no meio acadêmico, dois através de outros amigos e outras duas do próprio país de origem (no caso, México e Cuba), sendo os outros motivos ou ambientes citados por um participante cada: convites a festas e eventos, por parentes (no caso irmão), na copa do mundo, por colegas de trabalho, pelo *Facebook*, em aulas de português, em bares e por viverem na mesma cidade. Os outros sete participantes não apontaram amigos de mesma nacionalidade (sendo que dois não possuem amigos de nenhuma nacionalidade e um não foi claro, como apontado anteriormente).

Com relação às amizades com latino-americanos no Brasil, 13 participantes disseram que as possuem, seis participantes não possuem e um não deixou claro se possui. Sobre como começaram as amizades, os participantes que possuem esses amigos latino-americanos apontaram: meio acadêmico (apontado por oito participantes), copa do mundo, festas, aulas de português e bares (cada item apontado por um participante apenas). As poucas nacionalidades dos amigos latino-americanos mencionadas foram hondurenhos, colombianos e peruanos.

O participante (colombiano) que disse possuir amigos no Brasil, mas não especificou a nacionalidade dos mesmos, relatou que algumas amizades começaram pelo relacionamento acadêmico ou profissional, esportivo, outras pelo fato de começar a se juntar a grupos de estrangeiros na cidade onde moravam.

Para um participante colombiano:

“Os amigos são necessários e quase que obrigatórios. Eu não imagino poder viver sem ter alguém para compartilhar os momentos que a vida nos presenteia. Independentemente da nacionalidade, cor, cultura ou estereótipo, pessoas são pessoas, e com algumas temos mais coisas

em comum que com outras e a cotidianidade faz que a gente crie laços. Às vezes só com um olhar dá vontade de conhecer essa pessoa e também, uma atitude pode te afastar” (A7).

Outra participante (peruana) fez comentários interessantes especificamente sobre as amizades latino-americanas:

“... na verdade foram as primeiras amizades que consegui. No começo era muito divertido compartilhar nossas diferenças culturais, econômicas e políticas. Acho que aquilo nos uniu muito, sobretudo pela facilidade de nossa comunicação. Logo vieram as amizades brasileiras, mas a diferença com as amizades de outros países de língua espanhola é que os brasileiros não se mostraram muito curiosos por saber como são os nossos países, quase nunca apresentaram interesse por nossos costumes ou a forma na qual se vive em outros países vizinhos” (A20).

9.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

A primeira participante do grupo B menciona que não possui pessoas que considera amigas no novo país (Chile). A segunda (que vive no México) possui amigos mexicanos que conheceu através do marido, bem como amigos latino-americanos que conheceu na academia, em cursos e são vizinhos. A terceira participante disse que possui amigos e como os conheceu: pelo mestrado, através do marido e de um intercâmbio do qual participou, mas não especificou a nacionalidade dos amigos no país atual (México).

9.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, nove disseram possuir amigos nativos (espanhóis) e três não. Sobre como conheceram esses amigos, os participantes mencionaram, em ordem decrescente de frequência: no meio acadêmico (seis

participantes), através de outros amigos (quatro), em cursos de idiomas (dois), pela escola das filhas, em cursos, em lugares frequentados, no bairro de residência, no trabalho e através do namorado (cada item mencionado por um participante).

Oito participantes do grupo C relataram possuir amizades com outros brasileiros na Espanha. Para dois deles essas amizades se iniciaram por intermédio de outros amigos brasileiros, sendo os outros motivos ou ambientes apontados por um participante cada: por falarem a mesma língua e terem experiências culturais semelhantes; morar na Casa do Brasil em Madri no início da vida na Espanha; do próprio Brasil anteriormente; do meio acadêmico; pela *internet*, procurando um grupo de futebol; em um curso; no bairro (*Pueblo*) onde mora; e pelo *Facebook*. Uma participante disse que possui amigos brasileiros na Espanha, mas não mencionou como os conheceu.

Parece haver um processo em cadeia para formação de amizades e redes de apoio, em que novas relações de amizade são formadas por intermédio de amigos iniciais. Ainda, uma participante comentou mais elaboradamente sobre a sua rede de apoio ou as amigas brasileiras na Espanha:

“Além da língua, interesses e objetivos em comum estreitaram os laços e hoje convivemos muito, fazemos muitas coisas juntas, estamos conectadas o dia inteiro através de telefone ou *WhatsApp*. Creio também que haver passado por algumas experiências ruins na convivência com colegas de universidade também nos aproximou muito” (C1).

Dos 12 participantes do grupo de brasileiros na Espanha, oito possuem amigos latino-americanos nesse país. A maioria conheceu esses amigos através de outros amigos (cinco), no meio acadêmico (três) e em cursos (dois). Os outros meios pelos quais os participantes conheceram esses amigos foram: em conversas; por descoberta de interesses e objetivos semelhantes; hospedando

estrangeiros; em festas ou bares; e no trabalho. Uma participante não relatou como conheceu os amigos latino-americanos, e os países mencionados foram México, Chile, Paraguai e Argentina.

9.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, três alegaram possuir amigos nativos do país atual. Duas dessas relataram que as amizades se iniciaram no meio acadêmico. Os outros motivos foram citados por uma participante cada: relações profissionais; através do companheiro; e na academia. Uma participante disse que não possui amigos portugueses e a outra não foi clara sobre a nacionalidade dos amigos.

O meio acadêmico sempre aparece como ambiente onde se iniciam amizades dos participantes. Com relação a isso, uma participante comentou que esse ambiente também contribui para início de amizades com outras pessoas que estão fora dele:

“As amizades que tenho com os nativos começaram, sobretudo por causa da vivência acadêmica... em função de partilhar organização de eventos, partilhar gabinete na Universidade, o que se estendeu, por sua vez, para além dessas pessoas, pelo fato de logo em seguida conhecer seus companheiros (as), amigos, irmãos e desta complexidade de relações também desabrocharam grandes amizades” (D4).

Novamente, três participantes disseram ter amigos brasileiros em Portugal, uma disse que não tem e a outra não foi clara sobre a nacionalidade dos amigos que possui. Sobre como conheceram esses amigos brasileiros, os motivos e ambientes apresentados foram: *internet*, ambiente de trabalho, meio acadêmico e através de outros amigos.

Duas participantes disseram possuir amizades com outros latino-americanos em Portugal, duas não possuem e uma não foi clara. Essas amizades se iniciaram no trabalho, no meio acadêmico e através de outros amigos. Os países latino-americanos de procedência dos amigos citados foram Equador e Argentina.

A participante que não foi clara com relação à nacionalidade dos amigos em Portugal, apenas respondeu que possui amizades no país atual, as quais: “... começaram pelo coleguismo nos cursos de doutoramento e outras atividades na academia. Muitos deles, inclusive, dividem comigo o mesmo espaço de trabalho” (D3). Ou seja, novamente o meio acadêmico aparece como ambiente que propicia o início de amizades.

9.5 Análise Integrada dos Dados

Nos grupos de participantes A e C, a maioria dos amigos que vivem no novo país é de nativos, ou seja, respectivamente de brasileiros e espanhóis. Em seguida, para esses mesmos grupos, vêm as amizades de sua própria nacionalidade (de países da América Latina e brasileiros) em igual número de amizades com outros latino-americanos de Honduras, Colômbia, Peru (grupo A), México, Chile, Paraguai e Argentina (grupo C). Esse dado sugere uma aproximação entre pessoas de países latino-americanos no Brasil e na Espanha.

Em relação às amizades com latino-americanos, para uma participante peruana do grupo A era divertido compartilhar diferenças culturais, econômicas e políticas, e o idioma agiu como um facilitador na comunicação.

Na sequência, a mesma participante denunciou uma falta de interesse dos brasileiros em relação aos outros latino-americanos, como descrito no início do capítulo. Portanto, apesar da aparente aproximação entre pessoas de países latino-americanos no Brasil, também é possível notar uma falta de habilidade social dos brasileiros com relação aos latino-americanos. Para haver um maior estreitamento de relações internacionais latino-americanas, um primeiro passo seria orientar/educar as populações, inclusive a brasileira, para maior abertura, interesse e respeito às alteridades culturais na América Latina.

O grupo B mencionou uma amizade com nativo, uma com latino-americano e uma sem mencionar a nacionalidade. O grupo D apontou igual número de amizades com portugueses e brasileiros, e em seguida com latino-americanos do Equador e Argentina.

Com relação a como começaram as amizades, em ordem decrescente de citações, o meio acadêmico aparece em todos os grupos e como destaque no grupo A, C e D. Outro motivo de início das amizades bastante apontado pelos grupos A, C e D foi o intermédio de outros amigos, sugerindo uma cadeia nas amizades. Segundo uma participante do grupo C: "... Eu tenho muitos amigos brasileiros e geralmente a amizade inicia porque um apresenta o outro e andamos todos em um mesmo grupo" (C3).

Vizinhos e colegas de trabalho apareceram como motivadores de início das amizades nos quatro grupos, com destaque nos grupos A e D, sugerindo que a proximidade física e o contato favorecem o início de amizades.

Os quatro grupos também citaram início de amizades através de parentes. Foram muitos os ambientes e fatores citados para início das amizades, e os outros

que tiveram destaque foram: durante cursos (nos grupos A, B e C); pela *internet* (A, C e D); e já conhecer do país de origem (A e C). Em uma frequência menor e com mesmo número de citações foram mencionados: início de amizades em academias (B e D); em bares ou festas (A e C); e por terem aproximação cultural (A e C). Fatores citados apenas por um grupo foram: através de hospedagem para estrangeiros (C); na copa do mundo (A); na escola das filhas (C); em lugares frequentados (C); no grupo de futebol (C); e em conversas (D). No mesmo sentido, no estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira. (2016), com imigrantes portugueses e espanhóis no Brasil, as amizades brasileiras se iniciaram nos ambientes de trabalho, em atividades sociais e são parentes do cônjuge.

10. VISÃO ACERCA DOS NATIVOS

10.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, de latino-americanos no Brasil, 15 relataram que tinham uma visão acerca dos nativos antes de tecer relacionamentos de amizade com eles, quais sejam: de que os brasileiros eram alegres (cinco menções), legais, divertidos, amáveis, animados, simpáticos, amistosos, receptivos com os estrangeiros, que gostavam de dançar (mencionado por dois participantes) e jogar futebol, que seriam mais liberais que outros sul-americanos, que a cultura era muito diferente comparada à que encontrou e uma visão boa no geral (citada por dois participantes). Quatro participantes também apontaram uma visão mais negativa: de que teria problemas para se relacionar devidos ao idioma; de que só

seria possível uma amizade superficial com os brasileiros e de que estes seriam muito conservadores. Ainda, para a quarta participante: “No começo senti que os brasileiros não se importavam muito com a gente, até percebi que muitos não gostavam de nós, talvez por causa das bolsas de estudo ou sentir que viemos a roubar o que só devia ser para nativos” (A20).

Segundo nove participantes houve mudança em sua concepção acerca dos brasileiros depois de tecer amizade com eles: 1) não houve problemas para se relacionar devidos ao idioma, pois as pessoas nativas tentaram de todas as formas se aproximar; 2) são mais liberais; 3) é possível manter vínculos profundos de amizade com os brasileiros; 4) são mais impontuais e relaxados do que imaginava; 5 e 6) os brasileiros não sabem e não gostam de dançar, principalmente os homens (comentário feitos pelos dois participantes), além da interação das pessoas em festas ou churrascos ser diferente da Colômbia; 7) sempre achou que a cultura era muito mais diferente daquela que encontrou e no fundo as culturas na América do Sul são muito parecidas; 8) parece difícil começar vínculos de amizade mais profundos com os brasileiros; e 9) a participante, que no início sentiu uma hostilidade dos brasileiros, cuja transcrição foi citada no parágrafo anterior, mudou de ideia:

“... conhecendo pessoas mais inteligentes que sabem que na verdade o único que perde é o nosso país, que nos educou para poder fazer ciência para outro país. Acho que em todo lugar sempre existiram pessoas sinceras e outras não tanto. Sou afortunada de ter conhecido a alegria deste povo e o sincero braço amigo” (A20).

Para dez participantes, não houve mudanças acerca dos brasileiros depois de feitas as amizades, pois os participantes continuaram achando: 1) os brasileiros legais; 2) amáveis e alegres, além de ter passado a achá-los prestativos; 3) alegres;

4) alegres, animados e mais liberais que os outros sul-americanos; 5) o capixaba mais fechado em relação ao mineiro, nordestino, carioca e paulista ; 6 e 7) continuaram com uma boa visão (para dois participantes); 8) os brasileiros simpáticos e alegres; 9) alegres e receptivos com os estrangeiros; e 10) conservadores.

Um participante disse que a questão não se aplicava a ele; e quatro participantes não tinham uma visão anterior sobre os brasileiros.

10.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B já possuíam uma visão acerca dos nativos de seus países atuais e duas mudaram sua concepção. A participante do Chile achava que os chilenos seriam muito acolhedores, atenciosos e alegres. As participantes do México tinham a visão de que os mexicanos seriam agradáveis e bem parecidos com os brasileiros. Para a participante do Chile, houve mudanças em sua concepção, pois percebeu muitas diferenças culturais com os chilenos, achando-os muito distantes: “Por exemplo, não falam de sua vida particular a não ser de uma forma genérica” (B1).

Para uma participante do México também houve mudança: hoje vê que os nativos são menos carinhosos, menos transparentes em seus sentimentos, mais tristes que os brasileiros e reclamam menos (principalmente quanto a direito do consumidor). Essa questão de reclamar menos ou comportamento menos assertivo do mexicano se assemelha ao comportamento do brasileiro de ser menos assertivo para dar sua opinião colocado pelo grupo A, diferentemente do comportamento do

português colocado pelo grupo D de saber exigir seus direitos no capítulo dois, sobre histórico no novo país. Essa característica de inassertividade do mexicano e do brasileiro pode estar associada à história de colonização desses povos e consequente desempoderamento de seus direitos. Para a outra participante não houve mudança em sua concepção sobre os mexicanos.

10.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, 10 já tinham uma visão dos nativos antes de tecer amizades: de que seriam frios (quatro participantes), pouco amáveis, muito competitivos, arrogantes, presunçosos; de que seriam abertos tanto quanto os latino-americanos; de que seriam mais fechados e introvertidos; de que (os catalães) seriam pessoas mais formais, mais distantes nas questões afetivas, mais práticos, porém mais civilizados, sempre agindo de uma maneira muito educada, muito cortês; e de que seriam mais descontraídos. Um participante não gostava da cultura espanhola (visão de mundo das pessoas) e outro tinha uma imagem boa dos espanhóis em geral, mas também uma impressão de que eles eram duros e se irritavam facilmente.

Para oito participantes a concepção sobre os espanhóis mudou: surgiram os sentimentos de dificuldade e exclusão por não falar catalão; opinião de que o temperamento do espanhol muda muito de uma cidade para a outra; opinião que mudou para melhor na maioria dos casos; de que os espanhóis não são frios, e sim um pouco reservados (para dois participantes); e de que os espanhóis possuem doçura.

Para uma participante: os europeus são amáveis e educados, embora existam espanhóis muito grosseiros.

“Acredito que as diferenças do idioma são responsáveis por boa parte dessa grosseria... existem palavras e expressões semelhantes ao Português e que são muito utilizadas aqui, mas que soam mal no Brasil (por exemplo: ‘*no tiene nada que ver*’, ‘*no hace falta*’, etc.)” (C1).

Essa questão das nuances na aquisição da nova língua é realmente complexa, como já apontado pela literatura (BERRY et al., 2002). Ainda, segundo a mesma participante: “Algo interessante de ser dito é o fato de que as piores relações que tenho observado são com pessoas de outros países da América Latina” (C1).

Na opinião de outra participante, os espanhóis conseguem ser mais abertos e próximos. Porém para a mesma:

“Temos concepções distintas no modo de ver a amizade e a gente precisa estar o tempo todo tentando respeitar isso e tentando fazer com que isso não distancie. As questões culturais, as distinções culturais, que não distanciem, que não impeçam a amizade” (C5).

Para três participantes, a concepção inicial sobre os espanhóis não mudou: para duas eles continuam frios, entretanto, como relatou uma participante, “... atualmente compreendo a maneira que eles se relacionam e reconheço como diferente da nossa, pois eles demoram de ter a confiança e, conseqüentemente, certa liberdade com os conhecidos” (C4).

O terceiro participante continua com uma boa imagem dos espanhóis em geral, mas também uma impressão de que eles são duros e se irritam facilmente, tendo dificuldade em lidar com determinadas reações.

10.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, quatro possuíam uma visão sobre os nativos antes de se tornarem amigas dos mesmos: de que seriam pessoas mais sociáveis; rudes; pessoas um pouco distantes; de difícil acesso, formais e afastadas nos primeiros contatos.

Para três participantes, a concepção sobre os portugueses mudou: eles são menos sociáveis; o comportamento “rude” se trata de uma questão cultural, sendo um comportamento “normal” em Portugal (segundo a participante D2); e não são tão distantes. Para a quarta participante, sua concepção não mudou, pois continua achando-os formais e afastados nos primeiros contatos; porém, esse comportamento não se prolonga com o avançar da amizade, sendo os portugueses cordiais e educados. A quinta participante não tinha visão sobre os portugueses e não relatou sua opinião.

10.5 Análise Integrada dos Dados

Fazendo uma análise ampla dos dados desse capítulo, os grupos se dividiram em dois: os participantes dos grupos A e B tinham uma visão majoritariamente positiva sobre os nativos antes de tecer relacionamentos de amizade com eles: de que brasileiros e outros latino-americanos seriam alegres, acolhedores, agradáveis, dentre outros. Já os participantes dos grupos C e D, em sua maioria, tinham uma visão negativa sobre os nativos antes de estabelecer amizade com os mesmos, de que espanhóis e portugueses seriam frios, fechados,

distantes, dentre outros. Essa primeira visão dos participantes, todos latino-americanos, pode refletir aspectos heurísticos da colonização europeia na América Latina, em que as culturas colonizadoras e dominantes (de espanhóis e portugueses frios, fechados) foram impostas às culturas colonizadas e dominadas (de latino-americanos acolhedores, flexíveis).

Para a maioria dos participantes do grupo A, não houve mudança de concepção depois de estabelecidas as amizades, permanecendo a visão de que os brasileiros são alegres, legais, divertidos, dentre outros. A maioria dos participantes do grupo A que tinham uma visão negativa dos brasileiros (em menor número que os que tinham uma visão positiva) mudou de ideia, passando a ter uma visão mais positiva. Já para a maioria do grupo B, houve mudança, sendo os nativos considerados distantes.

Houve mudança também para a maior parte dos participantes dos grupos C e D, de que os espanhóis e os portugueses não são tão fechados e distantes como se imaginava. Esse dado sobre os portugueses vai de encontro ao estudo de Silva e Schiltz (2007), com brasileiros imigrantes em Portugal, em que 87% dos brasileiros imigrantes disseram ter algum amigo português e 74,7% dos brasileiros já foram convidados para ir à casa de um português.

Algumas contradições apareceram nos dados desse capítulo. Nas concepções posteriores ao estabelecimento de amizades do grupo A, para uma participante as culturas na América do Sul são muito parecidas e para outra os brasileiros são mais liberais que os outros sul-americanos. Dentro do mesmo grupo, duas participantes também apresentaram uma visão oposta: para uma é possível manter vínculos profundos de amizade com os brasileiros e para outra isso é difícil.

No grupo C, apesar da maioria dos participantes ter a visão prévia de que os espanhóis seriam fechados e formais, alguns acharam antecipadamente que seriam abertos tanto quanto os latino-americanos e descontraídos. Nas concepções posteriores sobre as amizades, no geral, os participantes relataram que os espanhóis são mais reservados, mas podem ser educados.

Dado interessante apontado por uma participante do grupo C é que as piores relações observadas são com outros latino-americanos, sugerindo um distanciamento entre brasileiros e latino-americanos na Espanha. Esse dado converge com a falta de habilidade social dos brasileiros com relação aos latino-americanos trazida no capítulo anterior pelo grupo A, mas contradiz uma informação do mesmo capítulo que sugere uma aproximação entre latino-americanos na Espanha.

No grupo D, já com as concepções modificadas, também foi encontrada uma contradição importante: de que os portugueses são menos sociáveis e possuem um comportamento rude, e de que não são tão distantes, e sim cordiais e educados. Uma possível explicação para essa oposição pode ser a própria colocação de uma participante de que apesar de continuar achando os portugueses formais e afastados nos primeiros contatos, isso não se prolonga com o avançar da amizade.

11. INFLUÊNCIA DAS DIFERENÇAS CULTURAIS NAS AMIZADES

11.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 10 mencionaram como são as amizades com brasileiros: boas (fala de quatro participantes), ótimas, firmes, normais, menos profundas que no Peru, não tão próximas como são com os outros latino-americanos, não tão próximas como gostaria, no começo é algo bem difícil de achar e ainda, para um participante: "... amizade tem a ver com conexão" (A7).

Para 10 participantes, as diferenças culturais afetam as amizades com os nativos. Pelo lado positivo, segundo um participante colombiano, as amizades com nativos enriquecem a relação; para uma argentina, brasileiros e argentinos têm mais semelhanças que diferenças; e, segundo outro participante colombiano: "... as diferenças culturais entre Colômbia e Brasil, a meu modo de ver, são pouquíssimas. E quando alguma diferença entra com força, é preciso com todo o respeito, fazer uma piada dela" (A7).

Já pelo lado negativo, em se tratando das diferenças culturais, quatro participantes relataram que o idioma é um problema na relação de amizade, pois limita a expressão de sentimentos e pensamentos; uma participante relatou que cozinhar comidas típicas do México é um processo difícil no Brasil; outra colombiana mencionou que a música brasileira é muito diferente do restante da América do Sul; para uma panamenha, com as cubanas a amizade é mais íntima; para um participante chileno, as opiniões são totalmente diferentes, de uma maneira geral; e ainda, para duas participantes, uma mexicana e outra panamenha:

“Como mencionei, acho que no Brasil evitam a confrontação com outras pessoas e às vezes pode parecer que não são tão sinceros e francos. Penso que os mexicanos são amigáveis, mas se confrontam quando necessário” (A16) e

“As diferenças culturais afetaram muito essas amizades porque venho de um país (Panamá) no qual as pessoas são mais liberais, mais emocionais, mais risonhas e menos preconceituosas do que as pessoas no estado de São Paulo” (A19).

Para cinco participantes as diferenças culturais não afetam as amizades com os brasileiros. Para um peruano: “... não afetam se existe empatia e simpatia” (A18).

11.2 Grupo B: Brasileiros em Outros países da América Latina

Duas das três participantes do grupo B mencionaram como são as amizades com nativos (do Chile e do México): um tanto superficiais e os encontros são mais por conveniência; e amizades em construção, dado o pouco tempo que mora lá. Para as duas participantes que vivem no México as diferenças culturais afetam positivamente as suas amizades no país: “Ao contrário as diferenças nos unem mais e faz com que queiramos aprender uns com os outros” (B2); e “São amizades também de muita curiosidade cultural, e de muita aceitação de diferenças, com bastante admiração à cultura alheia” (B3).

Para a participante que vive no Chile e que acha as amizades um tanto superficiais, explica:

“... como quando almoço com as colegas do mestrado, até na tentativa de me aproximar. Temos muitas percepções distintas, minhas colegas juntam-se para comentar sobre os professores e falar de outras colegas do curso e isso me mantém um pouco distante porque não concordo com muito do que dizem. Acho que às vezes até causo certo ‘choque’ ao manifestar que penso diferente, mas isso tem a ver com a

minha própria personalidade. Sou muito direta e costumo falar o que penso” (B1).

11.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, de brasileiros na Espanha, quatro mencionaram como são as amizades: momentâneas com pessoas do curso que iriam embora e amizades mais fortes com brasileiros que iriam ficar na Espanha; tão boas quanto as conquistadas no Brasil; sinceras; e puras:

“... os espanhóis ou gostam de ti e querem te ver com frequência ou simplesmente não te dão abertura de entrar nas suas vidas. São bastante sinceros e um ‘não’ será dito sem ofender e recebem sem sentirem-se ofendidos” (C11).

Para sete participantes as diferenças culturais afetam as amizades com os espanhóis: como aspecto favorecedor, um participante salientou o intercâmbio cultural, em que o espanhol se interessa pela cultura brasileira, o que foi destacado como vantagem pelo participante. De maneira mais crítica, o idioma foi um aspecto que dificulta as relações apontado por duas participantes. Outra participante também qualificou os espanhóis como mais distantes e impessoais. Inclusive a participante nem os considera amigos por isso:

“Uma diferença muito marcante em relação à cultura catalana é que eles não estão acostumados a convidar os conhecidos a frequentar sua casa e muito menos falam sobre sua vida pessoal. São pessoas agradáveis para sair e conversar sobre várias questões, mas não as pessoais. É justamente este um dos motivos que não os considero como amigos e sim os coloco na escala de conhecidos porque acredito que não existe um espaço para que a relação seja tão próxima e se transforme em uma amizade” (C4).

Por fim, para um participante:

“A franqueza, os poucos sorrisos ao falar, o falar sem rodeios e a habilidade de dizer ‘não’ sem pudores são coisas que desconcertam os

brasileiros, na minha opinião. Isso sem dúvida afeta as relações, mas com o tempo vamos nos acostumando e aprendendo a lidar com isso” (C10).

Apesar de mencionarem que existem, dois participantes não elucidaram quais as diferenças culturais que afetam as amizades. Três participantes disseram que as diferenças culturais não afetam as amizades com nativos e duas não mencionaram sobre as diferenças culturais.

Sobre as diferenças culturais no geral, uma participante colocou uma visão interessante,

“... se você está aberto a perceber quais são as diferenças, a aprender uma nova forma de se comunicar e a se relacionar, essas diferenças, apesar de afetarem, não impedem. Mas é importante que elas sejam identificadas, e que você esteja atento a elas, e que você esteja aberto porque um encontro de duas culturas é um encontro que eu costumo dizer, no meio de um caminho, no meio de uma ponte. Então existe um exercício que é seu, de sair de sua cultura e estar aberto ao encontro do outro, e existe um exercício que é do outro” (C5).

Em se tratando das culturas latino-americanas, um participante demonstrou uma visão, ao menos parcialmente, preconceituosa:

“... alguns latinos também são mal vistos porque estão envolvidos a maioria em delitos, como a República Dominicana, como alguns países assim são violentos, então a maioria dos delitos que tem por aqui, 70% é coisa desse tipo de gente. Mas os brasileiros eles adoram... acho que a cultura até ajudou” (C9).

11.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

As cinco participantes do grupo D, de brasileiros em Portugal, não caracterizaram as amizades com os nativos. Duas participantes mencionaram que as amizades com os nativos são diferentes devido a aspectos históricos. Para uma:

“O compartilhar da nacionalidade faz que as amizades com os brasileiros não precisem de tantas ‘explicações’, sabemos o passado, as

condições em que as infâncias foram vividas. Com os europeus, é preciso explicar mais, e isso às vezes faz com que eles entendam menos, ou demorem mais a entender os meus problemas. Mas, em geral, fazemos também muita piada das diferenças culturais” (D3).

No mesmo sentido, para a outra:

“As amizades são diferentes das que temos no nosso país de origem, mas pelo simples fato de não termos tido uma infância juntos ou uma história mais longa, o que é normal mesmo com amizades com pessoas da nossa nacionalidade” (D4).

Além disso, para uma dessas participantes:

“Há uma diferença cultural bem mais marcada, no que diz respeito à realização de encontros nas casas. Isto significa dizer que os portugueses de uma maneira geral não realizam festas/encontros em suas casas, os momentos de convívio são sempre na rua (bares e restaurantes). Enquanto com brasileiros, com pouco tempo de amizade há promoção de encontros no aconchego do lar que cada um constrói aqui no país de acolhimento” (D4).

Para duas participantes as diferenças culturais não afetam as amizades com os portugueses, “... porque os portugueses já estão muito habituados com o comportamento dos brasileiros, e vice-versa, de modo que acho que hoje nos entendemos muito bem” (D2). E uma participante não respondeu à questão.

11.5 Análise Integrada dos Dados

De uma maneira bem ampla, as amizades com nativos para o grupo A são boas, firmes, mas como apontado por três participantes, não tão próximas como as amizades com outros latino-americanos. Para as participantes do grupo B, no geral as amizades ainda estão em construção e são mais superficiais. Para o grupo C, grosso modo, as amizades com os espanhóis do curso são transitórias, tão boas

quanto as conquistadas no Brasil, sinceras e puras. As participantes do grupo D não caracterizaram as amizades com os nativos.

Com relação a como as diferenças culturais afetam as amizades com nativos, para os grupos A, B e C elas enriquecem a relação, unem as pessoas, geram aprendizado, curiosidade intelectual e intercâmbio cultural. Todavia, a maior parte dos aspectos apontados foram negativos (exceto para o grupo B, que apontou apenas fatores positivos): o idioma apareceu como dificultador mais citado das relações de amizade com os nativos para os grupos A e C, como apontado na literatura (GARCIA, 2012b; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; DETTOGNI et al., 2010). Outras questões culturais, como cozinhar comidas típicas, gosto musical diferente, opiniões diferentes, falta de assertividade dos brasileiros (já os mexicanos se confrontam quando necessário) e formalidade e preconceito principalmente dos paulistas foram apontadas pelo grupo A como aspectos que dificultam as amizades com brasileiros.

Em um estudo desenvolvido por Arruda, Gonçalves e Mululo (2008), sobre as representações sociais do Brasil, paulistas se auto atribuíram qualitativos como apressados e muito estressados. Também foram caracterizados como ricos, civilizados, modernos, virtuosos/esforçados, trabalhadores, porém desagradáveis, arrogantes, sisudos e insuportáveis.

No grupo C, os participantes acham os espanhóis distantes e possuem uma assertividade que desconcerta, ao contrário do comportamento dos brasileiros (apontado pelo grupo A). Os mexicanos também foram apontados como assertivos pelo grupo A. Ainda, os latino-americanos são mal vistos na Espanha por alguns se envolverem em violência.

Já no grupo D, foi apontada a questão da história diferente entre brasileiros e portugueses, fazendo com que as amizades entre esses exijam mais explicações; os portugueses também são mais distantes, assim como os espanhóis (apontado pelo grupo C). Parece uma característica cultural da Espanha e de Portugal que os amigos não frequentem muito a casa uns dos outros, assim como é no Brasil.

Uma participante do grupo C colocou uma visão interessante sobre as diferenças culturais, em que a abertura entre cultura imigrante e cultura receptora deve ser recíproca. Como em qualquer tipo de relação, as duas partes precisam estar abertas às diferenças do outro e ceder para a relação ser equilibrada. O equilíbrio é verificado em uma relação quando os seus participantes obtêm o máximo de ganhos e o mínimo de perdas, em período de tempo semelhante, o que promove a manutenção da relação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

A literatura tanto aponta que as diferenças culturais são uma dificuldade nas amizades de imigrantes (GARCIA, 2012a; 2012b; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; GOES, 2010) como são beneficiadoras das amizades no sentido de troca cultural e curiosidade pelo diferente (GARCIA; COSTA; PEREIRA-OLIVEIRA, 2016; GARCIA; BITENCOURT-NETO et al., 2010; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010).

12. INFLUÊNCIA CULTURAL NOS INTERESSES EM COMUM COM AMIGOS

12.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 17 apresentaram atividades compartilhadas com os amigos do Brasil: ligadas à comida, como ir a restaurantes e cozinhar, inclusive pratos típicos como “arepas” (A14) (apontadas por 16 participantes), beber (por cinco), fazer churrascos (por quatro), viajar, ir a festas, conversar (apontados por três participantes cada), ir à praia, a bares, passear, atividades ligadas à música (por dois participantes cada), ir a sítios, jogar bola, ficar em casa, assistir a filmes e dançar (apontados por um participante cada).

Com relação a como o participante vê o fato de ser de outro país nos interesses em comum com seus amigos e se acha que esses interesses sofrem influência cultural do local, oito responderam positivamente, sendo que seis comentaram sobre os interesses e as influências. A língua espanhola interessa ao brasileiro que quer aprendê-la (aspecto mencionado por dois participantes) e aproxima os outros latino-americanos; uma participante continua preparando comidas ao estilo mexicano para os amigos brasileiros. Ainda, para uma participante cubana, “O brasileiro gosta muito de conversar, fazer piadas, já o cubano gosta mais de dançar, escutar músicas, etc., mas não existe muita diferença não” (A17); e para um peruano “Ser estrangeiro faz com que meus amigos compatriotas fiquem bem unidos” (A18). Para uma participante a procedência socioeconômica influencia mais os interesses e hábitos dos amigos que as diferenças culturais, assim como apontaram Fong e Isajiw (2000).

As atividades compartilhadas mencionadas acima também evidenciam que a cultura local influencia os interesses em comum dos amigos. Por exemplo, fazer churrascos, ir à praia e jogar bola são atividades caracteristicamente brasileiras. Por fim, quatro participantes acham que esses interesses não sofrem influência cultural do local, e oito não opinaram.

12.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B disseram que possuem atividades em comum com os amigos do país atual: sair e sair para almoçar ou jantar. Uma não foi clara, pois relatou que faz com os amigos do México “O mesmo que fazia com os amigos antigos” (B2).

Com relação aos interesses em comum e à influência cultural local, a participante que vive no Chile relatou que os amigos do país geralmente fazem perguntas a respeito de comida, do que fazia no Brasil, das diferenças que encontrou, se está se adaptando ao frio e à chuva constante, dentre outros. No mesmo sentido, para outra, que vive no México: “As diferenças culturais sempre são assunto, assim como as dificuldades burocráticas que passamos como estrangeiros. E sim, se estivéssemos em outro lugar do mundo a conversa poderia ser diferente” (B3). Ou seja, as diferenças culturais influenciam na conversa dos amigos.

Por fim, de acordo com a terceira participante, que também vive no México: “Moro aqui e todos que estamos aqui desejamos nos estabelecer, criar raízes e

sermos felizes. Vivo em uma cidade cosmopolita. Posso ser culturalmente o que quiser” (B2).

12.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Todos os 12 participantes do grupo C mencionaram atividades em comum com os amigos do país: ir à praia e praticar esportes (apontados por cinco participantes cada); ir ao parque, passear e tomar café (apontados por três participantes cada); comer, beber, ir a bares, festas, cinema e sair no geral (por dois participantes cada); ir a restaurantes, andar na rua sem se preocupar com a violência, conversar na rua, fazer churrascos, atividades ligadas à música, tomar chimarrão, visitar amigos em casa, lanchar, viajar, fazer compras, comer em casa, ir a discotecas, ver jogos em estádios, atividades com filhos pequenos, conhecer o apartamento do amigo, atividades de lazer e acadêmicas no geral.

Onze participantes acham que os interesses em comum com os amigos sofrem influência cultural do local, sendo que oito participantes comentaram sobre essa influência. Para uma participante: estar num país diferente e ter novas oportunidades de vivências faz com que as pessoas modifiquem seus gostos ou mesmo a possibilidade de aproveitar outros costumes e formas de diversão. Algumas diferenças culturais específicas foram: gastronomia, festas populares, comer mais fora que no Brasil; sair tarde e voltar para casa de manhã; amigos nativos apresentarem a cultura local no tocante às artes, culinária e lugares.

Outros participantes colocaram uma visão mais geral dessas influências culturais:

“... tenho a sensação de que muitas vezes independente do que se faz, o interesse é estar junto com outras pessoas da sua própria nacionalidade e cultura para sentir-se em casa” (C3), em referência à cultura de origem.

“E nossos interesses comuns são aqueles que nos definem como as pessoas que somos e o que esperamos da vida, sendo que nos respeitamos mutuamente, independente da cultura local. Como disse anteriormente, a diferença cultural é um ponto positivo neste caso. Eu me interesso pela deles, e eles pela minha” (C7),

destacando as trocas culturais e o respeito às diferenças.

Enfim, segundo um participante, “Nossos interesses hoje estão mais alinhados com a realidade daqui do que a do Brasil” (C10).

Uma participante colocou uma visão elucidativa incluindo latino-americanos:

“Creio que nossos interesses comuns não são tão comuns como se poderia esperar. Ao menos não em relação a todos os aspectos. No que diz respeito a querer aproveitar Barcelona, atividades culturais, oportunidades de lazer e turismo, por exemplo, nos aproximamos muito. No entanto, em relação a foco laboral, planos para o futuro, objetivos de vida, acredito que não nos aproximamos muito. Eu e vários brasileiros que conheço viemos à Europa estudar doutorado e temos muitos planos pro futuro: se desenvolver como pesquisador (aos que já estão vinculados a uma universidade pública); conseguir passar num concurso ou trabalhar em instituições privadas, etc. É muito comum encontrar latino-americanos que não tem planos para o futuro (ou, em outra hipótese, não querem compartilhar) e que vieram à Europa pelo simples fato de terem conseguido uma bolsa, principalmente nos casos de chilenos e mexicanos. Que não pensam em seguir carreira acadêmica, que não sabem em que vão trabalhar quando voltarem a seus países, que nem se quer conseguem escolher a temática de trabalho dentro do máster, inclusive por não terem refletido bem quanto à escolha da própria área de concentração do máster. Eu, por exemplo, não imagino um bolsista da CAPES ou do CNPQ com essa postura. Esperaria isso dos bolsistas do Ciências sem Fronteiras (graduação sanduíche) pelo fato de serem alunos da graduação e que muitas vezes vão estudar fora do país mais pela oportunidade que surgiu do que por ter necessariamente sonhado ou planejado uma trajetória acadêmica. Acredito que tudo isso sofre a influência da cultura local, que também não é de priorizar os estudos, já que dependendo do trabalho se ganha melhor. De 36 colegas (metade espanhóis e praticamente a outra metade da América Latina), apenas três pessoas tinham chegado ali

com a intenção de fazer doutorado (eu, minha amiga brasileira e meu amigo da Colômbia). Em geral, os demais (espanhóis e latino-americanos) se quer sabiam que existia a possibilidade de seguir com o doutorado. Isso me chamou muito a atenção, pelo fato de alguém se vincular a um curso sem saber direito o que é e onde quer chegar” (C1).

12.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Quatro das cinco participantes do grupo D mencionaram atividades em comum com os amigos no país: jantar (três participantes), tomar café (dois), almoçar (dois), sair, passear, visitar o amigo em casa, atividades culturais, atividades ligadas à geração, atividades ligadas ao trabalho e ir ao cinema.

Com relação às influências das diferenças culturais nos interesses em comum com os amigos, apresentadas por todas, uma participante mencionou que os amigos não vão à casa uns dos outros; encontram-se em cafés. Para outra, cada um costuma levar um pouco de sua cultura aos encontros: sugerem-se produtos culturais ou pratos dos países de origem, ou contam o que fazem nos países em situações semelhantes.

Segundo uma participante, os interesses em comum com os amigos giram em torno do interesse pela geografia, mas, segundo a mesma,

“... muitos desses amigos nativos desejam emigrar para o Brasil, em virtude, sobretudo, da crise econômico-financeira atual na Europa, e o interesse em viver e fazer carreira no Brasil torna-se um interesse em comum entre mim e alguns amigos” (D4).

Nesse sentido, os resultados do estudo de Nunan e Peixoto (2012) indicaram que cerca de 35% dos participantes (imigrantes brasileiros) afirmaram desejar regressar ao Brasil depois de um certo período. Porém, dentre as diversas respostas dadas, apenas um participante citou a crise como possível justificção

do regresso. Para os autores, a possibilidade de contínuo agravamento da situação econômica portuguesa pode alterar este cenário no sentido de um incremento do retorno.

Para outra participante interesses em comum estão em ciência e política. Em relação à ciência, a diferença dos portugueses está na postura em relação ao trabalho, pois são muito sérios e comprometidos. Em relação à política, as influências culturais são mais salientes, mas não mencionou quais são as posturas nem as influências.

Por fim, para uma participante:

“Penso que podemos conhecer outras coisas, coisas novas, e aí sim, passar a gostar delas. Nesse sentido, ao conhecermos outra cultura e o que ela oferece de diferente da nossa, se gostamos, não é que tenhamos mudado, mas sim que incorporamos novos prazeres à nossa vida” (D2).

12.5 Análise Integrada dos Dados

As atividades compartilhadas mais mencionadas pelos grupos A, B e D (mas também citadas pelo grupo C) estão ligadas à alimentação, como comer (almoçar e jantar), beber e ir a restaurantes, sugerindo que existem em todas as culturas desse estudo. Uma atividade que apareceu nos grupos A e C foi fazer churrascos (principalmente no A), e outra citada pelos grupos C e D foi tomar café, sugerindo uma influência cultural do local, já que churrascos são típicos da cultura brasileira e frequentar cafés parece ser tipicamente atividade da cultura europeia.

Algumas atividades compartilhadas foram apontadas pela maioria dos grupos, como sair, passear, viajar, ir a festas, discotecas, bares e cinemas, conversar, visitar os amigos em casa e lanchar, sugerindo que são atividades de

interesse comum entre amigos e não necessariamente sofrem influência cultural do local. Outras atividades mais genéricas e que provavelmente não sofrem essa influência são: atividades ligadas aos estudos ou trabalho (apontadas pelos grupos C e D), atividades com filhos pequenos (grupo C) e ligadas à geração (grupo D). Outras atividades já são mais específicas e parecem sofrer essa influência, como ir à praia, atividades ligadas à música e praticar esportes, sendo as três apontadas pelos latino-americanos no Brasil e brasileiros na Espanha (grupos A e C).

Três atividades apontadas pelo grupo C parecem sofrer influência cultural da Espanha: ir ao parque, fazer compras e ver jogos em estádios, mas a atividade de tomar chimarrão colocada pelo mesmo grupo parece sofrer mais influência cultural do Brasil. Ainda, atividades culturais no geral (participante não especificou quais) mencionadas pelo grupo D também podem sofrer influência da cultura portuguesa.

As atividades compartilhadas com amigos do novo país são majoritariamente ligadas a lazer; em um segundo plano relacionadas a estudos, trabalho, geração, música e esportes. De uma maneira geral, esses dados convergem com a literatura (GARCIA, 2012a; GARCIA; COSTA; PEREIRA-OLIVEIRA, 2016; GARCIA; GOES, 2010; GARCIA; RANGEL, 2011) que apontam como atividades compartilhadas entre amigos de diferentes nacionalidades as relacionadas a lazer, estudos, atividades científicas ou culturais, esportes, trabalho e religião. Participantes deste estudo apenas não relataram atividades ligadas à religião. Entretanto, alguns participantes mencionaram a questão da religião em outros poucos momentos durante a pesquisa: em atividades compartilhadas com amigos do país de origem (capítulo sete), foram mencionadas idas à igreja pelos participantes do grupo C. Sobre a forma com a qual lidaram com necessidades de

acolhimento, ajustamento e adaptação à nova cultura (capítulo 20), três participantes do grupo C citaram apoio da igreja. Nessa questão (20), brasileiros em Portugal também mencionaram a igreja. Por fim, uma participante boliviana do grupo A, no capítulo 21, sobre possíveis caminhos para melhor adaptação e ajustamento do imigrante a novas culturas, citou ter muita fé em Deus para conseguir atingir seus objetivos e metas.

Pontualmente sobre a possível influência cultural do local nos interesses em comum com os amigos do novo país, a maioria dos participantes de todos os grupos disse que essa influência existe. Entretanto, no grupo A, assim como o fato de a língua espanhola do participante interessar ao brasileiro que quer aprendê-la e influenciar as conversas (além de aproximar os outros latino-americanos), algumas atividades ligadas à comida e música parecem sofrer mais influência cultural do imigrante do que propriamente da cultura brasileira, o que denota uma troca cultural mais equilibrada.

Para o grupo B, de brasileiros em outros países da América Latina, as diferenças culturais influenciam nas conversas com os amigos. Para o grupo C, essas diferenças modificam gostos e comportamentos, estando ligadas à gastronomia, festas populares, comer mais fora que no Brasil; sair tarde e voltar para casa de manhã; e amigos nativos apresentarem a cultura local no tocante às artes, culinária e lugares. Uma questão colocada por uma participante do grupo C foi a falta de planejamento de colegas de doutorado com relação aos próprios estudos, o que pode ser influência cultural da Espanha, em que o trabalho é mais valorizado que a pós-graduação.

Por fim, para o grupo D, os portugueses têm mais costume de se encontrar em cafés que em casa e são mais comprometidos com o trabalho. A crise econômico-financeira atual na Europa parece influenciar a vontade de alguns portugueses (bem como de brasileiros que estão lá) a viver e fazer carreira no Brasil. Os brasileiros também costumam levar suas características culturais aos encontros com os amigos em Portugal, assim como apareceu no grupo A.

Portanto, os principais interesses em comum entre imigrantes e nativos trazidos pelos participantes desse estudo estão ligados ao idioma, gastronomia, música, conversas, gostos, comportamentos, festas populares, artes, lugares, estudos, trabalho e lazer. No estudo de Garcia e Rangel (2011), destacou-se que os principais interesses em comum e atividades compartilhadas estavam relacionados a estudo e lazer. De uma maneira mais completa, para Garcia, Dettogni et al. (2010), os interesses comuns estavam ligados principalmente a lazer, música, turismo, cinema, esportes, literatura, família, artes, religião, trabalho, ciências, festas, gastronomia e relacionamentos. Comparativamente, o idioma apareceu como interesse em comum apenas nos dados dessa tese, e os interesses com relação ao turismo, literatura, família, religião, ciências e relacionamentos foram citados somente no estudo de Garcia, Dettogni et al. (2010). Os itens cinema e esportes foram mencionados pelos participantes dessa pesquisa nas atividades compartilhadas tanto com os amigos no país de origem (capítulos seis e sete) quanto com os novos amigos (capítulos dois e 12).

13. PAPEL DOS AMIGOS PARA ADAPTAÇÃO

13.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 18 mencionaram o papel dos amigos para a adaptação ao Brasil. Seis disseram que esse papel foi de rede de apoio ou suporte; e outros papéis citados foram: os amigos tornam a adaptação mais simples; de suma importância; distraem, divertem e amenizam a saudade; são consciência das palavras ditas e conselheiros; tornam a vida mais divertida; são realmente necessários; para outra participante os amigos brasileiros facilitam a adaptação e os do país de origem lhe dão o apoio social; são bons ouvintes (de preocupações e inseguranças); ajudam na adaptação com o português; aumentam o bem-estar e a participante se sente querida (além de apoiada, como mencionado no início do parágrafo); passam a ser sua família; fundamentais; têm um papel interessante: negativo por que faz com que o processo de adaptação à cultura do país seja mais demorado (em se tratando de amigos compatriotas) e positivo por que ajuda no estado de ânimo.

Algumas falas interessantes sobre o papel dos amigos no processo de adaptação ao novo país foram:

“Manter contato com pessoas do país de origem facilita muito a adaptação à nova cultura” (A9). No mesmo sentido, segundo outra participante:

“No começo é muito importante ter pessoas de nossa própria fala para poder compreender algumas atitudes não muito comuns nos nossos países. Sem uma devida introdução ou advertência nós tendemos a cometer muitos erros, talvez por entender muito literalmente como os brasileiros falam” (A20).

Ainda se tratando do idioma espanhol, “Geralmente estrangeiro latino-americano orienta aos mais novos na moradia, banco, supermercado, documentação junto à polícia federal ou faculdade e apresenta outros estrangeiros” (A14).

Numa outra visão, “Eu penso que para poder adaptar-se às vezes devemos esquecer um pouco nossos costumes por que se ficamos querendo que o novo país se adapte a nós estamos bem errados, pois isso não acontecerá nunca” (A12).

De maneira geral: “Somos seres sociais e precisamos pertencer a um grupo, sentir que somos parte de algo maior” (A5), remetendo-se à importância dos grupos sociais.

Por fim, para um participante a questão não se aplicou e para outra os amigos não influenciam o processo de adaptação ao novo país: “Meus amigos são e serão meus amigos, independentemente do lugar em que cada um de nós tenha que morar. Não influenciaram o processo de adaptação” (A15).

13.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B mencionaram o papel dos amigos para a adaptação ao novo país: para duas eles são fundamentais e para outra significam apoio. Das que os acham fundamentais, para uma é importante sentir que pode contar com a amiga apesar da distância, e para a outra:

“Os amigos que ‘ficaram em casa’ e os novos que fiz aqui (México) são fundamentais para a minha felicidade. Os que ficaram no Brasil, por um lado, me dão a segurança de que eu não estou sozinha, nem abandonada, não importa onde no mundo eu esteja. Porém, os amigos ‘locais’ são de extrema importância, porque às vezes bate a sensação de solidão que só o contato cara-a-cara resolve” (B3).

13.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, nove apontaram o papel dos amigos para a adaptação à Espanha. Para quatro deles, os amigos foram fundamentais. Segundo uma dessas participantes:

“Eu não suportaria, não teria suportado eu acho viver cinco anos aqui se eu não tivesse uma grande amiga ao meu lado, passando por momentos como dificuldades financeiras, como problemas de saúde, como pressões no mestrado e agora no doutorado, dificuldade de adaptação com o idioma, com o clima, os invernos muito duros...” (C5).

Para dois participantes os amigos foram importantes; para outros dois foram fonte de apoio emocional e tiveram papel relevante; e ainda, outros dois participantes comentaram sobre os amigos brasileiros na Espanha como fundamentais para suprir a falta da cultura brasileira e energia para não sentir tanta saudade; e como os responsáveis por ficar na Espanha.

Para uma participante, os amigos brasileiros são importante fonte de apoio emocional,

“... pois me incentivam e me ajudam a ter forças quando bate o cansaço, com eles compartilho meus medos, inseguranças e a saudade de casa. São pacientes e lindos o suficiente para conversar por *Skype* comigo para me ouvir falar do meu projeto e me ajudar a pensar sobre o tema que estou trabalhando. Para mim, isso significa muito, tendo em vista as horas por *Skype* ou *WhatsApp*, apesar da diferença de horários entre os países e dos compromissos laborais de todos eles” (C1).

Com relação aos amigos brasileiros e espanhóis, duas participantes falaram da importância de ambos:

“Conhecer novos amigos que sejam do novo país ajudam a aceitar a nova cultura e se adaptar mais rápido. Por outro lado, estar com amigos do próprio país ajuda a amenizar a falta do que foi deixado no país de origem” (C3).

“... os amigos espanhóis são necessários para que te sintas aceita e os brasileiros para que conectes com a tua cultura” (C11).

Para um participante: “É imprescindível ter amigos para estar feliz em qualquer lugar, principalmente fora do seu país” (C8). E dos outros três participantes que não apontaram um papel significativo dos amigos para a adaptação ao novo país, uma não sentiu necessidade de se adaptar; o outro achou o papel pequeno e o terceiro achou que os amigos não tiveram papel tão importante.

13.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Para as cinco participantes do grupo D os amigos têm papel fundamental ou de extrema importância no processo de adaptação ao novo país. Uma comentou especificamente dos amigos brasileiros: “No início, penso que ter amigos brasileiros ajuda bastante, pois passamos a descobrir as coisas juntos, e temos alguém para conversar que, provavelmente, irá nos entender melhor do que um nativo” (D2).

Outra participante mencionou apenas os amigos portugueses: “Eu diria que apenas os meus amigos em Portugal é que têm papel na minha adaptação por aqui. É um papel positivo e que me ajuda a sentir que tenho algo que me prenda aqui que não apenas o doutorado” (D5).

E por fim, para outra participante:

“Esses novos amigos cumprem um pouco o papel dos familiares, pois estão presentes nas datas mais importantes no ano como aniversário, Natal, Ano Novo, Páscoa. São também através destes amigos que somos apresentados a uma rede de relações mais amplas, o que auxilia na construção de novos laços de amizade” (D4).

13.5 Análise Integrada dos Dados

Participantes dos quatro grupos disseram que os amigos de seu próprio país ou de outros países são fundamentais para a adaptação ao novo país, inclusive para suprir a falta de sua cultura. Para todos os grupos esses amigos também significam fonte de apoio emocional ou suporte.

Participantes dos grupos A, C e D também mencionaram que os amigos de seu país ou de outros países são de extrema importância no processo de adaptação, por vezes facilitando a mesma ou até sendo os responsáveis pela estadia no novo país. Os grupos A e C também alegaram que esses amigos amenizam a saudade do país de origem, além de distraí-los e diverti-los. Para os grupos A e D, eles passam a ser sua família no novo país e aumentam a rede de amizades, pois os apresentam a outros estrangeiros ou potenciais amigos.

Para o grupo A, os amigos de seu país ou de outros países também são conselheiros, bons ouvintes, ajudam na adaptação com o português, aumentam o bem-estar, apesar de prolongar o processo de adaptação ajudam no estado de ânimo e orientam com relação ao novo país (principalmente os outros latino-americanos).

Participantes dos grupos A, B e C comentaram sobre a importância tanto dos amigos do país de origem quanto dos amigos do novo país: os do país de origem dão apoio social, segurança e acolhimento, amenizam a saudade e os conectam com sua cultura; os amigos do novo país facilitam a adaptação e aceitação da nova cultura, amenizam a solidão e aumentam a sensação de aceitação. De fato, segundo a literatura (COSTA, 2012; GARCIA, 2012a; GARCIA; COSTA; PEREIRA-

OLIVEIRA, 2016; GARCIA; GOES, 2010; GARCIA; RANGEL, 2011) os amigos exercem um papel relevante na adaptação ao novo país.

14. PERCEPÇÃO DE PRECONCEITO OU DIFICULDADES PARA FAZER AMIGOS

14.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 10 não perceberam preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de serem de outro país, e nove perceberam (uma participante não se posicionou). Um participante que não sofreu preconceito, porém, já ouviu falar que aconteceu com outras pessoas.

Algumas transcrições que elucidam o preconceito ou dificuldades passadas:

“Quando eu cheguei, encontrei muitas pessoas muito receptivas com o estrangeiro, como também encontrei algumas pessoas xenófobas que acreditam que o estrangeiro vem para roubar suas mulheres, suas vagas estudantis, suas possibilidades de sucesso...” (A7).

Segundo um participante colombiano: “Algumas vezes o pessoal costuma fazer piadas relacionadas com problemas do meu país de origem (narcotráfico e guerrilhas) que acabam incomodando um pouco” (A9).

“... na verdade percebi desde o começo seja pelo sotaque, pela cor da pele, ou pelo traço do rosto, sempre eles me lembram aquela condição de forasteiro...” (A11).

“Só percebo que o povo brasileiro, especialmente as mulheres, preferem fazer contato com pessoal europeu ou branco, mas não deixam de ser amáveis com o resto” (A18).

“Com certeza absoluta, principalmente no estado de São Paulo. As pessoas têm preconceito de raça e gênero, principalmente” (A19).

“... no começo alguns se mostram interessados por nossa forma obviamente diferente de falar, mas logo perdem o interesse talvez por não saber de que mais falar, não temos muita coisa em comum, a não ser que seja alguma atividade que tenhamos que dividir ou fazer juntos. Alguma vez senti pré-conceito, mas não dei importância” (A20).

Segundo Ortiz (2004), a discriminação contra imigrantes peruanos e bolivianos é percebida em jornais argentinos, em que 75% dos títulos envolvendo esses imigrantes estão associados com ilegalidade, delinquência, tráfico de drogas e contrabando, além de tendência ao racismo e à xenofobia. No mesmo sentido, imigrantes bolivianos também sofrem discriminação e preconceito no Brasil (SIMAI; BAENINGER, 2012a; ALVES, 2012). A literatura também relata especificamente a existência de discriminação contra bolivianos em São Paulo, indicando que as relações multiculturais são marcadas por tensão e resistência (PRETURLAN, 2012; SILVA, 2012).

14.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B disseram não ter sofrido preconceito, porém a que vive no Chile sentiu dificuldades: “Percebo que as pessoas ficam animadas quando digo que sou brasileira, mas não há muita proximidade de fato, até pela rotina das pessoas” (B1).

Para outra, ser de outro país até ajuda: “O mexicano é um povo muito legal, e muito aberto para o Brasil. E ter amigos estrangeiros às vezes é um tipo de ‘capital social’ aqui” (B3).

14.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, sete não sentiram preconceito dos espanhóis por serem do Brasil, mas cinco sentiram, sendo que três explanaram sobre a questão. Uma atribuiu o preconceito ao fato de haver muito brasileiros ilegalmente na Espanha; outra participante acha que o preconceito é devido à fama de que os brasileiros, principalmente as mulheres, são muito frequentadores de festas, e outra relatou que existe um preconceito forte com brasileiros, nordestinos, latino-americanos e imigrantes. Como já mencionado no capítulo dois, segundo Padilla (2007), é real a dificuldade da mulher brasileira em fazer amizades em Portugal devido ao estereótipo da prostituição existente.

“Eu vejo o preconceito sempre presente pelo fato de nosso país ter um histórico de dificuldades socioeconômicas, o que contribuiu para que muitos brasileiros se instalassem ilegalmente na Espanha e outros países da Europa (é muito comum você conhecer alguém que te pergunta imediatamente em que você trabalha). De qualquer forma, percebo isso mudando em função de sermos hoje a sétima economia do mundo e as pessoas passarem a ver os brasileiros com outros olhos. Mas a sensação que me dá é que primeiro eles se certificam acerca de você, o que você faz, em que trabalha etc.” (C1).

“Sinto que existe um preconceito em relação aos brasileiros, principalmente as brasileiras, porque muitos pensam que vivemos de festa e têm uma visão deturpada e generalizada da nossa realidade” (C4).

“Aqui existe um preconceito forte com brasileiros, com nordestinos, com latino-americanos, com imigrantes. Mas eu acho que o fato de você vir numa condição de estudante universitário, de acadêmico, ou de investigador, isso faz com que os ambientes em que você ande, as pessoas com quem você interage, tudo, se existe o preconceito, é de uma forma mais velada. Não que não exista, mas não passa por situações tão constrangedoras, porque você está mais na categoria estrangeiro que na categoria imigrante, e tem uma grande diferença entre essas duas palavras” (C5).

De fato, segundo Herrero, Fuente e Garcia (2011), os latino-americanos na Espanha são vistos como um grupo em risco de exclusão social. Dentre os sete participantes que não perceberam preconceito, cinco participantes vêm até como fator positivo ser brasileiro na Espanha:

“... ao contrário, por ser brasileira percebo uma recepção por parte geral das pessoas, interesses pelo Brasil e simpatia” (C2).

“Nenhum, e nunca senti, ao contrário, as pessoas têm muita curiosidade sobre o Brasil e interesse, principalmente pela música, cultura, natureza e muitas vezes pelo idioma. Na verdade acho que até facilita, as pessoas sempre sorriem entusiasmadas e dizem: Nossa! Você é brasileira, que legal!” (C6).

Por fim, uma participante sentiu dificuldade em fazer amigos na Espanha, pois como foi para fazer pós-graduação, sentia que as pessoas de lá achavam que não valia à pena tecer uma amizade com ela já que estaria apenas de passagem.

14.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Para duas das cinco participantes do grupo D não há preconceito dos nativos por serem brasileiras: “Não mais. Como disse, penso que nos últimos anos Portugal mudou bastante devido à quantidade de brasileiros que para cá vieram” (D2). Essa informação, de imigração maior de brasileiros para Portugal, confirma dados citados na introdução (MALHEIROS, 2007).

Mas segundo três participantes, o preconceito ou dificuldades existem, principalmente vindos dos idosos e de homens com uma visão machista:

“A dificuldade em responder esta pergunta consiste no fato de saber que o preconceito existe, mas não pelo fato de ter sofrido diretamente ou ter notado explicitamente algum tipo de preconceito. Ademais, é importante relatar que o preconceito é mais acentuado entre

a população idosa, por isso acho que entre jovens pode não haver essa dificuldade ou preconceito” (D4).

“Não tive dificuldades em fazer amizades com os professores, mas sinto que, de um modo geral, com outras pessoas, há algo como um *‘lost in translation’*: parece que estamos em sintonias diferentes, que temos interesses completamente opostos. Mas confesso que sempre tenho receio de que homens possam tentar aproximar-se para ‘tirar proveito das brasileiras fáceis’ ” (D5).

No estudo de Silva e Schiltz (2007), pelo lado positivo há o comportamento não discriminatório de vizinhos e polícia/tribunais, mas pelo lado negativo há os locais de trabalho/escola e os espaços públicos como locais de compras/transportes públicos/rua, onde os comportamentos discriminatórios ocorrem algumas ou muitas vezes com os brasileiros em Portugal. Segundo as autoras, esse sentimento de aceitação por parte da sociedade portuguesa face aos imigrantes brasileiros e as proximidades existentes entre portugueses e brasileiros ao nível de valores, usos e costumes, facilitam e expressam-se nas relações de amizade e vizinhança.

14.5 Análise Integrada dos Dados

A maioria dos participantes dos grupos A, B e C não percebe preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de ser alguém de outro país no Brasil, em outro país da América Latina e na Espanha (respectivamente 10, três e sete participantes); já no grupo D três participantes percebem (e duas não) preconceito ou dificuldade de serem imigrantes em Portugal.

No grupo A, os participantes que sentiram preconceito ou dificuldades alegaram que sentiram xenofobia por parte dos brasileiros, pois há uma percepção

errônea de que os imigrantes objetivam se apropriar de papéis e ocupações que seriam exclusivamente dos nativos; ouviram piadas sobre o narcotráfico e as guerrilhas colombianas; sentiram preconceito com sotaque, cor da pele e traço do rosto; que principalmente as mulheres brasileiras preferem fazer contato com pessoas brancas e europeias; e que principalmente os paulistas têm preconceito de raça e gênero (sendo este último o destaque). Infelizmente, as relações entre grupos culturalmente diferentes têm feito crescer a discriminação e o preconceito no contexto intra-regional da migração Latino-Americana (GARCIA, 2016). Esse tipo de discriminação, o de nacionalidade, mostra-se particularmente desafiador, na medida em que envolve diversos aspectos culturais, como rejeição a outros grupos (incluindo a imigrantes), etnocentrismo, autoritarismo e dominância social (BERRY, 2001; SINIVER, 2010).

As participantes do grupo B alegaram apenas a falta de proximidade dos nativos como uma dificuldade. Os participantes do grupo C que perceberam preconceito dos espanhóis o atribuem ao fato de haver muitos brasileiros ilegalmente na Espanha; à fama de que os brasileiros, principalmente as mulheres, frequentam muitas festas; e mencionam um preconceito não apenas contra imigrantes, mas também com latino-americanos, brasileiros e nordestinos. Nesse ponto a participante faz até uma distinção entre ser imigrante e ser estrangeiro na Espanha, dando a entender que na condição de estrangeiro você está no país de passagem e na condição de imigrante você está no país definitivamente, podendo gerar sentimento de disputa. Enfim, o grupo D mencionou que o principal preconceito vem da população idosa e de homens machistas.

Berry et al. (2002) consideram que o preconceito usualmente é formado por três componentes: cognitivo (estereótipos, crenças compartilhadas sobre as características dos grupos), afetivo (atitudes, avaliação dos grupos) e comportamental (discriminação, ações tomadas em relação aos grupos). Todavia, vários estudos, como Aberson, Shoemaker e Tomolillo (2004), Berry et al. (2002), Fong e Isajiw (2000) e Jacobson e Johnson (2006), apontam que uma forma de diminuir o preconceito é o estabelecimento de contato entre pessoas de diferentes etnias.

Uma observação interessante é a informação (trazida por uma participante do grupo C) de dificuldade em fazer amigos na Espanha por sua estadia ser transitória, tendo em vista que foi para fazer pós-graduação e isso possui um tempo finito. Essa dificuldade foi apontada por outra participante do grupo C no capítulo 11. Talvez a amizade precise de um planejamento em longo prazo para se estabelecer, como sugere a literatura (CARVALHO, 1998; GARCIA, 2005b; GARCIA; RANGEL, 2011; HINDE, 1997; SOUZA; HUTZ, 2008). Todavia, segundo outra participante, o preconceito parece ser menor com estudantes universitários.

As dificuldades para fazer amigos apresentadas, quais sejam a falta de proximidade dos nativos (grupo B) e dificuldade em fazer amigos na Espanha por sua estadia ser transitória (grupo C), divergem da literatura. Estudos (GARCIA, 2012a; 2012b; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; DETTOGNI et al., 2010; GARCIA; GOES, 2010; GARCIA; RANGEL, 2011) apontam como principais dificuldades nas amizades de pessoas de diferentes nacionalidades as características pessoais ou de personalidade, as dificuldades de comunicação e as diferenças culturais, incluindo a diferença de idioma.

Enfim, para uma participante do grupo B e cinco participantes do grupo C é um fator positivo ser imigrante no país atual (no caso México e Espanha), pois os nativos são receptivos, interessados, simpáticos e curiosos com o imigrante. No México, é inclusive um tipo de “capital social” ter amigos brasileiros (B3), ou seja, o mexicano é valorizado por ter amigos brasileiros.

15. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS AMIZADES

15.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Três participantes do grupo A não apresentaram semelhanças e diferenças entre suas amizades com pessoas de seu país de origem, com pessoas do novo país e com outros latino-americanos. Entretanto, uma delas colocou um aspecto interessante sobre imigrantes:

“Parece que pessoas que visitaram ou moraram em outros países estão mais dispostas a aceitar novas ideias ou diferentes culturas. Essa conduta eu percebi em todo lugar que eu morei. Pessoas que nunca saíram de seu país são menos perceptivas nesse sentido” (A20).

Os outros 17 participantes colocaram semelhanças e diferenças em igual proporção. Sem especificar a nacionalidade dos amigos, as semelhanças apontadas foram: as atividades de estudo; amigos são alegres, batalhadores e nobres; animados, alegres e gostam de fazer amizades; são preconceituosos, acolhedores, receptivos, sinceros e impontuais; simpáticos; possuem cultura coletivista e tentam ser agradáveis e amistosos com todos; tem bom relacionamento com todos os amigos, dão risada, divertem-se; possuem a mesma linguagem; e todas as amigas possuem formação superior e são extrovertidas.

Com os brasileiros, as semelhanças apontadas foram temas de conversas (“mais triviais e relaxados”, como apontou a participante A10); gosto por festas e comemorações. Com pessoas do país de origem, uma colombiana relatou que há semelhanças quanto aos temas das conversas, ao gosto pela música e pela dança. Em relação aos amigos latino-americanos, as semelhanças foram: a alimentação (apontada por dois participantes); orgulho de sua identidade, da língua e das danças; e a própria língua. Ainda, entre os estrangeiros, um colombiano apontou semelhanças por estarem longe da família, o gosto pela dança e idioma.

As diferenças apontadas foram principalmente com relação aos amigos brasileiros ou à cultura brasileira: amigos brasileiros são mais caseiros; às vezes são mais complexos e sistemáticos; amizades no Brasil são muito espontâneas; amigas possuem idades e profissões diferentes; o idioma; o sotaque; a comida e a cultura. Ainda, foram apontadas diferenças especificando o país de comparação, como: colombiano nunca compartilhou algumas coisas com amigos brasileiros; colombianos são mais receptivos com turistas; nas “baladas” os amigos brasileiros não dançam nem se sentam para conversar como os colombianos (A10); o respeito às pessoas e às leis na Argentina é maior; não almoçam sopa como na Bolívia; como não conhece os amigos brasileiros com tanta profundidade, possui apenas atividades de lazer com os mesmos (não são um conforto emocional como são os amigos peruanos); chilenos são mais simples e educados e menos interesseiros; cubanos gostam de fazer piadas do país de origem e dançar mais; evitam demasiadamente o conflito, o que na cultura mexicana faz parte da amizade; são menos conservadores, dão mais abertura às religiões e homossexualidade que no México; e, numa visão mais holística, para uma colombiana: “... talvez os peruanos

sejam mais conservadores que os brasileiros e colombianos, venezuelanos e mexicanos ficam no meio termo” (A14).

15.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Apenas uma participante do grupo B relatou uma semelhança entre suas amizades com pessoas de seu país de origem, com pessoas do novo país e com outros latino-americanos: querer estar em contato com frequência. Já as diferenças foram apontadas pelas três: o brasileiro tem um perfil mais agregador, enquanto o chileno é mais distante; o tempo de amizade; e a intimidade:

“A diferença é quanto à profundidade dos temas tratados nas conversas; a intimidade é maior entre os brasileiros. Os mexicanos, nesse sentido, se parecem mais com os povos do hemisfério norte, na questão de pouca transparência quanto aos sentimentos” (B3).

15.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Seis dos 12 participantes do grupo C apontaram semelhanças entre suas amizades com pessoas de seu país de origem, com pessoas do novo país e com outros latino-americanos. Em se tratando dos três tipos de amigos, há semelhanças no nível de intimidade para uma participante. As outras semelhanças foram: humor espanhol e brasileiro são parecidos; com os amigos brasileiros e latino-americanos a amizade é mais afetiva, mais próxima, íntima, mas também tem mais conflitos; e com brasileiros e latino-americanos a conversa é mais fluida.

Já apontando diferenças, os amigos brasileiros são a família na Espanha; com latino-americanos há maior facilidade de interagir, por sentirem-se todos

imigrantes e se ajudarem muito; e os latino-americanos são mais dóceis e estão mais acostumados com contato físico.

Com relação a outras diferenças nas amizades com brasileiros, com espanhóis e com outros latino-americanos, 10 participantes se posicionaram: o tempo de amizade (apontado por dois participantes); a liberdade na amizade (ambos mencionados de maneira geral); com os espanhóis a amizade não é tão íntima; espanhóis não gostam muito de contato e são mais fechados; com os espanhóis é preciso ser mais cauteloso no princípio para conversar; precisa se explicar sempre aos espanhóis para se fazer entender; contrariamente, para um participante a amizade com os espanhóis é mais íntima, com os estrangeiros a conversa é mais superficial; no Brasil mente-se para agradar e não se sabe dizer “não”, há um medo de rejeição e na Espanha as pessoas respeitam mais as decisões de cada um; espanhóis valorizam mais o tempo com os amigos e fazem mais atividades mesmo quando estão namorando; latino-americanos vão à Espanha em busca de dinheiro e os europeus vão pelo prazer; e mães dos amigos de escola das filhas são mais colaborativas:

“Por mais incrível e paradoxal que pareça, eu jamais tive o mesmo convívio com as mães da escola de minhas filhas quando estávamos no Brasil. Percebo nas mães daqui o desejo de se agrupar, de se apoiar uma às outras, seja em relação a uma informação importante da escola, organização de um evento, seja a emprestar coisas, compartilhar objetos, etc. Sempre que necessitamos algo, é suficiente que digamos no grupo que temos por *WhatsApp* e já nos movimentamos para solucionar o problema. No Brasil, eu não achava as mães tão solícitas, no geral, eram bastante competitivas ou se relacionavam entre si em função do *status* social (minhas filhas estudavam em escola privada). Creio que em função da nossa cultura (interior do Piauí), parece fraqueza ou ‘falta de dinheiro’ dizer que precisamos de um *kimono* emprestado pro filho fazer uma apresentação no colégio. Ao contrário do Brasil, aqui, acho as mães menos interessadas em ‘impressionar’ umas às outras e isso facilita muito para todas nós” (C1).

15.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Quatro das cinco participantes do grupo D mencionaram semelhanças entre as amizades com brasileiros e portugueses: companheirismo, humor e apoio; tipos de programas; e "... contato frequente, o convívio em datas especiais e a segurança em saber que são pessoas que em uma situação difícil ou de emergência você sabe que pode contar" (D4). Uma participante foi mais genérica: "... não há diferenças. Como disse, nessa altura da minha vida, eu sou eu mesma, quer gostem ou não" (D2).

Já as diferenças foram apontadas por três participantes: comida, modo de falar e brincar; os brasileiros se aproximam com mais rapidez e visitam mais uns aos outros em casa, em vez de marcar encontros em restaurantes ou outros lugares públicos; e, para a última participante "... com os novos amigos o tempo futuro aparece mais nas conversas, enquanto com os amigos do Brasil o tempo passado aparece muito mais através das lembranças da infância, da faculdade..." (D4). Nenhuma participante mencionou amizades latino-americanas.

15.5 Análise Integrada dos Dados

Nos quatro grupos de participantes, foram apontadas mais diferenças que semelhanças entre suas amizades com pessoas de seu país de origem, com pessoas do novo país e com outros latino-americanos. As semelhanças apontadas pelos quatro grupos basicamente se referem a características gerais da amizade, sem muita influência cultural, como o contato frequente (grupos B e D),

companheirismo, apoio e humor (apontados pelos grupos C e D), alegria e extroversão (apontadas pelo grupo A) e os tipos de programas feitos (grupo D).

Os participantes do grupo A citaram semelhanças deles próprios com relação aos três tipos de amigos (e não entre os três tipos de amizades): com os amigos brasileiros conversam sobre temas mais “relaxados” (A10), além de gostarem de festas e comemorações; com amigos do país de origem os temas das conversas são outros (sem especificações) e (colombianos) gostam mais de dança e música; e com amigos latino-americanos as semelhanças são a alimentação, o orgulho da identidade, da língua e das danças, a própria língua e o fato de estarem longe da família.

Em se tratando das diferenças entre as amizades, foi citada uma característica em comum pelos quatro grupos: a amizade é sempre mais íntima com pessoas de seu país de origem, ou no máximo com outros latino-americanos (no caso do grupo C). Isso pode indicar que a história de vida e o compartilhamento de fatores culturais interferem no grau de intimidade com os amigos, provavelmente por haver maior identificação entre pessoas culturalmente parecidas, como aponta a literatura (KAO; JOYNER, 2004; KAO; VAQUERA, 2006), e talvez uma preservação da alteridade ou até uma discriminação de outros grupos. Nesse mesmo sentido, participantes do grupo C apontaram que a conversa com amigos brasileiros e latino-americanos é mais fluida, possuem mais liberdade com amigos brasileiros e um participante peruano do grupo A relatou que amigos brasileiros não são um conforto emocional como os amigos compatriotas.

Os participantes latino-americanos que vivem no Brasil (grupo A) apontaram outras diferenças com relação aos amigos ou cultura brasileira: amizades no Brasil

são mais espontâneas, amigos brasileiros são mais caseiros, complexos, sistemáticos, menos receptivos com turistas (que colombianos), menos simples, educados e mais interesseiros (que chilenos), menos divertidos (que cubanos), evitam mais o conflito e são menos conservadores (que mexicanos). Na comparação de uma participante colombiana, os brasileiros e colombianos seriam os menos conservadores, os venezuelanos e mexicanos seriam medianos e os peruanos os mais conservadores. Além disso, foram apontadas diferenças com relação ao idioma, ao sotaque, à cultura (brasileiros não dançam e não se sentam para conversar nas “baladas” como colombianos (A10); não respeitam tanto as leis como argentinos) e à comida (não almoçam sopa como bolivianos).

O grupo B apontou como diferença nas amizades que o brasileiro é mais agregador que o chileno (mais distante). Essa distância, ou característica de ser mais fechado também foi apontada pelos participantes dos grupos C e D: sugere-se que, além dos chilenos, os portugueses e os espanhóis também sejam mais fechados em suas amizades, característica cultural provavelmente. Para o grupo C, até mesmo nas amizades com outros latino-americanos a interação é mais fácil, pois são mais dóceis e mais acostumados com contato físico. Segundo o grupo, além de os espanhóis não gostarem muito de contato físico, as conversas exigem mais cautela e explicações que com amigos brasileiros. Outra característica que vai de encontro a essa maior seriedade dos amigos espanhóis, apontada também pelo grupo C, é que são mais assertivos, dizendo “não” quando necessário e respeitando as decisões de cada um. Novamente, o brasileiro parece ter mais dificuldade de ser assertivo que o espanhol.

A diferença na comida, no modo de falar e de brincar também apareceu no grupo D (entre amigos brasileiros e portugueses). Como diferenças mais isoladas nas amizades, apareceram o tempo de amizade (nos grupos B e C), o fato de que os espanhóis valorizam mais o tempo com os amigos e fazem mais atividades mesmo namorando (grupo C), diferentemente dos brasileiros. O grupo C também apontou que o objetivo de ida à Espanha é diferente para latino-americanos e europeus: enquanto os primeiros vão em busca de dinheiro, os últimos vão em busca de prazer, visão que parece ser preconceituosa; e, contrariamente ao que foi exposto na questão da intimidade, uma participante do grupo C relatou que as mães da escola das filhas na Espanha são mais colaborativas e menos competitivas que no Brasil.

Ainda, participantes do grupo D mencionaram que o passado aparece mais nas conversas com amigos brasileiros e o tempo futuro aparece mais nas conversas com amigos de Portugal, hipoteticamente por haver mais assuntos e lembranças em comum sobre o passado com os amigos brasileiros, em que viveram juntos, e por haver mais expectativa futura com os amigos portugueses, local onde se pretende ficar.

Com relação às semelhanças nas amizades com pessoas do país de origem e pessoas do país de destino, participantes portugueses e espanhóis do estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira (2016) mencionaram receptividade e prontidão para ajudar. As diferenças se referiram aos níveis de confiança e abertura para fazer amigos, esse último aspecto se assemelhando ao dado do presente estudo de que a amizade é sempre mais íntima com pessoas de seu país de origem.

16. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA CONCEPÇÃO DE AMIZADE

16.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, seis apontaram semelhanças na concepção de amizade entre pessoas de seu país de origem e pessoas do novo país (Brasil): compartilham experiências (apontado por dois participantes), atividades, tempo, hábitos, sentimentos e servem de suporte ou rede; são sinceros; têm muito conteúdo pessoal, divertem-se muito; são apaixonados pela amizade, gostam de festas com amigos, de bate-papos, contam piadas, e são muito empolgados para qualquer evento, porém são machistas; apreciam um ombro amigo, alguém para sair, passear e “conversar fiado” (A19).

Com relação às diferenças, 12 participantes se posicionaram: para uma participante boliviana, o brasileiro é mais aberto e menos apegado à família. Para uma mexicana, a diferença é que no México são mais tradicionalistas e homofóbicos, mas os mexicanos cumprem quando convidam para se encontrar, já os brasileiros fazem os trabalhos bem devagar e não cumprem o convite para se encontrar, “só fingem ser amigáveis” (A11). Ainda, os brasileiros são mais formais e menos propensos a contar questões de foro íntimo que os panamenhos.

O peruano é mais reservado, mas logo fica muito amigo também. Para outro participante peruano, as diferenças são algumas atividades novas dos amigos no Brasil, mas não especificou quais.

Para uma participante argentina, a diferença está na rapidez de criação do vínculo: os argentinos são mais rápidos, os brasileiros parecem ser mais

cautelosos. Em sentido contrário, para um argentino, na Argentina as amizades costumam ser poucas e profundas e no Brasil são mais numerosas e superficiais. Dentro da mesma linha de raciocínio, para outra participante argentina, no Brasil as pessoas chamam de amizade praticamente qualquer relacionamento e acham que têm muitos amigos. Na Argentina, se diferencia conhecer ou socializar-se (isso pode envolver muitas pessoas) de ter amigos (que normalmente são só alguns poucos).

Comparando os amigos brasileiros com colombianos, os brasileiros, especialmente os cariocas, são um pouco mais distantes e às vezes têm certa tendência a se complicar; outra diferença apontada entre brasileiros e colombianos são os tipos de festas e reuniões, a falta de gosto pela dança e os assuntos diferentes; e a amizade para o brasileiro perdura por mais tempo, já para o colombiano muitas vezes a amizade é temporária dependendo do local onde tenha se estabelecido.

Por fim, para outra participante colombiana, os brasileiros são mais possessivos com relação aos amigos e sempre esperam que devolvam o favor feito:

“Uma diferença é que as pessoas do novo país são mais possessivas quanto à amizade, se você faz alguma coisa sem elas, ficam zangadas com você. E quando fazem algo legal por você, tipo um favor, elas esperam que você faça algo legal por elas, ou seja, que devolva o favor. As pessoas de meu país não pedem nada em troca de sua amizade, e você pode ter grupos de amigos para fazer diferentes atividades, por exemplo... amigos para balada... amigos para fazer esporte... amigos para cozinhar... e não sempre são os mesmos” (A10).

Para outros cinco participantes do grupo A, não há diferenças na concepção de amizade dependendo do país de origem:

“Pois a amizade é igual em tudo lugar do mundo, só basta ser simpático e atencioso com outra pessoa para ganhar uma amizade” (A12).

“Eu não tenho percebido nenhuma diferença na forma de concepção de amizade entre as pessoas em meu país e as de outros países. Parece que o sentimento de amizade é mais uma correspondência biunívoca das pessoas que persistem nisso” (A20).

16.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Do grupo B, a participante que vive no Chile não soube apontar semelhanças nem diferenças na forma como as pessoas do Brasil e as pessoas do novo país concebem a amizade. Já as duas participantes brasileiras que vivem no México relataram semelhanças nas concepções dos dois povos: são abertos e receptivos; e gostam de conversar. Entretanto, apenas uma delas apontou diferenças na concepção de amizade, em que os brasileiros possuem uma amizade mais profunda, mais íntima que os mexicanos:

“Eu acho que os brasileiros são mais ‘intrometidos’. Explico: a gente pergunta (e fala) mais sobre família, sobre coisas pessoais, sobre coisas incômodas. E ficamos no pé pra saber se está tudo bem. Os mexicanos, por mais amigos que sejam, são menos transparentes, mais superficiais; eles têm uma necessidade cultural de ser legais o tempo todo, mesmo que não gostem muito de você. Então são uns fofos quando estão com você, mas nunca fica muito claro se eles gostam mesmo de você, sabe? Já os brasileiros temos quase uma necessidade de falar as coisas na cara. E de reclamar. Então eu acho que a semelhança é essa coisa de gostar de conversar, mas a diferença é na profundidade das conversas” (B3).

16.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dois dos 12 participantes do grupo C relataram semelhanças nas concepções de amizade entre brasileiros e espanhóis: o aspecto de que uma

amizade verdadeira ajuda em qualquer circunstância e a sinceridade. Já nove participantes apontaram diferenças nessa concepção. Para seis participantes, os brasileiros são mais abertos que os espanhóis, em que estes demoram mais para fazer amizades, mas quando estabelecidas são fortes.

“Acho os brasileiros mais acolhedores e próximos, ao passo que percebo que os europeus ‘vão com calma’ na hora de se relacionar com as pessoas e fazer amizades” (C1).

“A principal diferença é que os espanhóis demoram mais em se abrir e consolidar a amizade, mas uma vez que está feita são leais. Os brasileiros são mais abertos e se tornam amigos muito mais rápido, mas muitas vezes são amizades superficiais com cara de amizade profunda. Isso não acontece com um espanhol; se ele não é seu amigo ele não faz nenhuma questão de ser simpático ou relacionar-se. Existem exceções, mas geralmente os espanhóis somente se abrem em um primeiro contato quando são apresentados por algum amigo em comum. Os latinos são como os brasileiros em termos de amizades, se abrem facilmente, mas nem sempre se consolidam em amizades” (C3).

“ (Os espanhóis) são pessoas que demoram mais a se abrir, mas que quando se abrem são amizades que duram bastante” (C5). Ainda, para a mesma participante, o brasileiro, principalmente o nordestino, possui a cultura do coletivismo, da comunidade. Na Espanha existe uma cultura mais individualista, em que são valorizadas a autonomia, a independência e às vezes vivem de uma forma mais solitária também.

“As pessoas do novo país são mais fechadas e demoram mais para sentirem-se verdadeiramente à vontade contigo. Uma vez que se sentem assim, tornam-se parte da família praticamente” (C7).

“No Brasil se faz amigos muito rápido e as pessoas não ligam muito para formalidades e também se esquecem de manter contato. Aqui é diferente, se demora mais para fazer amigos e as pessoas ficam tristes se você não mantém o contato. Aqui se você fala: Já te ligo então e a gente combina. As pessoas vão estar esperando a sua ligação e vão

ficar tristes se você não ligar. No Brasil já é mais normal que não te ligue e tudo bem. Você liga, ou depois encontra...” (C8).

Esse comportamento de dizer que se encontrarão e não cumprir também foi apontado por uma mexicana do grupo A.

“No Brasil, todo mundo é ‘amigo’, inclusive os conhecidos, colegas de trabalho, gente que não vemos há anos. Aqui, custa fazer um amigo, mas quando você assume esse *status*, eles são de uma abertura e de uma generosidade que adoramos e até nos desconcerta” (C10).

Ainda, foram apontadas diferenças com relação a outros aspectos:

“... as pessoas valorizam e cultivam as amizades. E não necessariamente juntos como casal, mas as meninas com as amigas e os meninos com os amigos” (C6).

De acordo com um participante, como os espanhóis possuem uma condição econômica mais privilegiada, a amizade costuma ser um pouco mais superficial; no Brasil os amigos se ajudam mais. Segundo um último participante, a principal diferença está nos interesses nos momentos em que os amigos estão juntos, mas não especificou esses interesses. Duas participantes não foram capazes de responder à questão.

16.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, três apontaram semelhanças e quatro diferenças entre a concepção de amizade de brasileiros e portugueses. As semelhanças são: percepção de que a amizade persiste mesmo à distância: “Como se fala muito em tempo futuro, a sensação que se tem é que a amizade permanecerá no tempo” (D4); percepção da amizade como “algo que provê

distração e um ouvido para trocar confidências” (D5); e “quando se é amigo, se é de verdade!” (D2).

Com relação às diferenças nas concepções de amizade, para uma participante “... os portugueses não esperam que seus amigos mais próximos pertençam ao ambiente de trabalho – isso pode acontecer, mas eles não têm esta expectativa desde o primeiro momento” (D5).

Com relação ao grau de intimidade nas amizades, segundo uma participante, na amizade com brasileiros existe o toque físico (abraços, beijos) e com os portugueses não. Para outra, os portugueses demoram imenso tempo para confiar e não se visitam uns aos outros. Já para outra,

“O brasileiro é muito mais aberto para fazer novas amizades. Mal conhece a pessoa e já convida para frequentar a casa, convida para jantar, enfim... Às vezes esse convite nem é verdadeiro... Fala-se, da boca pra fora, ‘você precisa ir lá em casa’, mas, na realidade, o convite de fato, com data e hora marcada, nunca vem. O português, e pessoas de outras nacionalidades europeias, já não são assim. Precisam conhecer bem a pessoa para abrirem a porta das suas casas e quando convidam é mesmo a sério!” (D2).

Esse comportamento do brasileiro de convidar e não cumprir o convite também foi mencionado por uma mexicana do grupo A e um brasileiro do grupo C. Por fim, uma participante não percebeu diferenças e também não relatou semelhanças nas concepções de amizades para brasileiros e portugueses.

“No que se refere ao caso concreto dos Brasileiros e Portugueses, as diferenças entre estes dois grupos podem ser consideradas intrínsecas à própria cultura de cada povo, ao estilo de vida, como por exemplo, a espontaneidade, a alegria e a expressividade dos Brasileiros por um lado e a seriedade, melancolia e introspecção dos Portugueses por outro. Não obstante, podemos arriscar-nos a dizer que, na maioria das situações, o que ocorre é uma adaptação da personalidade, das atitudes e comportamentos dos indivíduos, sejam eles Portugueses ou Brasileiros, às expectativas e aos estereótipos criados à sua volta” (SILVA; SCHILTZ, 2007, p. 169).

16.5 Análise Integrada dos Dados

Sobre as principais semelhanças e diferenças na forma como as pessoas de seu país de origem e as pessoas do novo país concebem a amizade, os participantes dos grupos A, C e D apontaram mais diferenças que semelhanças. Algumas semelhanças na concepção das amizades foram mencionadas por mais de um grupo: gostar de conversar (grupos A, B e D); sinceridade (A e C); e diversão (A e D). Outras semelhanças apontadas individualmente pelos grupos foram: amigos são pessoas que compartilham experiências, atividades, tempo, hábitos, sentimentos e servem de suporte ou apoio, têm muito conteúdo pessoal, são muito apaixonados pela amizade e gostam de festas (grupo A); são pessoas abertas e receptivas (grupo B); amizades verdadeiras (grupo C); que persistem mesmo à distância (grupo D).

Com relação às diferenças na concepção de amizade, os grupos A, C e D disseram que os brasileiros são mais abertos respectivamente que latino-americanos, espanhóis e portugueses, porém, para o grupo A, são menos apegados à família. Outro aspecto cultural interessante mencionado pelos grupos A, C e D é de que os brasileiros fazem convites ou promessas de encontros e ligações, mas não necessariamente cumprem-nos, ao contrário dos mexicanos, espanhóis e portugueses.

Para uma participante do grupo A, a amizade é mais duradoura com brasileiros que com colombianos; no mesmo sentido, para uma do grupo B, brasileiros possuem amizades mais profundas e íntimas que mexicanos. Entretanto, para um colombiano (do grupo A), os brasileiros (principalmente os

cariocas) são mais distantes, e para uma panamenha (do grupo A) eles são mais formais e menos íntimos que as pessoas de seu país. Ainda, para o mesmo grupo, o peruano é mais reservado; apesar de um depoimento de uma participante argentina ser contrário, para outros dois argentinos em seu país as pessoas possuem amizades em menor número e mais profundas. Mexicanos são mais tradicionalistas e homofóbicos, porém trabalham mais rapidamente que brasileiros; e, por fim, estes últimos são mais possessivos com amigos, sempre esperam a devolução de um favor, não apreciam tanto a dança, têm outro tipo de festa e de assunto, diferentes dos colombianos. Concluindo, grosso modo, com relação à proximidade das amizades de latino-americanos: brasileiros são mais íntimos que mexicanos e menos íntimos que panamenhos; peruanos são mais reservados; e argentinos possuem amizades mais profundas que brasileiros.

Uma participante do grupo B sugeriu que os brasileiros são mais assertivos que os mexicanos, no sentido de dizerem “as coisas na cara” (B3). Esse dado contradiz a falta de assertividade dos brasileiros apontada em capítulos anteriores (dois e 15), bem como o dado do capítulo 11 que apontou que os brasileiros não se confrontam quando necessário como os mexicanos.

Ainda sobre as diferenças de concepção das amizades, o grupo C apontou que apesar de os espanhóis serem mais fechados que os brasileiros, eles estabelecem vínculos fortes de amizade; e os casais valorizam mais as amizades que os brasileiros quando possuem parceiros. Entretanto, os espanhóis são mais individualistas e possuem amizades mais superficiais devido à condição econômica mais privilegiada. Para o grupo D, os portugueses também têm menos contato físico em suas amizades em comparação aos brasileiros, demoram mais para

confiar e não se visitam como os brasileiros. Todavia, os amigos em Portugal não precisam necessariamente ser do ambiente de trabalho.

Corroborando os dados dessa pesquisa, no estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira (2016), portugueses e espanhóis que residem no Brasil perceberam diferenças na concepção de amizade entre compatriotas e brasileiros: no Brasil a amizade é algo mais fácil de desenvolver, porém mais superficial.

Apesar de o grupo D ter apontado mais diferenças que semelhanças na concepção de amizade entre brasileiros e portugueses e, segundo Machado (2006), existirem sim diferenças e estereótipos entre as comunidades de imigrantes, portugueses e brasileiros mantêm relações muito próximas, fazendo um claro uso das ligações históricas, culturais e linguísticas para partilhar experiências, interagir e construir imagens recíprocas. As representações sociais e os estereótipos destas duas comunidades, uma em relação à outra, não têm sido um impedimento para a sua interação. Pelo contrário, para Machado (2006), as semelhanças têm sido um fator de aproximação, conduzindo a vários processos onde naturalmente se procede à desconstrução de determinadas imagens e estereótipos. Devido a este fator é também clara a situação privilegiada dos brasileiros em relação a outras comunidades de imigrantes como os africanos, por exemplo, ou a minorias étnicas como os ciganos, populações que se encontram claramente sujeitas a processos de maior discriminação e xenofobia na sociedade portuguesa (MACHADO, 2006; SILVA; SCHILTZ, 2007).

17. SIGNIFICADO DAS AMIZADES PARA A PERCEPÇÃO DO NOVO PAÍS

17.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, dois não responderam à pergunta 17, sobre o significado das amizades para a percepção do país onde mora atualmente. Os outros caracterizaram a amizade sem mencionar seu significado para a percepção sobre o Brasil.

Três participantes disseram que as amizades são importantes, dois que são a família deles no Brasil, para dois participantes amigo é com quem se pode passar o tempo, dois disseram que as amizades são superficiais e dois relataram que as amizades têm pouco ou nenhum significado. As outras definições foram apontadas por um participante cada: solidariedade, companhia, apoio e suporte; relacionamento que as pessoas têm de afeto e carinho por outra, que envolve sentimento de lealdade e proteção; simpatia recíproca; pessoas que te acompanham e te ajudam nas emergências; pessoa com quem se pode compartilhar atividades de descontração; e para um participante as amizades no Brasil são interesseiras. Ainda duas participantes relataram que sua percepção não mudou.

17.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Das três participantes do grupo B, uma não respondeu à questão sobre o significado das amizades para a percepção do país onde mora atualmente e as outras duas disseram que são importantes. Porém, uma foi mais elucidativa:

“Acho bastante importante para a percepção de onde alguém se encontra. Acho que quando uma pessoa não tem amigos, olha tudo de fora, de uma forma positivista, crítica. Os amigos são parte fundamental da imersão em um novo país” (B3).

17.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Quatro dos 12 participantes do grupo C não responderam à questão sobre o significado das amizades para a percepção da Espanha e para uma participante a percepção não mudou. Para dois participantes, as amizades fizeram com que conhecessem mais a cultura espanhola. Para outros: foram as responsáveis pelo participante amar Barcelona; o olhar dos nativos foi fundamental para a percepção de determinadas características; e as amizades foram fundamentais para sobreviver na Espanha:

“É fundamental contar com essa rede para sobrevivermos aqui. Estivemos pensando em nos mudar de cidade recentemente, mas desistimos porque não queríamos passar pela experiência de ter que reconstruir a rede mais uma vez” (C10).

Ainda uma participante disse valorizar muito as amizades e a percepção de outra mudou, pois achou os espanhóis mais fechados e formais:

“Depois de fazer diferentes amizades aqui, vi que muda muito a maneira de nos relacionarmos entre brasileiros, entre latino-americanos e com Europeus. Os catalães, de uma maneira geral priorizam a independência emocional e a autonomia. Eles também possuem

concepções diferentes de apoio social e contam, sobretudo com a família nuclear” (C5).

17.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, uma não respondeu à questão sobre o significado das amizades para a percepção do país onde mora atualmente e uma não entendeu a pergunta. Uma participante apenas mencionou que as amizades são importantes, mas sem detalhamento; uma relatou que as amizades facilitam a sua adaptação em Portugal, ensinando-a sobre a nova cultura e acolhendo-a. No mesmo sentido, para a outra as amizades portuguesas mudaram a sensação de integração à cultura do país de acolhimento:

“Ter mudado as percepções do país, eu acho que não. Continuo tendo as mesmas percepções inclusive das pessoas, como já referi antes. Mas é verdade que mudou completamente a sensação de integração na cultura do país de acolhimento. Com as amizades portuguesas estou muito mais imersa na cultura deles, na forma de estar, na culinária, na forma de se comportar, na forma de falar e sinto que o que mudou mesmo foi, a partir das novas amizades portuguesas, ter conhecido mais profundamente a cultura desse povo” (D4).

17.5 Análise Integrada dos Dados

A pergunta 17 do questionário, que tratava do significado das amizades para a percepção do país onde mora atualmente, talvez não tenha sido tão bem elaborada, principalmente para os participantes do grupo A, cujo idioma de origem é o espanhol. Dois participantes não responderam e os 18 que responderam à questão caracterizaram as amizades, sem mencionar sobre seu significado para a percepção do Brasil. Disseram que são importantes, são a família deles no Brasil,

com quem se pode passar o tempo, superficiais, que as amizades têm pouco ou nenhum significado, dentre outras características pontuais. Corroborando essa hipótese, outros participantes dos outros três grupos também não responderam à questão (uma participante do grupo B, quatro do grupo C e duas do D).

Para duas participantes do grupo B, as amizades foram importantes para adentrarem na cultura do país atual. Essa questão de maior adaptação e integração à nova cultura também foi trazida por participantes dos grupos C e D, significando que os amigos possuem importante papel nesse processo de apropriação e imersão na nova cultura. Ainda, segundo o grupo C, os amigos foram os responsáveis por um participante amar Barcelona, bem como por um participante e sua esposa permanecerem na cidade, já que se fossem para outra teriam que reconstruir a rede de apoio mais uma vez. Para uma participante do grupo C, depois que teceu amizades com os espanhóis passou a achá-los mais fechados e formais. Por fim, tanto participantes do grupo C quanto do D alegaram que os amigos do país atual são importantes.

Também no estudo de Garcia (2012a) os amigos foram reconhecidos como exercendo um papel relevante na visão do novo país. No estudo de Garcia, Dettogni et al. (2010), sete dos 20 entrevistados não perceberam mudanças na imagem que tinham do país após a amizade; para os outros, a imagem melhorou.

18. SIGNIFICADO DAS AMIZADES PARA ALGUÉM QUE PASSOU A VIVER EM OUTRO PAÍS

18.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Para quatro dos 20 participantes do grupo A, os amigos significam a família no novo país; para três, são fundamentais no processo adaptativo e para dois são muito importantes.

“São um apoio bem fundamental no processo adaptativo, na verdade é preciso ter amizades que possam ter empatia, paciência, lealdade e carinho, além disso, o saber escutar quando você tem dificuldades ou se sente desanimado” (A11).

Outros relatos são de que as amizades são um meio de apoio constante; algo profundo, de confiança, sinceridade, de poder contar com as mesmas nos momentos bons e ruins, de saber ouvir e chamar a atenção (segundo uma boliviana); esse aspecto de chamar a atenção também foi colocado por uma colombiana, juntamente com a responsabilidade muito grande que é uma amizade, de acompanhar, apoiar, educar, aprender e dar suporte:

“O significado ou o conceito de amizade continua sendo o mesmo desde muito tempo atrás. Acredito que a amizade é uma responsabilidade muito grande. É acompanhar, apoiar e quando devido chamar a atenção, é educar e aprender, é percorrer o caminho junto como suporte e como carga, é viver, mas o mais importante é fazê-lo de forma que seja prazeroso” (A7).

Ainda, para outros participantes, as amizades significam poder compartilhar os momentos e eventos de sua vida; é ter alguém que possa escutá-lo quando preciso, “dar uma força” quando necessário (A12), com quem se possa divertir-se desinteressadamente; é companhia e solidariedade; e para um colombiano:

“No caso das colombianas, significam ratificação da identidade familiar, regional e nacional. Também, conexão com minhas raízes. No caso das brasileiras, companhia e solidariedade” (A1).

Para um participante argentino, o significado das amizades é muito grande, porém não tem sido fácil fazê-las no Brasil. Uma participante peruana alega não ter amigos no Brasil; para uma argentina as amizades no Brasil não possuem significado nenhum; uma cubana não entendeu a pergunta e para outra peruana:

“Quando se mora em outro país é difícil manter uma forte relação de amizade, definitivamente a distância não só corta os vínculos familiares como os de amizade. No entanto, se o relacionamento continua por algum meio, tipo as redes sociais, até que se consegue de alguma forma manter esse relacionamento. Mas não é a mesma coisa de quando se está junto do amigo” (A20).

18.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

As três participantes do grupo B mencionaram, de maneira positiva, o significado das amizades na sua vida como alguém que passou a viver em outro país: para a que vive no Chile, os amigos são capazes de entender e acolher quando necessário; para uma que vive no México são fundamentais e para a outra que vive no México, são essenciais para a estadia no novo país:

“Mesmo que eu tenha um marido nativo do meu novo país, e uma atividade diária, se não tivesse amigos acho que não aguentaria ficar por mais de um ano ou dois” (B3).

18.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, cinco mencionaram que as amizades são fundamentais por vários motivos: para a questão do pertencimento ao país, para dar apoio emocional e amparo, para “aguentar o tranco de imigrar” (C10), e para não se sentirem sozinhos (aspecto apontado por três participantes):

“Amizades são fundamentais para você não se sentir sozinho, já que não tem sua família por perto nem seu núcleo de conhecidos, igual teria se estivesse no seu país. A amizade aqui é o motor para a saudade do Brasil ser suportável” (C2).

No mesmo sentido, para outro participante, os amigos são os sustentáculos para suprir um pouco a saudade da família e dos amigos que estão no Brasil. Para duas participantes as amizades significam a família delas na Espanha. Uma participante entendeu que os verdadeiros amigos são poucos e não existe a necessidade de serem muitos quando se têm bons e fiéis amigos; e ainda, para outro participante, os amigos foram os responsáveis por ele gostar de viver na Espanha:

“As amizades na minha vida são o que fizeram com que eu gostasse de morar aqui. Se eu não tivesse amizades eu não poderia viver em nenhum país. Geralmente se alguma pessoa não gosta de onde mora é porque não conseguiu fazer amizades” (C8).

Ainda, para dois participantes, as amizades possuem um significado importante, mas, segundo uma participante, “... também aprendi ainda mais como é importante aprender a viver sozinho, principalmente no sentido prático, de tomar decisões, morar sozinho, cuidar de si mesmo em geral” (C6).

18.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Para uma participante do grupo D, de brasileiros em Portugal, o significado das amizades na sua vida como alguém que passou a viver em outro país é nulo. Porém, para as outras o significado é positivo: para duas as amizades são importantes; para uma é fundamental:

“Principalmente quando se está longe da família! Por isso sempre procurei ser bastante aberta a fazer novas amizades, independentemente da nacionalidade, mas nunca mudei o meu jeito de ser. Ou seja, quem gosta de mim e quiser ser meu amigo, terá de me aceitar do jeito que eu sou. É lógico que, entendendo a cultura do outro passamos a agir de uma maneira diferente, mas não que tenhamos que fazer muito esforço para tal... Como todo mundo age assim, passamos a agir também de forma natural” (D2).

Ainda, para a quinta participante:

“Hoje tenho mais clareza do quanto amo os meus amigos e do quanto sou amada por eles. A distância física torna a relação de amizade ainda mais próxima, parece contraditório, mas é o que se sente. Porque estando longe dos familiares há uma desconcentração da tua antiga rotina, dos teus familiares e os amigos são introduzidos na tua nova rotina como mais uma relação com o país de origem” (D4).

18.5 Análise Integrada dos Dados

Com relação ao significado das amizades na vida do imigrante como alguém que passou a viver em outro país, participantes dos quatro grupos disseram que as mesmas são fundamentais em várias instâncias: no processo adaptativo como um todo, para a questão do pertencimento ao país, de dar apoio emocional e amparo, de dar forças no processo de migração e para não se sentirem sozinhos. Para os grupos A e C, os amigos significam a família dos participantes no novo país ou ao menos suprem a saudade da família e dos amigos do Brasil (para o grupo C).

Uma contradição apareceu entre participantes dos grupos A e D: para uma participante peruana, a distância física atrapalha a amizade, pois mesmo com contato virtual, nada substitui o contato físico com o amigo; já para uma participante brasileira em Portugal a distância física aproxima, porque a distância da família desconcentra a atenção e o contato com os amigos brasileiros se tornam mais uma ligação com o país de origem. Segundo a literatura (GARCIA, 2012a; 2012b; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; DETTOGNI et al., 2010), a distância física realmente diminui a probabilidade ou dificulta o contato com os amigos.

Outro significado citado por três grupos foi que as amizades são muito importantes (A e D) ou essenciais (B). Foram conferidos vários adjetivos às amizades, predominantemente de cunho positivo: para o grupo A, o amigo é meio de apoio constante, algo profundo, de confiança, que envolve sinceridade, com quem se pode contar nos bons e maus momentos, com quem se pode compartilhar momentos e eventos, além de se divertir, quem pode escuta-lo, mas também alguém que pode chamar sua atenção e orienta-lo. Segundo um colombiano, as amizades colombianas significam ratificação da identidade familiar e conexão com suas raízes, e as brasileiras são companhia e solidariedade.

Para o grupo B, os amigos são capazes de entender e acolher quando necessário; e para o grupo C são os responsáveis por um participante gostar de viver na Espanha, sendo que para outro os verdadeiros amigos são poucos, mas não há necessidade de se ter muitos quando se tem bons amigos.

Para os participantes do estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira (2016) amizade é importante não apenas no contexto de migração, mas na vida em geral. Os amigos ajudam a conhecer melhor o país de destino e ajudam os imigrantes a

se adaptarem a um novo país, fornecendo informações, companhia, ajuda e até segurança.

19. SUBSTITUIÇÃO DOS FAMILIARES PELOS AMIGOS

19.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, para 11 os amigos não substituem as relações com familiares no país de origem. Nas palavras de uma participante colombiana:

“Eu acho que não, um amigo não vai substituir a família, nem as relações com eles. Com um irmão você pode discutir e brigar, mas sabe que mesmo assim pode contar com ele em momentos difíceis. Com um amigo não é assim, se você tem alguma briga ou diferença, a amizade pode se perder para sempre” (A10).

Segundo uma mexicana:

“Substituir não, mas definitivamente preenche o vazio da ausência da família de origem. Em todos os anos que estive fora do México, que são 12 anos no total, mais amigos passaram a ser minha família. Ainda que leve tempo desenvolver amizades profundas e íntimas” (A16).

Já para outros nove participantes, os amigos do Brasil podem substituir as relações com familiares no país de origem. Segundo palavras de um chileno:

“Claro isso acontece em tudo lugar do mundo. Penso que nós humanos somos seres carentes e precisamos de companhia e atenção e no dia que uma pessoa nos dá isso, chega a faltar nas nossas vidas. Consciente ou inconscientemente procuramos alguém que possa substituir esse afeto nas nossas vidas” (A12).

Ainda, segundo uma participante peruana:

“Sim, os amigos no novo país passam a ser parte de família e inclusive alguns são mais queridos que a própria família, porque como disse um dito popular no meu país: família não se escolhe e amigo sim” (A20).

19.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Em relação ao grupo B, a participante que reside no Chile acha que os amigos do Brasil podem substituir as relações com familiares no país de origem. Para uma que vive no México isso é relativo, depende de cada pessoa, e para a outra não substituem:

“Substituir, não; mas preenchem o vazio existencial de não ter (a própria) família por perto” (B3). Esse preenchimento do vazio deixado pela família também foi relatado por uma participante do grupo A.

19.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, nove disseram que os amigos não substituem as relações com familiares no país de origem:

“Eu não diria substituir, eu diria acrescentar. Minha mãe, meu pai e irmãos continuam cumprindo o papel deles, à medida que atendem ao telefone, *Skype*, *WhatsApp* e me ajudam sempre no que necessito. Continuo ligando pro meu pai pra perguntar o que ele acha disso ou daquilo, sempre pergunto a opinião de minha mãe sobre decisões importantes que preciso tomar em relação às crianças ou a meu trabalho. Atualmente, pelo desenvolvimento das tecnologias, é relativamente muito fácil manter o contato com pessoas que estão em outros países. A família não precisa ser substituída, pois sempre terá seu lugar e importância, no entanto, podemos conviver com outras pessoas de uma maneira que elas passam a cumprir o papel de família em apoiar, incentivar e fazer a gente feliz. Aqui em Barcelona, meus

amigos mais próximos cumprem bem esse papel, nos sentimos uma verdadeira família e nos apoiamos muito. Quando eu voltar ao Brasil, quero levá-los comigo, manter contato, visitar e tentar manter os laços estreitos através dos recursos tecnológicos” (C1).

“Substituir não é uma palavra que eu usaria. Porque pra mim são relações diferentes, são relações distintas. O que eu vivo com a minha família, o que eu faço com a minha família, a forma como eu me encontro com eles, é distinta da forma como eu me encontro com os meus amigos. Talvez a palavra substituir caiba com algum ajuste, quando realmente você precisa, por exemplo, quando você adocece aqui no exterior...” (C5).

Todavia, para três participantes, os amigos podem sim substituir os familiares:

“Sim e sinto que a substituição em meu caso já existe, porém até o momento só com amigos brasileiros” (C4).

“No meu caso sim, sempre substituíram, não sou próxima a minha família, então não percebo muita diferença nesse aspecto por ter mudado de país” (C6).

19.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, para quatro os amigos não substituem as relações com familiares no país de origem:

“Não. São coisas diferentes. Os amigos ajudam a suportarmos a falta da família. Sem eles, penso que seria insuportável vivermos num outro país” (D2).

“Não sei se a palavra é substituição. Mas com certeza os amigos preenchem a nossa vida de carinho e amor. Ter amigo com quem comemorar conquistas no novo país, receber ligações de felicitações, receber amigos em casa para almoço de domingo faz-nos sentir menos falta das relações familiares” (D4).

Novamente, a palavra preenchimento aparece, como mencionaram uma participante do grupo A e uma do grupo B. Só para uma participante os amigos podem substituir as relações com familiares no país de origem:

“Sim, eles acabam por fazer as vezes de família, mas principalmente nas urgências e nas datas comemorativas” (D5).

19.5 Análise Integrada dos Dados

Para a maioria dos participantes dos grupos A (11 de 20), C (nove de 12) e D (quatro de cinco), os amigos não substituem as relações com familiares do país de origem (no grupo D, para uma participante substituem, para outra é relativo e para outra não substituem). Todavia, participantes dos quatro grupos que pensam que não há essa substituição, pois são relações distintas, alegaram que os amigos preenchem o vazio deixado pela família com amor e carinho, ajudam a suportar a falta dos familiares ou a sentir menos falta dos mesmos, bem como cumprem o papel da família em apoiar, incentivar e fazer feliz. Ainda, para uma participante do grupo C, a substituição existe, mas apenas com amigos brasileiros, indicando novamente uma maior aproximação ou intimidade com compatriotas.

A literatura sobre familiares e amigos traz dados diferentes. Para Bell (1981 apud SOUZA; HUTZ, 2008), na amizade é fundamental a ausência de laços familiares, justificada pelas comparações e competições entre familiares e amigos e pela impossibilidade de escolha dos próprios familiares e parentes. Já segundo Michaelis (2017), a amizade é um “sentimento de afeição, estima, ternura, etc. que

une uma pessoa a outra, sem implicar, necessariamente, a existência de laços de família ou de atração sexual”.

20. NECESSIDADES SOCIAIS DIANTE DA NOVA CULTURA

20.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Dos 20 participantes do grupo A, 17 relataram que sentiram alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura. Cinco participantes mencionaram o termo adaptação: à nova cultura; aos costumes; à língua, à comida e ao transporte; ao novo lugar; e ao idioma. Duas participantes citaram a palavra acolhimento, sendo que uma delas também mencionou a necessidade de ajustamento à nova cultura que era menos liberal que a dela (panamenha). Outros termos citados por uma participante cada foram necessidade de aceitação social e de estabelecimento de vínculos.

Sobre como lidou com essa necessidade social de acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura, 15 participantes se manifestaram: quatro disseram que as amigadas ajudaram (inclusive as latino-americanas); três mencionaram os parentes; dois foram morar em casa de brasileiros; dois disseram que o tempo ajuda; e cada participante citou uma das seguintes formas de lidar com as referidas necessidades: pessoas (no geral) ajudaram; falar (mesmo que com sotaque e de forma incorreta); ocupar o tempo ao máximo para não sentir tanta saudade; namorado no Brasil; família que o acolheu; conhecer mais a cultura; para um participante peruano, a observação e o comportamento cauteloso ajudaram:

“Acho que a observação ajuda, perguntar antes de fazer, pensar antes de falar, ser respeitoso com as pessoas e com o entorno, aprender da nova cultura sem atropelar quando se pensa diferente...” (A7).

A participante do Panamá mudou seu comportamento:

“Mas me adaptei, deixando de lado os risos estrondosos, o toque nas pessoas quando conversava, as demonstrações de afeto, a dança contínua, o falar duro, etc. Isto provocou-me problemas de relacionamento com as minhas colegas mulheres da Universidade (no final dos anos 60), por exemplo” (A19).

Por fim, nas palavras de outra participante peruana:

“Acredito que de alguma forma todos sentimos um nível de necessidade de aceitação social, pra minha sorte eu vim com meu esposo e meu irmão, assim que sozinha nunca estive e não tive problemas. No entanto os relacionamentos com os brasileiros foram e ainda são difíceis, não tanto da minha parte porque como já comentei morei em vários países, mas talvez esse problema seja de alguns preconceitos a nós estrangeiros” (A20).

Três participantes do grupo A relataram que não sentiram nenhuma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura.

20.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Das três participantes do grupo B, uma alegou que sua adaptação foi fácil, e as outras duas já sentiram alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura, sem especificar exatamente qual foi a necessidade. Uma delas comentou sobre o idioma e suas idiossincrasias, sugerindo uma necessidade de adaptação ao mesmo. Sobre como lidaram com essas necessidades, as duas mencionaram as amizades:

“Sim, ainda sinto necessidade. Porém tenho consciência de que uma amizade também se constrói com o tempo de convivência” (B1).

“Sim... As especificidades da língua como gírias, regionalismos e piadas só se aprende com amigos. Por outro lado, os seis primeiros meses em um novo país são bem difíceis pela falta de ‘amigos do peito’, gente de confiança e com bastante intimidade. Dá vontade de largar tudo e voltar pra casa” (B3).

20.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Dos 12 participantes do grupo C, nove sentiram alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura, e três não. Quatro participantes mencionaram o termo acolhimento e três mencionaram adaptação. Sobre a forma com a qual lidaram com essas necessidades, três participantes citaram as amizades, juntamente com relações familiares e apoio da igreja. Um desses participantes mencionou o tempo como facilitador do processo de adaptação, que também foi citado por outro participante juntamente com tranquilidade.

Uma participante disse que buscou estar mais aberta para conhecer pessoas, colegas do doutorado e de trabalho. Outra mencionou alguns serviços que descobriu em Barcelona, dando a entender que seriam serviços de apoio e informação ao imigrante. Ainda, outra participante citou aspectos importantes como sabedoria, paciência, respeito, tolerância, curiosidade para poder querer aprender a nova cultura, humildade, abertura e tempo:

“... no momento em que você tem um projeto de vida que é um sonho e é um querer seu... ninguém está lhe obrigando, a vida não está lhe obrigando a migrar. É seu o desejo de conhecer outra cultura, de viver em uma nova cultura, eu acho que isso faz com que você tenha sabedoria, paciência, o respeito, a tolerância, a curiosidade, para poder

querer aprender dessa nova cultura, a humildade, a abertura. Então eu acho que com o tempo e com esse pensamento de procurar entender as referências e se situar nessas diferenças é possível. Mas é um processo...” (C5).

Por fim, num contexto mais específico, para uma participante foi importante ela contar com o apoio da escola das filhas, dos colegas da universidade e da esposa de um colega chileno da universidade que ficava com suas filhas:

“... Tive a sorte de encontrar uma excelente escola que nos apoia sempre e, na universidade, integrar um grupo de colegas que compartilhavam interesses semelhantes aos meus. Um desses amigos (chileno) estava em Barcelona acompanhado pela esposa e a contratei para ficar com minhas filhas nos momentos em que eu precisava estar na universidade. Isso me deu toda a paz que eu precisava para me dedicar às disciplinas que precisava cursar. Sentia necessidade de acolhimento em relação à escola das meninas e às pessoas que conviviam comigo na universidade como uma condição importante para poder avançar em minhas atividades” (C1).

Um participante disse que sentiu essas necessidades sociais, pois existem momentos muito solitários, mas não citou a forma como lidou com as mesmas.

20.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Das cinco participantes do grupo D, quatro sentiram alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura, e apenas uma disse não ter sentido. Duas mencionaram o termo adaptação, uma citou ajustamento, e ainda foram mencionadas as palavras aceitação e acomodação à nova cultura.

Sobre como lidaram com essas necessidades, as quatro participantes citaram as amizades. Além disso, foram mencionados os seguintes aspectos: com

muito sofrimento, idas à igreja, conversas com padres e psicólogos; e conhecer a nova cultura:

“Procurei fazer novas amizades e perguntar aos novos amigos minhas dúvidas em relação à cultura. Procurei ainda conhecer a cultura local da melhor forma possível, com observação, conversa, leituras, programas de TV, filmes etc.” (D3).

Apesar de citar as amizades como forma de lidar com as necessidades sociais, uma participante apontou dificuldade em fazer amigos no novo país:

“Busquei fazer amizades – que acabaram por não dar certo. A maior necessidade é de encontrar pessoas com quem se identifique no sentido de identidade de grupo – não encontro por aqui o ‘tipo de pessoa’ com quem partilho interesses e afinidades e que encontrava com facilidade no Brasil” (D5).

Com relação ao ajustamento apontado por uma participante, foi destacada a questão do idioma e suas especificidades:

“No entanto, sem sombra de dúvida foi necessário um ajustamento, no que se refere à forma de falar, por exemplo: nunca deve-se tratar um senhor como ‘moço’ (Moço, onde posso apanhar o metrô?), nunca deve-se tratar, ainda que seja uma pessoa jovem, por ‘tu’, é considerado falta de respeito ou muita intimidade. Mas deve-se dizer que quando chegas em um ‘nível de amizade’ isso ‘cai por terra’ e todos tratam-se como tu. Neste sentido, acho que o maior ajustamento foi na forma de falar, ou seja, se apropriar dos diferentes significados de algumas palavras entre Brasil e Portugal” (D4).

A forma de falar de uma cultura segue convenções, práticas ou regras culturais que não necessariamente são óbvias para o imigrante (BERRY et al., 2002).

20.5 Análise Integrada dos Dados

A grande maioria dos participantes dos quatro grupos sentiu alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura (17 de 20 no grupo A; duas de três no B; nove de 12 no C; e quatro de cinco no D). O termo adaptação foi o mais citado pelos grupos A e D e o termo acolhimento o mais mencionado pelo grupo C. A adaptação se referiu a aspectos da cultura local, como idioma (citado pelos grupos A, B e D), costumes, comida, transporte e ao próprio lugar. Outros termos utilizados foram: ajustamento à nova cultura, necessidade de aceitação social, de estabelecimento de vínculos e acomodação à nova cultura. Com relação ao ajustamento à nova cultura, uma participante panamenha (do grupo A) relatou que teve que ajustar seu comportamento, pois a cultura brasileira é menos liberal que a panamenha.

Sobre como os participantes lidaram com essas necessidades sociais de adaptação, acolhimento, ajustamento, aceitação, estabelecimento de vínculos e acomodação à nova cultura, a forma mais citada pelos quatro grupos foi através das amizades, incluindo as latino-americanas (no grupo A). Esse dado mostra a importância dos amigos no processo de adaptação do imigrante, assim como já apontado no capítulo 17.

Conhecer ou estar aberto à nova cultura e às pessoas no novo país foi apontado pelos grupos A, C e D como forma de enfrentamento diante dessas necessidades sociais iniciais no país atual. Alguns aspectos foram mencionados pelos grupos A e C também como forma de lidar com essas novas necessidades: os familiares, o tempo, o apoio de nativos e família nativa que acolheram em casa,

de serviços de informação ao imigrante, de escola das filhas e de colegas de universidade. O apoio da igreja foi mencionado pelos grupos C e D, sugerindo uma aproximação religiosa entre Brasil, Espanha e Portugal.

Algumas formas de enfrentamento foram citadas individualmente pelos grupos: expor-se a falar, mesmo que com sotaque e de forma incorreta, ocupar o máximo possível o tempo para não sentir tanta saudade; observar e ter comportamento cauteloso com nativos (grupo A), tranquilidade, sabedoria, paciência, respeito, tolerância, curiosidade para aprender a nova cultura, humildade, (grupo C), através de muito sofrimento e conversas com padres e psicólogos (grupo D).

Para os participantes do estudo de Garcia, Costa e Pereira-Oliveira. (2016), a adaptação envolve relações sociais e instituições sociais. A respeito das relações sociais, a falta das pessoas amadas deixadas no país de origem e a sensação de solidão são dificuldades encontradas no processo de adaptação à nova cultura. Com relação às instituições brasileiras, alguns participantes do estudo encontraram dificuldades em se adaptar a níveis elevados de burocracia e desorganização. A burocracia também foi apontada nessa tese como um aspecto desfavorável na opinião dos imigrantes latino-americanos sobre o Brasil no capítulo dois.

21. CAMINHOS PARA ADAPTAÇÃO A NOVAS CULTURAS

21.1 Grupo A: Latino-Americanos no Brasil

Com relação à questão 21, de sugestões de possíveis caminhos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas, o caminho mais sugerido pelos participantes do grupo A (por 12 participantes) foi o de aproximação à nova cultura ou o aprendizado dos novos costumes e hábitos culturais, como idioma, alimentação, religião, história, música, artes. Outra sugestão dada por sete deles foi o de se aproximar de nativos e de outros estrangeiros ou se distanciar um pouco de compatriotas.

Cinco participantes sugeriram que não se traga costumes de seu país para o novo, não se imponha esses costumes, não se compare as duas culturas, tenha-se respeito pela cultura local, e não se exija que a cultura do país atual mude conforme a sua. Segundo duas participantes, uma panamenha e uma peruana:

“Em Roma faça como os romanos. O emigrante tem que aprender rapidamente a língua local e respeitar os costumes do novo país, não tentar mudá-los. Pode preservar a sua cultura original, com certeza, mas nunca preservar hábitos que contrariem ou firam os costumes locais. Não há outra forma melhor de ajustamento” (A19).

“A observação dos costumes, hábitos e condutas das pessoas no novo país é fundamental para uma melhor adaptação, não devemos trazer nossos costumes de nenhum jeito porque isso para mim é invadir e além de prejudicar as futuras novas pessoas que venham, pode gerar algum tipo de preconceito” (A20).

Três participantes sugeriram que o novo país ofereça orientações sobre os trâmites migratórios, sobre os processos burocráticos e legais pelos quais o imigrante deve passar, de preferência na língua do imigrante, e informações sobre

moradia, transporte, comunicações, dentre outros. Teoricamente, a Lei Brasileira de Migração 13.445 de 24 de maio de 2017 garante, em seu parágrafo V “promoção de entrada regular e de regularização documental” (BRASIL, 2017), e em seu parágrafo XI, “acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social” (BRASIL, 2017). Uma participante mexicana até citou que deveria haver mais inclusão social do imigrante, o que também consta como garantia do migrante na Lei 13.445, em seu parágrafo X: “inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas” (BRASIL, 2017). Porém, infelizmente, na prática essas garantias parecem não estar sendo asseguradas em sua integralidade. Por fim, uma participante colombiana sugeriu que as universidades façam um acompanhamento das necessidades e do processo de adaptação do imigrante, já que nesse ambiente costuma haver muito imigrantes.

Outras sugestões dadas foram: ter muita fé em Deus para conseguir seus objetivos e metas; visitar com frequência o país de origem; em sentido oposto, tentar esquecer um pouco que é estrangeiro; e melhorar o serviço que as empresas prestam aos clientes.

Para uma participante argentina:

“Em resumo, acho que um bom caminho é:

- 1) aprender a língua, principalmente a linguagem coloquial, expressões idiomáticas, idiossincrasia linguística da região, jargões da profissão, gírias da faixa etária, em síntese, aprender toda expressão que aproxime culturalmente as pessoas nativas.
- 2) ter a genuína intenção de comunicação.
- 3) conviver e conhecer as pessoas do novo país. Diminuindo, num começo, o contato fechado com compatriotas ou pessoas de origem latina” (A5).

21.2 Grupo B: Brasileiros em Outros Países da América Latina

Duas das três participantes do grupo B sugeriram abertura e aceitação das diferenças entre as duas culturas: “Aprenda a aceitar as diferenças e assim pode enxergá-las iguais” (B2). Uma delas inclusive sugeriu ter persistência quando parecer que não conseguirá viver essas diferenças.

Assim como apareceu no grupo A, uma participante do grupo B sugeriu que não se compare as duas culturas: “Jamais comparar as coisas entre onde você saiu para onde vai, tudo tem suas particularidades” (B2). Por fim, uma participante fez as sugestões de que sejam promovidos eventos para que as pessoas se conheçam e que os imigrantes mais antigos ofereçam orientações e informações sobre os trâmites burocráticos a serem seguidos no novo país (sugestão que também foi apresentada no grupo A).

21.3 Grupo C: Brasileiros na Espanha

Com relação a possíveis caminhos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas, seis dos 12 participantes do grupo C sugeriram abrir-se à nova cultura ou ter disposição para aceitar, conhecer e aprender o novo (sugestão que apareceu no grupo A também):

“... abrir-se ao que é novo e buscar novos gostos, novos interesses, novos amigos locais, e aprender o quanto antes a aceitar a nova cultura...” (C3).

“... estar aberto ao novo e ao diferente, despido de qualquer preconceito ou medo. No fim, a experiência de vivenciar outra cultura traz um enriquecimento pessoal e profissional inestimáveis!” (C7).

Para três participantes, seria interessante evitar comparações entre as culturas de origem e de destino “... e às vezes uma crítica constante decorrente disso” (C6). Esse aspecto também apareceu nos grupos A e B.

Cada sugestão seguinte foi apontada por dois participantes do grupo: que sites e redes sociais deveriam divulgar informações para os imigrantes; aprender o idioma; manter vínculos com pessoas do país de origem; fazer amizades no novo país ou conviver com nativos (também mencionado no grupo A); ver o lado positivo da nova cultura:

“Buscar coisas que você goste da cultura e sempre veja o lado positivo das coisas. Isso funciona em qualquer lugar, mas principalmente quando se está fora. Outra coisa, envolva-se com a cultura, saia com estrangeiros, abra a mente, aprenda novas visões de mundo. Se você só fica com pessoas da mesma nacionalidade, criticando e comparando coisas que você gosta mais no seu país eu acho que você está perdendo uma ótima oportunidade de crescimento” (C8).

Uma sugestão que apareceu nas respostas de duas participantes foi de não criar expectativas ilusórias com relação ao país de destino:

“... enfim, compreender que tudo é diferente e que às vezes essa diferença é pra pior, acredito que ajuda a enfrentar melhor a adaptação. Acredito que a principal decepção vem de acharmos que na Europa tudo é melhor que no Brasil e que as coisas funcionam perfeitamente” (C1).

Outros participantes também fizeram outras sugestões para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas: aceitar que tudo será diferente (sugestão também dada por uma participante do grupo B); ter o apoio de pessoas que já estão no país; informar-se sobre o clima, a geografia e seu trabalho; praticar o desapego, entregar-se à experiência de viver em outra cultura e desfrutar

do que a nova cultura pode oferecer; no mesmo sentido, envolver-se com a cultura e com os estrangeiros (sugestão também dada pelo grupo A); aprender o funcionamento das coisas no país atual; buscar grupos/cursos de pessoas com interesses em comum (profissionais ou não); e respeitar a cultura do novo país (sugestão que também foi apresentada no grupo A).

Uma colocação interessante de uma participante foi a seguinte:

“... Sempre que a gente estuda sobre processos migratórios, a gente estuda sobre o que se chama de dupla ausência. Que é quando o viajante já não se sente nem do lugar de origem, e também não se sente do lugar de acolhida porque não conseguiu se integrar, porque não conseguiu se encontrar na nova cultura. Eu prefiro sonhar com o processo de dupla presença. Sonhar, trabalhar para construir e viver um processo de dupla presença. Porque eu acho que é possível. É possível a gente não perder a nossa cultura, não perder as nossas raízes, mas a gente, cada viagem que faz e cada vivência que tem num local distinto, a gente poder ir construindo o que alguns autores chamam de identidades múltiplas. E eu acredito nisso, é o que eu desejo para mim. E algumas vezes, em alguns momentos eu já pude me sentir nessa dupla presença: pertencendo ao Brasil, mas pertencendo a essa cidade que eu escolhi para viver, para descansar, para aprender, para estudar, para estar durante esse período que é a minha vida no meu presente hoje...” (C5).

21.4 Grupo D: Brasileiros em Portugal

Duas participantes do grupo D sugeriram abrir-se e conhecer a nova cultura, (assim como aconteceu nos grupos A e C): “... Acho que não devemos olhar para a nova cultura com ideias preconcebidas e estarmos sempre abertos para experimentar e conhecer coisas novas” (D4).

Outra sugeriu a maior união dos brasileiros, talvez com promoção de encontros; outra participante ainda relatou que a saudade faz parte do processo de migração e que seria importante manter os contatos com os amigos no país de

origem e buscar fazer novas amizades no país receptor, sugestão também apresentada pelo grupo C.

Uma participante mencionou as questões de respeito à nova cultura (que apareceu nos grupos A e C) e da aceitação das diferenças (também presentes nas falas de participantes dos grupos B e C):

“Primeiro de tudo aceitar que você não está no Brasil e respeitar a cultura que certamente será diferente da sua. Procurar entender que determinadas atitudes não são pessoais, mas sim porque fazem parte da cultura do país de destino, é o primeiro passo. Depois, com o tempo e a idade, você poderá se afirmar enquanto tal, mas aí você já terá incorporado tanto da cultura do país de destino, que esta afirmação será completamente aceita pela sociedade de acolhimento. Ou seja, nada irá chocar (nem a si, nem aos outros) quando você, finalmente, tiver incorporado os hábitos e costumes do seu ‘novo’ país” (D2).

Enfim, uma participante não apresentou sugestões, pois nas palavras dela: “Não me sinto em posição de sugerir nada, por que acho que a minha experiência mais solitária não é recomendável” (D5), novamente propondo que os amigos se constituem em relações importantes para um imigrante.

21.5 Análise Integrada dos Dados

O caminho mais sugerido pelos participantes dos quatro grupos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas foi a aproximação ou a abertura à nova cultura, com menção aos novos costumes e hábitos culturais como idioma, alimentação, religião, história, música e artes. Outro caminho que apareceu como sugestão em todos os grupos foi o de não comparar a cultura do país de destino com a cultura do país de origem, não trazer costumes do país de origem para o novo, não impor esses costumes, não exigir que a cultura do país

atual mude conforme a cultura do país de origem, enfim, respeitar a nova cultura e aceitar as diferenças culturais entre os dois países.

Outra sugestão dada pelos grupos A, C e D foi a aproximação de nativos e de outros estrangeiros, inclusive com apontamentos para se estabelecer amizades com os nativos (segundo grupos C e D). Um possível caminho para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante relatado pelos grupos A, B e C foi o novo país fornecer orientações sobre os trâmites migratórios, ou os processos burocráticos e legais pelos quais o imigrante tem que passar, de preferência no idioma do imigrante, com informações importantes sobre moradia, transporte, comunicação, entre outros. Inclusive, como as universidades recebem muitos imigrantes, poderiam fazer um acompanhamento das necessidades dos estudantes.

Também foi sugerido pelos grupos A, C e D que manter vínculos com pessoas do país de origem ajuda nos processos de adaptação e ajustamento à nova cultura. Outros caminhos foram sugeridos isoladamente. O grupo A citou: tentar esquecer um pouco que se é estrangeiro, melhorar o oferecimento dos serviços de empresas e “ter muita fé em Deus” (A4). Esse aspecto religioso foi mencionado no capítulo anterior, sobre as necessidades sociais dos imigrantes, sugerindo agora que tanto latino-americanos quanto brasileiros (na Espanha e em Portugal) valorizem suas religiões ou sua fé.

Para o grupo C, são caminhos: desapegar-se de sua cultura, entregar-se à experiência de viver em uma nova cultura, desfrutar do que ela pode oferecer e ver o seu lado positivo; informar-se sobre o funcionamento das coisas no país atual: o clima, a geografia e seu próprio trabalho; ter o apoio de pessoas que já estão no

novo país; e buscar grupos ou cursos de pessoas com interesses em comum. Ainda, para o grupo D, um bom caminho para adaptação e ajustamento à nova cultura seria a união de pessoas do país de origem com promoção de encontros, por exemplo. Divergindo dessa sugestão, o grupo A apontou que se deve distanciar um pouco de compatriotas.

Com relação a abertura à nova cultura, o estudo de Silva e Schiltz (2007) traz dados interessantes: de que a maioria dos participantes (62,9%) discorda de que é importante os imigrantes brasileiros tornarem-se parecidos com os portugueses na maneira de se comportar, de se vestir e de falar e 88,8% concordam que a valorização da cultura de origem é importante para a integração dos imigrantes. Porém, 76,9% acham que os filhos de imigrantes devem interiorizar os valores da sociedade portuguesa. Então, segundo a pesquisa de Silva e Schiltz (2007), devem ser preservados elementos da cultura de origem, mas também devem ser incorporados valores e hábitos culturais do novo contexto para uma melhor convivência com o mesmo.

Com relação aos imigrantes dessa tese, a despeito de fazerem referência a uma preservação de elementos da cultura de origem em alguns momentos, a maioria dos relatos ao longo do trabalho, bem como das sugestões oferecidas neste capítulo mostra uma tendência a sobrepor a nova cultura a sua cultura de origem. Esse dado reflete ainda, infelizmente, a existência de relações de poder e dominância da cultura majoritária sobre as culturas minoritárias, como a de imigrantes, aspecto que será discutido mais adiante.

IV. DISCUSSÕES

Discutindo-se os resultados desse estudo, primeiramente, serão apontadas as principais semelhanças e diferenças entre os quatro grupos de participantes, com o intuito de elucidar o que a tese gerou em termos de conhecimento científico original, ou seja, com o que contribuiu para as áreas temáticas das relações de amizade e migração latino-americana. Muitos dados desse estudo apontaram semelhanças entre os quatro grupos de participantes. A maioria dos participantes está há menos de 10 anos no país atual, sendo o principal motivo de ida realizar pós-graduação *stricto sensu*, ou seja, imigrantes em situação legal no novo país. Ainda, a maior parte dos imigrantes possui opinião favorável sobre o país atual e gosta de seus habitantes.

A maioria dos participantes já retornou ao país de origem para visitá-lo, sendo um ponto positivo rever familiares e amigos. Todos os participantes do estudo mantêm contato com parentes e vínculos de amizade em seu país de origem, sendo a maioria dos amigos próximos do mesmo gênero e de mesma nacionalidade. Participantes dos quatro grupos mencionaram que é muito bom rever seus amigos do país de origem e com relação às atividades compartilhadas, os quatro grupos mencionaram que costumam comer ou ir a restaurantes, beber ou ir a bares e ficar em casa.

A grande maioria dos participantes dos quatro grupos também fizeram amizades no novo país, sendo mais frequentes as amizades com nativos. Com relação a como começaram essas amizades, foram citados o meio acadêmico, o intermédio de outros amigos e parentes.

Para a maioria dos grupos as diferenças culturais enriquecem a relação, unem as pessoas, geram aprendizado, curiosidade intelectual e intercâmbio cultural. Todavia, a maior parte dos aspectos apontados foram negativos, sendo o idioma o dificultador mais citado. As atividades compartilhadas com amigos do novo país são majoritariamente relacionadas a lazer, principalmente à alimentação, como comer, beber e ir a restaurantes. Aliado a isso, a maioria dos participantes de todos os grupos disse que existe influência cultural do local nos interesses em comum com os amigos do novo país.

As semelhanças nas amizades com compatriotas, nativos e outros latino-americanos basicamente se referem a características gerais da amizade, como o contato frequente, companheirismo, apoio e humor, alegria, extroversão e os tipos de programas feitos. Como diferença nessas relações, a amizade parece ser sempre mais íntima com pessoas de seu país de origem, ou no máximo com outros latino-americanos. Algumas semelhanças na concepção das amizades para compatriotas e nativos também foram mencionadas: gostar de conversar, sinceridade e diversão.

A maioria dos participantes dos quatro grupos disse que as amizades são importantes para adaptação e integração à nova cultura, bem como fundamentais, importantes ou essenciais na vida do imigrante como alguém que passou a viver em outro país. Além disso, para a maioria dos participantes os amigos não substituem as relações com familiares do país de origem, porém preenchem o vazio deixado pela família.

Grande parte dos participantes dos quatro grupos sentiu alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura.

A forma de adaptação à nova cultura mais citada pelos quatro grupos foi através das amizades, incluindo as latino-americanas. Por fim, o caminho mais sugerido pelos participantes dos quatro grupos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas foi a aproximação, a abertura e o respeito à nova cultura.

Também foram verificadas diferenças entre os quatro grupos de participantes, sendo elucidadas as principais. Enquanto os países da América Latina parecem carecer de organização (inclusive com relação às orientações nos trâmites migratórios), segurança e oferecimento de serviços públicos de qualidade, Espanha e Portugal possuem essas melhores condições de vida. Dentre os aspectos negativos do retorno ao país de origem, os grupos B e C sentiram-se chocados com os preços abusivos dos produtos no Brasil; já os grupos C e D perceberam a pobreza no Brasil e a má qualidade no oferecimento de produtos e serviços em relação à Espanha e a Portugal.

Com relação à visão acerca dos nativos antes de tecer relacionamentos de amizades com eles, os participantes dos grupos A e B tinham uma visão majoritariamente positiva, de que brasileiros e outros latino-americanos seriam alegres, acolhedores, agradáveis, entre outros. Já os participantes dos grupos C e D, em sua maioria, tinham uma visão negativa sobre os nativos antes de estabelecer amizades com os mesmos, de que espanhóis e portugueses seriam frios, fechados, distantes, dentre outros. Para a maioria dos participantes do grupo A, não houve mudança de concepção depois de estabelecidas as amizades. Já para a maioria dos grupos B, C e D houve mudança, sendo os nativos considerados fechados e distantes pelo grupo B, bem como os espanhóis e os portugueses não

tão fechados e distantes como se imaginava. Mesmo assim, os amigos não frequentem muito a casa uns dos outros na Espanha e em Portugal, assim como é no Brasil.

Corroborando essas informações, os grupos A, C e D disseram que os brasileiros são mais abertos respectivamente que latino-americanos, espanhóis e portugueses. Entretanto, o grupo C apontou que apesar de os espanhóis serem mais fechados que os brasileiros, estabelecem vínculos fortes de amizade e os casais espanhóis valorizam mais as amizades que os brasileiros. Segundo o grupo D, os portugueses também têm menos contato físico em suas amizades em comparação aos brasileiros, demoram mais para confiar e não se visitam como os brasileiros.

A maioria dos participantes dos grupos A, B e C não percebe preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de ser alguém de outro país. Entretanto, participantes dos grupos A, C e D mencionaram que o preconceito existe em seus países atuais (respectivamente Brasil, Espanha e Portugal).

Os participantes latino-americanos que vivem no Brasil apontaram várias diferenças específicas com relação aos amigos ou cultura brasileira no que tange a comportamento (por exemplo, amizades são mais espontâneas no Brasil, porém brasileiros são menos educados), idioma, sotaque, comida e cultura no geral. O grupo B apontou como diferença nas amizades que o brasileiro é mais agregador que o chileno. Segundo o grupo C, até mesmo nas amizades com outros latino-americanos a interação é mais fácil, pois são mais dóceis e mais acostumados com contato físico que os espanhóis. A diferença na comida, no modo de falar e de brincar também apareceu no grupo D. Além disso, o interesse pela música e pela

dança parecem ser bem mais presentes nas culturas latino-americanas do que na brasileira e europeias.

O apoio da igreja foi mencionado pelos grupos C e D como forma de lidar com as novas necessidades sociais, sugerindo uma aproximação religiosa entre Brasil, Espanha e Portugal. Uma sugestão de adaptação dada pelos grupos A, C e D foi a aproximação de nativos e de outros estrangeiros. Também foi sugerido pelos mesmos grupos que manter vínculos com pessoas do país de origem ajuda nos processos de adaptação e ajustamento à nova cultura.

Além dessas principais semelhanças e diferenças grupais, alguns aspectos apareceram várias vezes ao longo do estudo e chamaram atenção; por isso buscou-se teorizar sobre os mesmos, como orienta Hinde (1997). Os dois primeiros aspectos, quais sejam assertividade e comportamento distante, caracterizam diferenças culturais; já os dois últimos aspectos, de proximidade/distância física e adaptação, apontam semelhanças entre os grupos.

A assertividade é definida como a afirmação dos próprios direitos e expressão de pensamentos, sentimentos e crenças de maneira direta, honesta e apropriada, respeitando o direito do outro (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999). Em alguns capítulos (dois, 11 e 15), os brasileiros foram considerados não assertivos, por não saberem dar sua opinião e exigir seus direitos como os portugueses, por não se confrontarem quando necessário como os mexicanos e por não possuírem a habilidade de dizer “não” como os espanhóis. Já em outros momentos (capítulos 10 e 16) os brasileiros foram considerados mais assertivos que os mexicanos, pois reclamam mais (principalmente quanto a direito do consumidor) e dizem “as coisas na cara”. Os dados sugerem que os brasileiros então seriam, na maioria das vezes,

mais assertivos que os mexicanos, mas menos assertivos que os espanhóis e portugueses, característica que revela o padrão de comportamento que com certeza é influenciado pela cultura local.

Outro aspecto interessante que envolve a assertividade, mencionado no capítulo 16, foi sobre os brasileiros fazerem convites ou promessas de encontros e ligações, mas não os cumprir, ao contrário dos mexicanos, espanhóis e portugueses. Esse comportamento dos brasileiros pode ser considerado mais amigável, mais sociável, porém na verdade é um comportamento não assertivo, na medida em que a fala não é propriamente verdadeira ou honesta, e por isso pode prejudicar a confiança entre os amigos.

Uma informação que apareceu de forma reiterada nos capítulos dois, 15, 16 e 17 é a de que espanhóis e portugueses parecem ser mais fechados, frios, formais, rudes e grosseiros na interação social, a amizade com os mesmos não é tão íntima, não gostam muito de contato físico e é preciso ser mais cauteloso no princípio para conversar. Entretanto, no capítulo 10, os participantes trouxeram a informação de que os espanhóis e os portugueses não são tão fechados e distantes como se imaginava; e no capítulo 16, surgiu o dado de que, apesar de os espanhóis serem mais fechados que os brasileiros, eles estabelecem vínculos fortes de amizade.

De fato, os brasileiros possuem um estereótipo de mais próximos nas relações, mas talvez suas amizades, ao menos parcialmente, sejam mais superficiais. Por exemplo, com a crescente utilização das redes sociais na atualidade, muitas pessoas são nomeadas como amigas, mas a minoria delas é composta por verdadeiros amigos, segundo Cáceres (2011). Outro ponto é a questão de brasileiros serem mais simpáticos ao fazerem convites e promessas;

entretanto, nem sempre os cumprirem, como já apontado. Talvez os europeus não sejam tão convidativos, ou sejam mais cautelosos em suas amizades, mas uma vez estabelecidas são mais confiáveis nas relações de amizade.

Uma informação reforçada nessa tese, que já vinha sendo apontada pela literatura (BÓGUS, 2007; GARCIA, 2012a; 2012b; GARCIA; BRANDÃO et al., 2010; GARCIA; DETTOGNI et al., 2010; GARCIA; RANGEL, 2011) diz respeito à questão da proximidade e distância física entre amigos. Apesar das menções sobre a distância física não atrapalhar as amizades nos capítulos seis, sete e 18, a maioria das citações mostra que a mesma dificulta o estabelecimento e manutenção das amizades, como apontado nos capítulos cinco, seis, nove, 13, 16 e 18. Ou, em outras palavras, a proximidade ou o convívio social favorecem os relacionamentos de amizade. Esse dado converge com as informações trazidas no capítulo nove, de que vizinhos e colegas de trabalho apareceram como motivadores de início das amizades nos quatro grupos. Aproveitando essa informação, as universidades, por exemplo, que recebem muitos estudantes estrangeiros, poderiam planejar melhor seus ambientes de pesquisa e trabalho, no intuito de aproximar os colegas e favorecer o estabelecimento e manutenção de relações de amizade.

Por fim, uma última reflexão a que essa tese se propõe a fazer seria com relação às estratégias de adaptação do imigrante a novas culturas. Os amigos surgiram como a mais importante forma de apoio para o processo de imigração, inclusive com apontamentos para se estabelecer amizades com nativos. Outro dado fundamental, que apareceu como melhor caminho para adaptação, foi o de aproximação ou abertura à nova cultura. Nesse sentido, foi sugerido que não se estabeleçam comparações entre as culturas de origem e de destino, não se

imponham costumes ou mudanças à nova cultura e que sejam respeitadas as diferenças culturais. Provavelmente esses são alguns dos pontos mais ricos do estudo.

Segundo Berry (2005), a “aculturação” é um processo de mudanças culturais e psicológicas que envolve várias formas de acomodação mútua, resultado do contato entre duas ou mais culturas e seus membros. A migração é uma situação que exige essas mudanças, tanto em nível individual/psicológico quanto no grupal/cultural. Enquanto a aculturação é um processo que permanece enquanto houver o contato de duas culturas diferentes, a adaptação em longo prazo para viver na nova cultura assume várias formas, resultando em algumas acomodações em meio ao novo grupo cultural. Essa acomodação inclui, por exemplo, o aprendizado da nova língua, compartilhamento de preferências gastronômicas, adoção de formas de se vestir e de interações sociais, características da nova cultura. Obviamente, essas adaptações podem gerar conflitos culturais e estresse durante as interações interculturais (BERRY, 2005).

Berry (2005) propõe duas estratégias para uma melhor adaptação do imigrante à nova cultura: atitude (o que o indivíduo prefere fazer com relação ao processo de aculturação) e o comportamento (o que de fato o indivíduo faz). Ainda, uma terceira dimensão deve ser considerada: o papel poderoso desempenhado pelo grupo dominante em influenciar o processo de aculturação. Apesar de já ser considerada essa relação de poder, a teoria da aculturação ainda enfoca a cultura dominante, à qual o imigrante deve se adaptar/acomodar para viver bem nesse novo contexto.

Em uma teoria revisada, Berry (2011) traz o conceito de sociedades culturalmente plurais, muitas das quais são produtos de fenômenos internacionais como colonização, escravidão e movimentos de imigrantes e refugiados. Por isso mesmo, o que acontece geralmente é a imposição da cultura principal ou dominante sobre as culturas das minorias étnicas. Entretanto, a relação entre duas culturas não é unidimensional, e sim multidimensional, já que as relações interculturais são mútuas e recíprocas. Nessa teoria percebe-se um avanço com relação à aculturação, sendo essa última permeada por relações de poder.

Do ponto de vista da cultura do imigrante, quando os indivíduos não desejam manter sua identidade cultural e interagem diariamente com a outra cultura (estão abertos a ela), a estratégia definida é a **assimilação**. Em contrapartida, quando os indivíduos desejam manter sua cultura de origem e evitam a interação com a nova cultura, a alternativa definida é a **separação**. Quando há um interesse tanto em manter a cultura de origem quanto em interagir com a nova cultura, a opção é a **integração**. Finalmente, quando há um pequeno interesse em manter a cultura de origem (frequentemente por razões de perda cultural imposta) e um pequeno interesse em estabelecer relações com a nova cultura (geralmente por razões de exclusão ou discriminação), a **marginalização** é definida (BERRY, 2011). Na integração o imigrante tende a possuir amigos de sua nacionalidade e também amigos nativos; na separação, o imigrante parece preferir amizades de seu próprio grupo étnico (BERRY, 2005).

Para Berry (2005), a integração é a melhor forma de adaptação, e a marginalização a pior. Assim, a assimilação e a separação são estratégias de adaptação intermediárias. Presume-se que a integração seja a melhor forma de

adaptação porque, engajado nas duas culturas, os indivíduos passam a possuir competência, redes de apoio e suporte social em ambas durante as mudanças da aculturação (BERRY; SABATIER, 2011), incluindo amigos no país de origem e no país de destino.

Entretanto, infelizmente as estratégias de vivência na nova cultura nem sempre são livremente escolhidas pelo imigrante, e sim impostas pela cultura dominante. Por exemplo, a integração só é alcançada com sucesso pelos grupos minoritários quando a sociedade dominante é aberta e inclusiva em sua orientação com relação à diversidade cultural. Então, do ponto de vista da sociedade dominante, quando a assimilação é imposta pela mesma, o que acontece com o imigrante é uma **fusão** à cultura nova; quando o imigrante é forçado a adotar a estratégia de separação, ele sofre **segregação**; quando a imposição acontece com relação à integração, o processo que ocorre com o imigrante é o **multiculturalismo**; e quando a sociedade dominante impõe o processo de marginalização, o imigrante sofre **exclusão** (BERRY, 2011).

Tanto a integração quanto o multiculturalismo estão baseados na aceitação de dois valores subjacentes: diversidade e equidade. Se há diversidade sem aceitação da equidade, o resultado é a **separação/segregação**; se há equidade sem aceitação da diversidade, o resultado é a **assimilação/fusão**; se não há aceitação de nenhum valor, o resultado é a **marginalização/exclusão**. Somente quando há o equilíbrio dos dois valores, entre indivíduos e sociedade no geral, a **integração** e o **multiculturalismo social** são atingidos (BERRY, 2011).

Destarte, o termo aculturação (BERRY, 2005) foi sendo substituído pelo de multiculturalismo (BERRY, 2011), enfatizando o valor da diversidade cultural em

um contexto constituído por vários povos, e a promoção da participação igualitária de todos os grupos, majoritário e minoritários, nesse contexto.

Mais especificamente com relação a Portugal, Machado (2006) indica os caminhos de uma política multicultural/ étnica portuguesa com aversão à “assimilação”, a valorização e preservação da diferença, e constatação de que os imigrantes são coautores do futuro de Portugal, mas sempre como diferentes. Também faz uma constatação derivada dessa política: os filhos dos imigrantes não são tratados como portugueses (embora o sejam), mas como “segunda geração”. Assim, os imigrantes e seus descendentes devem e têm, na verdade, o dever de manterem-se diferentes. Para o autor, resta ao governo garantir que, tendo os imigrantes se mantido diferentes, eles não sofram com a xenofobia, que deve ser combatida, e que a chegada dos imigrantes produza transformações tanto entre as populações imigrantes como na própria cultura portuguesa (MACHADO, 2006). Novamente, a relação de poder implícita no processo de aculturação, pelo menos em teoria, vem sendo superada por uma visão mais igualitária e respeitosa de todas as culturas.

Assim como ocorreu com o termo “aculturação”, mais recentemente, o conceito de “multiculturalismo” também vem sendo substituído pelo de “interculturalidade”, que é “um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade” (VASCONCELOS, 2017). Ou seja, a interculturalidade implica uma interação significativa das culturas em contato, através do diálogo e do conhecimento mútuo. De acordo com essa perspectiva, cada cultura tem sua importância e juntas se enriquecem, formando uma cultura em comum. Portanto, a

interculturalidade pressupõe o reconhecimento das contribuições de todos, incluindo imigrantes e minorias (BÄCKSTRÖM; CASTRO-PEREIRA, 2012), e não a perda da cultura de origem e subordinação à cultura de poder, características da aculturação.

A principal diferença entre os conceitos de multiculturalismo e interculturalidade é que o primeiro entende as populações como culturalmente estanques (BÄCKSTRÖM; CASTRO-PEREIRA, 2012).

“Cada minoria étnica é vista como socialmente homogênea e com fronteiras bem definidas, sendo sobrevalorizada a diversidade étnica e ignorados outros fatores como a classe social, gênero ou religião, que contribuem igualmente para a construção das identidades e introduzem diferenças de valores e estilos de vida. Ao contrário do que defende o multiculturalismo, esses fatores combinam-se de forma complexa e são acionados pelos imigrantes de acordo com o contexto” (BÄCKSTRÖM; CASTRO-PEREIRA, 2012, p. 88).

Em se tratando desse estudo, o que se vê na prática ainda é um processo de aculturação, em que as estratégias de adaptação/ acomodação mais adotadas são 1) a assimilação, quando os participantes defendem a aproximação/abertura à nova cultura e não imposição de sua cultura ao novo país, e parcialmente 2) a integração, quando revelam que possuem orgulho de suas origens, contato com seus países de origem, tanto amigos compatriotas quanto nativos e entendimento de que as duas culturas devem se esforçar para conviverem bem (ver relatos da participante C5 nos capítulos 11.3 e 21.3, por exemplo). Entretanto, a integração provavelmente não é permitida em sua totalidade pelos grupos majoritários em questão e, conseqüentemente, o multiculturalismo (BERRY, 2011) não acontece na prática. Parece, grosso modo, ainda não haver pleno respeito à diversidade nem

equidade entre os povos tratados aqui, o que resulta em um processo de marginalização/exclusão dos imigrantes, ainda que velados. Ou seja, a interculturalidade, que preconiza o respeito à diversidade étnica, religiosa, econômico-social, relacional, sexual, dentre outras, englobando duas ou mais culturas, ainda está longe de ser atingida com êxito no processo migratório como um todo.

Há duas décadas Hinde (1997) já via uma interação recíproca entre indivíduo e cultura em que está inserido. De acordo com sua teoria, o indivíduo é construído e formado pelas suas interações, relacionamentos e grupos aos quais pertence (familiares, amistosos, amorosos, profissionais, religiosos, sociais no geral), além de ser afetado pela estrutura social e ambiente cultural em que está inserido. Mutuamente, esse indivíduo também afeta e influencia suas interações, relacionamentos, grupos e estrutura sociocultural que o rodeia. Todavia, provavelmente o autor não idealizava que uma cultura fosse predominante à outra quando ambas estivessem em contato. Diante disso, o imigrante teria maior dificuldade em influenciar a cultura dominante na qual está inserido.

Quando o imigrante sai de seu ambiente cultural e se insere em outro, com suas idiossincrasias, ele é forçado a desenvolver um novo repertório comportamental de enfrentamento para se adaptar e viver bem. Indubitavelmente esse é um processo muito árduo, pois esse imigrante passou anos de sua vida imerso em sua cultura, sendo moldado por ela e pelas relações estabelecidas em seu meio (e dialeticamente moldando-as). Em pouco tempo precisa estar aberto e incorporar em seu padrão comportamental regras, valores e normas culturais que desconhecia ou que não lhe eram familiares.

Hinde (1997) aborda essa complexidade de comportamentos, interações e relacionamentos específicos e característicos de cada contexto cultural e social. Entretanto, a complexidade torna-se maior em um contexto cultural desconhecido, aumentando ainda mais quando a sociedade majoritária impõe sua cultura aos grupos minoritários.

De acordo com os participantes da tese, é funcional e saudável incorporar elementos da nova cultura em seu repertório, ou seja, realmente a adaptação é necessária, mas com reciprocidade. Porém, o que fica evidentemente claro é que a contrapartida não acontece. Em outras palavras, é apenas o imigrante que deve se abrir e se adaptar à cultura predominante, pois essa cultura, e conseqüentemente seus nativos, não estão muito abertos e dispostos a incorporar elementos das culturas minoritárias com as quais convivem. Talvez os participantes não tenham consciência dessa relação pouco igualitária, e mesmo que alguns tenham, não podem expressar uma opinião tão divergente do que acontece na prática. Provavelmente seriam segregados ou excluídos do contexto.

Então, o que resta aos imigrantes para terem uma vida com qualidade, saúde mental e paz é lançar mão das estratégias disponíveis: amigos e abertura à cultura local. Quando os participantes se propõem a estarem abertos ou se aproximarem da nova cultura enquanto imigrantes, eles estão sendo humildes, além de desbravadores e corajosos. Quando lançam mão dos amigos para se favorecerem nesse processo de inserção cultural, estão sendo perspicazes.

Essa tese apontou que os amigos podem mediar o processo de inserção à nova cultura de forma mais eficiente e até mesmo prazerosa, na medida em que apresentam as informações culturais de maneira mais prática e acessível ao

imigrante recém-chegado. O processo de migração é caracterizado pelo enfrentamento de diversas situações novas e, principalmente, sem o migrante possuir o suporte social que possuía em seu país de origem. Por isso, os amigos surgem como forte e funcional estratégia de enfrentamento diante dessa nova fase da vida. Essa informação pode subsidiar políticas públicas, governamentais, acadêmicas, dentre outras, no processo de acolhimento dos imigrantes nos diversos países, não apenas nos Estados Unidos. Poder-se-iam promover encontros direcionados aos imigrantes, na tentativa de estimular relações de amizade tanto com nativos, quanto com compatriotas e outros estrangeiros. Ou seja, as relações de amizade poderiam ser um caminho para sociedades plurais dotadas de maior interculturalidade, com todas as propriedades inerentes à mesma: equidade, respeito à diversidade, tolerância, empatia e solidariedade.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, os objetivos desse estudo foram atingidos com êxito. Investigou-se as amizades de imigrantes, permeando a análise do histórico, do conteúdo, bem como do papel dessas relações para o processo de adaptação do imigrante a esse novo contexto cultural.

Em síntese, Hinde (1997) propõe três fases analíticas no estudo dos relacionamentos: a descrição e classificação dos relacionamentos, a especificação dos princípios envolvidos em sua dinâmica e o reconhecimento das limitações da aplicabilidade desses princípios.

A descrição das amizades foi feita específica e detalhadamente ao longo dos capítulos cinco a 19 da sessão de resultados dessa tese (5. Amigos mais próximos; 6. Amizades no país de origem; 7. Encontros com amigos do país de origem; 8. Novas amizades; 9. Início das novas amizades; 10. Visão acerca dos nativos; 11. Influência das diferenças culturais nas amizades; 12. Influência cultural nos interesses em comum com amigos; 13. Papel dos amigos para adaptação; 14. Percepção de preconceito ou dificuldades para fazer amigos; 15. Semelhanças e diferenças nas amizades; 16. Semelhanças e diferenças na concepção de amizade; 17. Significado das amizades para a percepção do novo país; 18. Significado das amizades para alguém que passou a viver em outro país; e 19. Substituição dos familiares pelos amigos).

A classificação dos relacionamentos seria basicamente em amizades com pessoas de mesma nacionalidade, com nativos do novo país, com outros latino-americanos e com outros estrangeiros.

A segunda fase analítica, conforme Hinde (1997), seria a especificação dos princípios norteadores envolvidos na dinâmica dos relacionamentos de amizade que, nesse estudo foram:

1. A maioria dos amigos próximos é do mesmo gênero e de mesma nacionalidade, sendo que a maioria destes reside no país de origem do imigrante.
2. Os vínculos em seu país de origem são amizades próximas, de muitos anos, cujos principais meios para contato são *Facebook*, *Skype*, *WhatsApp*, telefone, *e-mail*, *internet* e pessoalmente. A frequência dos contatos varia de diária a mensal.
3. É muito bom rever amigos de seu país de origem, sendo as atividades compartilhadas mais comuns comer ou ir a restaurantes, beber ou ir a bares e ficar em casa.
4. A grande maioria dos imigrantes possuem amizades no novo país, sendo mais frequentes as amizades com nativos. Em seguida, vêm os amigos do seu país de origem, os amigos estrangeiros e os amigos de outra nacionalidade latino-americana.
5. O início das amizades no novo país acontece, em sua maioria, no meio acadêmico, por intermédio de outros amigos e através de parentes.
6. Os imigrantes latino-americanos no Brasil e brasileiros em outros países da América Latina possuem uma visão majoritariamente positiva sobre os nativos antes de estabelecer amizades com os mesmos; e os imigrantes brasileiros na Espanha e em Portugal possuem uma visão negativa. Para a maioria dos imigrantes latino-americanos no Brasil, não há mudança de concepção depois

de estabelecidas as amizades. Já para a maioria dos imigrantes brasileiros em outros países da América Latina, Espanha e Portugal há mudança.

7. De uma maneira bem ampla, as amizades de imigrantes com nativos são boas. Todavia, a maior parte dos aspectos apontados com relação às diferenças culturais é negativa, ou seja, dificulta as amizades.
8. As atividades compartilhadas com amigos do novo país são majoritariamente relacionadas a lazer. Já os principais interesses em comum entre imigrantes e nativos estão ligados ao idioma, gastronomia, música, conversas, gostos, comportamentos, festas populares, artes, lugares, estudos, trabalho e lazer. A influência cultural do local nos interesses em comum com os amigos do novo país existe.
9. Os amigos de seu próprio país ou de outros países são fundamentais para a adaptação ao novo país.
10. A maioria dos imigrantes não percebe preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de ser alguém de outro país, mas o preconceito existe.
11. São apontadas pelos imigrantes mais diferenças que semelhanças entre suas amizades com pessoas de seu país de origem, com pessoas do novo país e com outros latino-americanos, bem como na forma como as pessoas de seu país de origem e as pessoas do novo país concebem a amizade.
12. As amizades são importantes para adaptação e integração à nova cultura e fundamentais para alguém que passou a viver em outro país.
13. Os amigos não substituem as relações com familiares do país de origem, mas preenchem o vazio deixado pelos mesmos.

14. As melhores formas de adaptação e ajustamento do emigrante são através das amizades e abertura à nova cultura.

A terceira fase analítica seria o reconhecimento das limitações da aplicabilidade dos princípios envolvidos na dinâmica dos relacionamentos de amizade (Hinde, 1997) descritos nessa pesquisa. Uma limitação evidente é que o estudo foi desenvolvido com uma população específica (brasileiros e outros latino-americanos), em contextos específicos: Brasil, Chile, México, Espanha e Portugal. Talvez esses princípios norteadores das amizades interculturais não sejam generalizáveis para outras populações em outros contextos culturais. Outro ponto é a desigualdade entre os quatro grupos de participantes, apesar do esforço da pesquisadora em recrutá-los. Os grupos maiores (A com 20 participantes e C com 12) provavelmente produziram dados mais passíveis de generalização, ou contribuíram mais para a fidedignidade dos princípios envolvidos na dinâmica das amizades interculturais que os grupos menores (B com três participantes e D com cinco participantes).

Uma terceira limitação diz respeito à caracterização socioeconômica dos participantes do estudo. Apesar de a pesquisadora não ter coletado diretamente esse dado, foi possível identificar ao longo das falas dos participantes que se tratou, majoritariamente, de imigrantes em situação legal, com educação formal privilegiada (como de estudantes de pós-graduação, por exemplo) e com condições econômicas mais favorecidas. A generalização das conclusões dessa tese e de seus princípios norteadores para outras populações em situações de maior vulnerabilidade socioeconômica precisaria ser testada em novas pesquisas.

Nesse sentido, diversos estudos podem ser conduzidos acerca da migração internacional, através de parcerias entre os países, o que geraria maior aproximação entre as culturas. Em se tratando da aproximação cultural dos países da América Latina, para Garcia, Acevedo-Triana e López-López (2015), o significado de uma parceria entre essas culturas envolve sua importância, sua funcionalidade e seus resultados. Dessa maneira, a importância está associada às vantagens de uma cooperação científica latino-americana. A funcionalidade envolve trocas culturais e formação e expansão de redes de trabalho, o compartilhamento de informações e fontes, bem como a comparação de resultados de pesquisas, a diversidade de dados, sua validação e teorias. Seu significado vai além da pesquisa, envolvendo colaboração em nível de pós-graduação e eventos científicos. Os resultados incluem seu impacto científico em termos de disseminação de conhecimento e visibilidade, além de impacto político e social nacional, regional e internacional.

Em termos de relevância social, talvez o mais importante dessa cooperação intercultural fosse a aplicabilidade dos conhecimentos científicos gerados nessa tese aos imigrantes, às suas nações, continentes, já que "... a mobilidade humana traz desafios intermináveis e dificuldades vividas por todos os migrantes e, de uma forma ou de outra, características comumente compartilhadas" (SIMAI; BEANINGER, 2012b, p. 02). Todos os imigrantes poderiam se beneficiar das principais estratégias de inserção ao novo contexto trazidas por esse estudo, já que fazer amizades e se aproximar da nova cultura não exigem recursos financeiros nem aprovação legal.

De acordo com os participantes, a Espanha e Portugal possuem políticas públicas de apoio, acolhimento e informação ao imigrante que funcionam melhor na prática. No Brasil, apesar das garantias da Lei de Migração nº 13.445 de 24 de maio de 2017 (BRASIL, 2017), pôde-se constatar pelo relato dos imigrantes latino-americanos dessa pesquisa que infelizmente os mesmos carecem de suporte, apoio e informação durante o processo de imigração.

Essa tese descreveu e apontou algumas estratégias de enfrentamento diante desse processo complexo que se configura a migração de um país a outro, com ênfase na migração latino-americana e nas relações de amizade. A expectativa é que os migrantes, principalmente os que se encontram em situação de maior vulnerabilidade, como os refugiados, por exemplo, cujo número em 2014 já era estimado em 19,5 milhões (UNITED NATIONS, 2016), possam se beneficiar dessas estratégias, tendo uma adaptação que permita a preservação de sua cultura de origem, que favoreça sua construção identitária com aspectos da nova cultura, que os fortaleça psicologicamente e socialmente, bem como promova sua qualidade de vida no novo país.

Ao mesmo tempo, as populações dos países receptores de migrantes também deveriam ser mais bem preparadas e instruídas para acolher esses indivíduos com respeito, empatia e solidariedade que, via de regra, buscam melhores condições de vida e certamente podem contribuir para o desenvolvimento da sociedade de destino, com suas culturas de origem, seu conhecimento e sua força laboral. Poder-se-ia dizer que 1) a troca equilibrada de cultura e benefícios entre imigrante e sociedade receptora, 2) a equidade e 3) o respeito às múltiplas

diversidades culturais seja uma estratégia promissora para um processo migratório mais saudável, harmonioso e pacífico entre os povos.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERSON, C.L.; SHOEMAKER, C.; TOMOLILLO, C. Implicit bias and contact: the role of interethnic friendships. **Journal of Social Psychology**, v. 144, n.3, p. 335-347, 2004.
- ADAMS, R. G.; BLIEZSNER, R. An integrative conceptual framework for friendship research. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 11, n. 163, p. 163-184, 1994. DOI: 10.1177/0265407594112001.
- ALBERTASSI, I. F. et al. A amizade da infância à terceira idade: olhares diversos. In: GARCIA, A. (Org.). **Relacionamento interpessoal: olhares diversos**. Vitória: UFES, p. 93-114, 2005.
- ALVES, U.S. Imigrantes bolivianos em São Paulo e a Praça Kantuta e o futebol. In: BAENINGER, R. (Ed.) **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas, Brasil: NEPO/UNICAMP, p. 231-255, 2012.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. (Eds.). **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, p. 147-178, 1999.
- ANDRADE, G. R. B.; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 925-934, 2002.
- ANTONIO, A. L. The influence of friendship groups on intellectual self-confidence and educational aspirations in college. **The Journal of Higher Education**, v. 75, n. 4, p. 446-471, 2004.

- APARICIO, R.; TORNOS, A. **Las redes sociales de los inmigrantes extranjeros en España**. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2005.
- APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. 2ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- ARGYLE, M. **A interação social**: relações interpessoais e comportamento social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- ARRUDA, A.; GONÇALVES, L. P. V.; MULULO, S. C. C. Viajando com jovens universitários pelas diversas brasileiras: representações sociais e estereótipos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n.3, p. 503-511, 2008.
- ÁVILA-MOLERO, J. Redes personales de africanos y latinoamericanos en Cataluña, España. Análisis reticular de integración y cambio. **REDES** - Revista Hispana Para el Análisis de Redes Sociales, v. 15, n.5, p. 61-94, 2008.
- BÄCKSTRÖM, B.; CASTRO-PEREIRA, S. A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal. **Rev. Inter. Mob. Hum**, Brasília, ano XX, n. 38, p. 83-100, 2012.
- BERRY, J. W. A Psychology of immigration. **Journal of Social Issues**, v. 57, n. 3, p. 615-631, 2001.
- BERRY, J. W. Acculturation: living successfully in two cultures. **International Journal of Intercultural Relations**, Elsevier, n. 29, p. 697-712, 2005. DOI:10.1016/j.ijintrel.2005.07.013.
- BERRY, J. W. Integration and multiculturalism: ways towards social solidarity. **Papers on Social Representations**, n. 20, p. 2.1-2.21, 2011. ISSN 1021-5573.

- BERRY J. W. et al. **Cross-cultural Psychology**: research and applications. Second Edition. Cambridge University Press, 2002. ISBN: 978-0-511-07761-6 e-Book.
- BERRY, J. W.; SABATIER, C. Variations in the assessment of acculturation attitudes: their relationships with psychological wellbeing. **International Journal of Intercultural Relations**. Elsevier, 2011. DOI: 10.1016/j.ijintrel.2011.02.002.
- BEZERRA, S. A. C.; VIERIA, A. Dilemas e desafios vividos por mulheres que migram em função do trabalho do cônjuge. **RAM**, Rev. Adm. Mackenzie, São Paulo, v. 14, n.6, p. 216-243, 2013. ISSN 1518-6776 (impresso). ISSN 1678-6971 (*online*).
- BÓGUS, L. Esperança além-mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro. In: MALHEIROS, J. M. (Org.). **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Paulinas Editora; Artipol, p. 39-58, 2007. ISBN: 978-989-8000-30-9.
- BRASIL. Lei de Migração nº 13.445 de 24 de maio de 2017. **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm. Acesso em 19 de junho de 2017.
- BRITTON, M. L. Close together but worlds apart? Residential integration and interethnic friendship in Houston. **City & Community**, v. 10, n. 2, p. 182–204, 2011.
- BUSSAB, V. S. R. A complexidade da vinculação afetiva humana: reflexões sobre a contribuição da etologia. In: GARCIA, A.; TOKUMARU, R. S.; BORLOTI, E.

- B. (Orgs.). **Etologia:** uma perspectiva histórica e tendências contemporâneas. Vitória: Multiplicidade, p. 73-85, 2005.
- BUSSAB, V. S. R.; RIBEIRO, F. J. L. Biologicamente cultural. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Orgs.). **Psicologia:** reflexões (in) pertinentes. 1 ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 175-193, 1998.
- CÁCERES, J. G. Las nuevas tecnologías de información y comunicación y las políticas culturales en México: ingeniería en comunicación social del servicio de redes sociales Facebook. **Intercom** – RBCC, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 175-196, 2011.
- CARVALHO, A. M. A. Etologia e comportamento social. In: SOUZA, L., FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Orgs.). **Psicologia:** reflexões (in) pertinentes. 1 ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 195-224, 1998.
- CEPAL. **Contribuciones de la CEPAL en el campo de la migración internacional desde los derechos humanos y el desarrollo.** Montevideo: CEPAL, 2013.
- CEPAL. **Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.** 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/cepal-285-milhoes-de-latino-americanos-e-caribenhos-residem-fora-de-seus-paises-de-nascimento/>. Acesso em 02 de maio de 2017.
- COLLIER, M. J.; BORNMAN, E. Core symbols in South African intercultural friendships. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 23, n. 1, p. 133-156, 1999.

- COSTA, D. C.; SÁ, M. J.; CALHEIROS, J. M. The effect of social support on the quality of life of patients with multiple sclerosis. **Arq. Neuropsiquiatr.**, v. 70, n. 2, p. 108-113, 2012.
- COSTA, L. Q. M. **Amizades interculturais**: um estudo com gregos no Espírito Santo. Tese de doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória – ES, 2012.
- COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CROSSMAN, J.; BORDIA, S. Friendship and relationships in virtual and intercultural learning: internationalizing the business curriculum. **Australian Journal of Adult Learning**, v. 51, n. 2, p. 329-354, 2011.
- DE FEDERICO DE LA RÚA, A. **Réseaux d'identification à l'Europe. Amitiés et identities d'étudiants Européens**. Tese de Doutorado, Lille and Pamplona: Université de Lille 1 and Universidad Pública de Navarra, 2003.
- DEBRUIN-PARECKI, A.; KLEIN, H. A. Stvaranje prijatelja/making friends: multimodal literacy activities as bridges to intercultural friendship and understanding. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 46, n. 6, p. 506-513, 2003.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Desenvolvimento da competência social e relações interpessoais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 30-45, 2001. ISBN: 85-326-2596-7.

- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999. ISBN: 85.326.2142-2.
- DOMÍNGUEZ, S.; MAYA-JARIEGO, I. Acculturation of host individuals: immigrants and personal networks. **American Journal of Community Psychology**, n. 42, p. 309-327, 2008.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- FISCHER, C. T. **Qualitative research methods for psychologists: introduction through empirical studies**. USA: Elsevier, 2006. ISBN: 0-12-088470-4.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONG, E.; ISAJIW, W. W. Determinants of friendship choices in multiethnic society. **Sociological Forum**, v. 15, n. 2, p. 249-271, 2000.
- FOZDAR, F. "I've never looked at someone and thought what colour they are": contact theory and interracial friendship in New Zealand. **Journal of Intercultural Studies**, v. 32, n. 4, p. 383-405, 2011.
- GALDOS, M. et al. Identifying at-risk states beyond positive symptoms: a brief task assessing how neurocognitive impairments impact on misrepresentation of the social world through blunted emotional appraisal. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 33, n. 2, p. 175-185, 2011.
- GARCIA, A. Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 285-294, 2005a.

- GARCIA, A. Relacionamento interpessoal: uma área de investigação. In: GARCIA, A. (Org.). **Relacionamento interpessoal: olhares diversos**. Vitória: UFES, p. 7-27, 2005b.
- GARCIA, A. Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 4, p. 471-479, 2012a.
- GARCIA, A. Amizades internacionais de universitários brasileiros: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 313-319, 2012b.
- GARCIA, A. Regional migration in Latin America: a review. In: PETERSON, C. (Ed.). **Latin America: economic, social and political issues of the 21st century**. New York: Nova Science Publishers, p. 59-82, 2016.
- GARCIA, A.; ACEVEDO-TRIANA, C. A.; LÓPEZ-LÓPEZ, W. The meaning of and proposals for Latin-American cooperation in Psychology. **Psykhé**, v. 24, n. 2, p. 1-12. 2015. DOI: 10.7764/psykhe.24.2.765.
- GARCIA, A.; BITENCOURT-NETO, C. et al. Amizades internacionais de universitários brasileiros: uma análise dos episódios marcantes. In: GARCIA, A. (Org.). **Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar**. Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal – ABPRI, p. 196-208, 2010.
- GARCIA, A.; BRANDÃO, L. R. et al. Amizades interamericanas de estudantes universitários brasileiros: um estudo descritivo. In: GARCIA, A. (Org.). **Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar**. Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal – ABPRI, p. 169-181, 2010.

- GARCIA, A.; COSTA L. Q. M.; PEREIRA-OLIVEIRA, M. S. The friendships of international migrants in Latin America. In: GARCIA, A. (Ed.) **International friendships: the interpersonal basis of a worldwide community**. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, p. 26-41, 2016.
- GARCIA, A.; DETTOGNI, F. G. et al. Amizades intercontinentais de estudantes universitários brasileiros: um estudo exploratório. In: GARCIA, A. (Org.). **Relacionamento interpessoal: uma perspectiva interdisciplinar**. Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal – ABPRI, p. 182-195, 2010.
- GARCIA, A. et al. Friendship in Latin America social comparative studies. **Interpersona**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2016. DOI: 10.5964/ijpr.v10i1.227.
- GARCIA, A.; GOES, D. C. Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 1, p. 138-153, 2010.
- GARCIA, A.; MIRANDA, R. F. A celebrated trilogy on friendship. **Interpersona**, v. 2, n. 1, p. 127-130, 2008.
- GARCIA, A.; MIRANDA, R. F. Amizades interculturais, inter-étnicas, inter-raciais e internacionais. In: SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. (Orgs.). **Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 229-260, 2012.
- GARCIA, A.; RANGEL, P. M. V. Amizades de universitários cabo-verdianos no Brasil. **Psicologia Argumento**, n. 29, p. 201-208, 2011.
- GOIS, P. et al. Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. In: PADILLA, B.; XAVIER, M. (Orgs.). **Revista**

- Migrações** – Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Lisboa: ACIDI, n. 5, p. 111-133, 2009.
- GOMES, L. G. N.; SILVA-JUNIOR, N. Sobre a amizade em tempos de solidão. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 57-64, 2007.
- GOMES-VILLAS BOAS, L. C. et al. Relationship among social support, treatment adherence and metabolic control of diabetes mellitus patients. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 20, n. 1, p. 52-58, 2012.
- GRIEVE, R. et al. Face-to-face or Facebook: can social connectedness be derived online? **Computers in human behavior**, n. 29, p. 604-609, 2013.
- HASHIM, I. H. M.; MOHD-ZAHARIM, N.; KHODARAHIMI, S. Factors predicting inter-ethnic friendships at the workplace. **Interpersona**, v. 6, n. 2, p.191-199, 2012. DOI: 10.5964/ijpr.v6i2.100.
- HERRERO, J.; FUENTE, A.; GRACIA, E. Covariates of subjective well-being among Latin American immigrants in Spain: the role of social integration in the community. **Journal of Community Psychology**, v. 39, n. 7, p. 761–775, 2011.
- HIERRO, M. Latin American Migration to Spain: main reasons and future perspectives. **International Migration**. 2013.
- HINDE, R. A. **Relationships: a dialectical perspective**. Cambridge – UK: Psychology Press, 1997.
- HIRSCH, O. Migrações sul-sul: o caso dos bolivianos no Brasil e na Argentina. **Observador On-Line**, v. 3, n. 4, p. 1-18, 2008.

- HUNTER, L.; ELIAS, M. J. Interracial friendships, multicultural sensitivity, and social competence: how are they related? **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 20, n. 4, p. 551-573, 1999.
- ISPN. **International Scientific Psychology Network**. 2014. Disponível em: <https://psicologiacoopera.org/>. Acesso em 27 de agosto de 2014.
- JACOBSON, C. K.; JOHNSON, B. R. Interracial friendship and African American attitudes about interracial marriage. **Journal of Black Studies**, n. 36, p. 570-584, 2006. DOI: 10.1177/0021934705277472.
- KAO, G.; JOYNER, K. Do race and ethnicity matter among friends? Activities among interracial, interethnic, and intraethnic adolescent friends. **Sociological Quarterly**, v. 45, n. 3, p. 557-573, 2004.
- KAO, G.; VAQUERA, E. The salience of racial and ethnic identification in friendship choices among hispanic adolescents. **Hispanic Journal of Behavioral Sciences**, v. 28, n. 1, p. 23-47, 2006.
- KOUVO, A.; LOCKMER, C. Imagine all the neighbours: perceived neighbourhood ethnicity, interethnic friendship ties and perceived ethnic threat in four nordic countries. **Urban Studies**, 2013.
- KOYBAEVA, T.; RATLIFF, R. L. Cross-cultural considerations in relationship theory. In: GARCIA, A. (Org.). **Personal relationship: international studies**. Vitória: UFES, p. 21-32, 2006.
- LIROLA, M. M. La representación de las mujeres inmigrantes em uma muestra de la prensa española. In: SALINAS, A. I. A.; IRANZO, A.; CABRAL, R. (Orgs.) **Comunicación, conflictos y cambio social**. Bauru: UNESP/ FAAC, p. 258-274, 2015. ISBN: 978-85-99679-72-2.

- MACHADO, I. J. R. Imigração em Portugal. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 119- 35, 2006.
- MALHEIROS, J. M. **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Paulinas Editora; Artipol, 2007. ISBN: 978-989-8000-30-9.
- MARTÍNEZ, M.; GARCÍA-RAMÍREZ, M.; MAYA, I. Social support and locus of control as predictors of psychological well-being in Moroccan and Peruvian immigrant women in Spain. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 26, n. 3, p. 287-310, 2002.
- MARTINS-JUNIOR, F. E. et al. Social cognition and Theory of Mind: controversies and promises for understanding major psychiatric disorders. **Psychology & Neuroscience**, v. 4, n. 3, p. 347-351, 2011.
- MAYA-JARIEGO, I.; MARTÍNEZ, M. F.; GARCÍA, M. Cadenas migratorias y redes de apoyo social de las mujeres peruanas en Sevilla. **Demófilo**, Revista de Cultura Tradicional de Andalucía, n. 29, p. 87-105, 1999.
- MERIZIO, L. Q.; GARCIA, A.; PONTES, F. A. Brincadeira e amizade na infância: lembranças de imigrantes libaneses vivendo no Brasil. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, n. 1, p. 123-135, 2008.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda, 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 19 de junho de 2017.
- MIGUEL-LUKEN, V.; CARVAJAL-GUTIÉRREZ, C. Percepción de la inmigración y relaciones de amistad con los extranjeros en los institutos. **Migraciones**, Madrid, n. 22, p. 147-190, 2007.

- MIGUEL-LUKEN, V.; TRANMER, M. Personal support networks of immigrants to Spain: a multilevel analysis. **Social Networks**, v. 32, n. 4, p. 253–262, 2010.
- MILEM, J. F.; CHANG, M. J.; ANTONIO, A. L. Making diversity work on campus: a research-based perspective. **Making Excellence Inclusive**. Association of American Colleges and Universities, 2005.
- NUNAN, C.; PEIXOTO, J. Crise econômica e retorno dos brasileiros imigrantes em Portugal. **Rev. Inter. Mob. Hum**, Brasília, ano XX, n. 38, p. 233-250, 2012.
- OLIVEIRA, M. M. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 183-196, 2006.
- OLIVEIRA, M. V. et al. Evaluación sociométrica de las relaciones interpersonales em um grupo de personas com transtornos mentales. Artículos Científicos, **Enfermería Integral**, p. 28-33, 2005.
- OLIVEIRA, A. C. V.; MORERIA, P. G. Os imigrantes ilegais da Colômbia, Bolívia e Haiti no Brasil: considerações do ponto de vista da Segurança Internacional. **Mural Internacional**, v. 4, n. 2, p. 63-71, 2013.
- ONU-BR. **Organização das Nações Unidas no Brasil**. Nações Unidas, 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/>. Acesso em 19 de junho de 2017.
- ORTIZ, F. R. F. Análisis crítico sobre las migraciones procedentes de Perú y Bolivia. El discurso periodístico de El Mercurio y La Tercera. **Si Somos Americanos**, n. 6, p. 123-148, 2004.
- PADILLA, B. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, J. M. (Org.). **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Paulinas Editora; Artipol, p. 113-134, 2007. ISBN: 978-989-8000-30-9.

- PARK, N.; LEE, S.; KIM, J. H. Individuals' personal network characteristics and patterns of Facebook use: a social network approach. **Computers in human behavior**, n. 28, p. 1700-1707, 2012.
- PEIXOTO, J.; EGREJA, C. A força dos laços fracos: estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 24, n. 1, p. 263-181, 2012.
- PELLEGRINO, A. Migration from Latin America to Europe: trends and policy challenges. **International Organization for Migration**, Genebra: IOM Migration Research Serie, n.16, 2004.
- PERRY, S. L. Racial composition of social settings, interracial friendship, and whites' attitudes toward interracial marriage. **The Social Science Journal**, v. 50, n. 1, p. 13-22, 2013.
- PRETURLAN, R. B. **Mobilidade e classes sociais: o fluxo migratório boliviano para São Paulo**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Sociologia, 2012.
- QUIÑONES, J. C. G.; CHAVARRIAGA, G. R. Prevalencia de felicidad em ciclos vitales y relación con redes de apoyo em población colombiana. **Rev. Salud Pública**, v. 12, n. 2, p. 228-238, 2010.
- RAWLINS, W. K. **Compass of friendship: narratives, identities and dialogues**. Sage Publications, 2008. pISBN 9781412952972, eISBN 9781452214054.
- REIS, H. Migrações, fronteiras e espaços interculturais. **Intexto**, v. 1, n. 10, p. 1-17, 2004.

- RYDGREN, J.; SOFI, D.; HÄLLSTEN, M. Interethnic friendship, trust, and tolerance: findings from two North Iraqi cities. **American Journal of Sociology**, v. 118, n. 6, p. 1650-1694, 2013.
- SANS, A.P.; MIGUEL-LUKEN, V.; SOLANA-SOLANA, M. **Redes sociales de apoyo**. La inserción de la población extranjera. Bilbao: Fundación BBVA, 2007. ISBN: 978-84-96515-37-6.
- SANTOS, M. A. et al. Social representations of people with diabetes regarding their perception of family support for the treatment. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 45, n. 3, p. 649-656, 2011.
- SCHWARTZ, A.L.; GALLIHER, R.V.; DOMENECH-RODRÍGUEZ, M. M. Self-disclosure in Latinos' intercultural and intracultural friendships and acquaintanceships: links with collectivism, ethnic identity, and acculturation. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, v. 17, n. 1, p. 116-121, 2011.
- SIAS, P. M., et al. Intercultural friendship development. **Communication Reports**, v. 20, n.1-2, p. 1-13, 2007.
- SILVA, G. T. Amizade: tão perto, tão longe. In: GARCIA, A. (Org.). **Relacionamento interpessoal: olhares diversos**. Vitória: UFES, p. 41-49, 2005.
- SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.
- SILVA, S. A. Migração Internacional recente no Amazonas: o caso dos hispano-americanos. **Contexto Internacional**, v. 33, n. 1, p. 155-177, 2011.

- SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: dinâmica cultural, processos identitários. In BAENINGER, R. (Ed.) **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas, Brasil: NEPO/UNICAMP, p. 19-34, 2012.
- SILVA, S.; SCHILTZ, A. A relação entre os imigrantes brasileiros e os portugueses – a construção de imagens recíprocas. In: MALHEIROS, J. M. (Org.). **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Paulinas Editora; Artipol, p.155-170, 2007. ISBN: 978-989-8000-30-9.
- SIMAI, S.; BAENINGER, R. Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo. In: BAENINGER, R. (Ed.) **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas, Brasil: NEPO/UNICAMP, p. 195-210, 2012a.
- SIMAI, S.; BEANINGER, R. Mobilidade urbana e a diversidade sociocultural. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 121. p. 1281-1282, 2012b. ISSN: 0101-7330. DOI: doi.org/10.1590/S0101-73302012000400020.
- SINIVER, E. Culture, investment in language and earnings. In: EPSTEIN, G. S.; GANG, I. N. **Frontiers of economics and globalization: migration and culture**. UK: Emerald Group Publishing Limited, v. 8., p. 269-292, 2010. ISBN: 978-0-85724-153-5. ISSN: 1574-8715.
- SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. Relacionamentos pessoais e sociais: amigades em adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, 2008.
- SOUZA, L. K.; SEDIYAMA, C. Y. N. Amigades internacionais: panorama da literatura empírica e um estudo descritivo. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 36, p. 6-28, 2012.
- TAJRA, V. Marco civil da internet no Brasil: a legitimação de interesses de uma sociedade. In: SALINAS, A. I. A.; IRANZO, A.; CABRAL, R. (Orgs.).

Comunicación, conflictos y cambio social. Bauru: UNESP/ FAAC, p. 71-83, 2015. ISBN: 978-85-99679-72-2.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. **International Migration Report.** New York, 2013. Disponível em: http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/migration/migrationreport2013/Full_Document_final.pdf. Acesso em: 17 de agosto de 2016.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. **International Migration Report 2015: Highlights** (ST/ESA/SER.A/375). 2016. Disponível em: http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2015_Highlights.pdf. Acesso em 02 de maio de 2017.

VASCONCELOS, L. M. Interculturalidade. **Mais Definições em Trânsito.** 2017. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2017.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da Pesquisa: Amizade e Migração Latino-Americana

Pesquisadora: Mariana Sarro Pereira de Oliveira

Instituição: UFES – Universidade Federal do Espírito Santo / PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Objetivo da Pesquisa: Investigar amizades de imigrantes latino-americanos residindo no Brasil, e de emigrantes brasileiros residindo em outros países da América Latina, Espanha e Portugal.

Descrição do Procedimento: Será aplicado um questionário com os participantes acerca de aspectos de suas amizades através de *e-mail*.

Benefícios: Espera-se que os resultados contribuam para o estreitamento de relações, incluindo as amistosas, não apenas entre pessoas, como também entre as próprias nações pesquisadas, promovendo maior cooperação social, cultural e científica entre esses e outros países. Além disso, podem ser indicados possíveis fatores que estejam distanciando comunidades intercontinentais (por exemplo, brasileiros e espanhóis ou brasileiros e portugueses) e/ou latino-americanas (por exemplo, brasileiros e outros latino-americanos) e, principalmente, de potenciais fatores que possam aproximar as mesmas.

Análise de risco e sigilo: Todo o procedimento de pesquisa descrito obedecerá rigorosamente aos critérios éticos estabelecidos pela legislação vigente que regulamenta pesquisa com seres humanos. A aplicação do questionário seguirá técnica padrão cientificamente reconhecida. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes pela pesquisadora. Os dados coletados serão mantidos por cinco anos e depois serão inutilizados. A previsão do período para os procedimentos descritos é de agosto de 2014 a julho de 2015.

DADOS DA PESQUISADORA

Profa. Ma. Mariana Sarro Pereira de Oliveira – Professora de Psicologia do Instituto Federal Minas Gerais (IFMG) – Câmpus Governador Valadares e Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGP/UFES)

Telefones: (33) 3279-0212/ (33) 99133-3040. E-mail: mariana.sarro@ifmg.edu.br

**DADOS DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS,
UFES/CAMPUS GOIABEIRAS**

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Campus Universitário de Goiabeiras,
Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970
Telefone: (27) 4009-7840. E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

Estando de acordo, assina o presente termo de consentimento.

Participante

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____

_____, _____ de _____ de 20____.

Por favor, responda a todas as perguntas com o maior detalhamento possível. Qualquer dúvida, entre em contato com a pesquisadora.

Questionário

1. Pequena biografia: data de nascimento, dados referentes à região onde nasceu, à família, aos filhos – onde nasceram – aos aspectos religiosos, ao idioma, às particularidades da família e do participante a) no contexto do país atual e b) de sua cultura.
2. Há quanto tempo está no novo país? Por qual motivo veio para esse novo país? Qual a sua opinião sobre o país?
3. Já retornou ao seu país para visitá-lo? Como foi?
4. Você mantém contato com algum parente no seu país de origem?

5. Cite seus cinco amigos mais próximos, a nacionalidade e o local de residência de cada um deles.
6. Você mantém vínculos de amizade no seu país de origem? Como são (eram) essas amizades? Qual a duração desses relacionamentos? Qual o meio para contato com seus amigos em seu país de origem? Com que frequência vocês se falam?
7. Como é quando você encontra seus amigos de seu país de origem (no país de origem)? O que costumam fazer juntos?
8. Você fez novas amizades no novo país? Com quem foram feitas essas amizades (pessoas do seu país de origem, do seu país de destino ou outros migrantes)?
9. Você tem amigos nativos do novo país? Como começou(aram) essa(s) amizade(s)? Você tem amigos de sua nacionalidade no novo país? Como começou(aram) essa(s) amizade(s)? Você tem amigos latino-americanos no novo país? Como começou(aram) essa(s) amizade(s)?
10. Qual era a sua visão acerca dos nativos antes de tecer relacionamentos de amizade com eles? Houve mudança em sua concepção?
11. Como é(são) essa(s) amizade(s)? Como as diferenças culturais afetam essas amizades?
12. O que você costuma fazer junto de seus amigos do novo país? Como você vê o fato de ser de outro país nos interesses em comum com seus amigos? Você acha que esses interesses sofrem influência cultural do local?
13. Qual o papel dos seus amigos de seu próprio país ou de outros países para a adaptação a este novo país?

14. Você percebe preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de ser alguém de outro país?
15. Quais as semelhanças que você percebe entre suas amizades com pessoas de seu país de origem, com pessoas do novo país e com outros latino-americanos? E as diferenças?
16. Quais as principais semelhanças que você percebe na forma como as pessoas de seu país de origem e as pessoas do novo país concebem a amizade? E as principais diferenças?
17. Qual o significado das amizades para a percepção do país onde mora atualmente?
18. Em suma, qual o significado das amizades na sua vida como alguém que passou a viver em outro país?
19. Você acha que, por viver em outro país, os amigos possam substituir as relações com familiares do país de origem?
20. Quando migrou, você sentiu alguma necessidade social como acolhimento, ajustamento ou adaptação à nova cultura? Como lidou com isso?
21. Você sugere possíveis caminhos para uma melhor adaptação e ajustamento do emigrante a novas culturas?